



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA- BAIRRO ININGA
CEP 64.049-550 - TERESINA-PI**

HÉSLA MARQUES DA SILVA MOTA

O MUNDO-DA-VIDA NA PERSPECTIVA DA RENOVAÇÃO EM HUSSERL

**TERESINA
2024**

HÉSLA MARQUES DA SILVA MOTA

O MUNDO-DA-VIDA NA PERSPECTIVA DA RENOVAÇÃO EM HUSSERL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí para obtenção de título de Mestre em Filosofia.

Orientador(a): Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista.

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo José Marandola Jr.

**TERESINA
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

M917m Mota, Hésia Marques da Silva.
O mundo-da-vida na perspectiva da renovação em Husserl /
Hésia Marques da Silva Mota. -- 2024.
108 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências Humanas e Letras, Pós-Graduação em
Filosofia, Teresina, 2024.

“Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista”.

1. Renovação. 2. Mundo-da-vida. 3. Crise. 4. Fenomenologia.
I. Mota, Hésia Marques da Silva. II. Título.

CDD 105

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Campus Universitário Ministro Petrônio Portela – Bairro Ininga
CEP 64.049-550 – Teresina - PI Fone/Fax: (86) 3237-1134

ATA Nº 08/2024

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM FILOSOFIA, REALIZADA EM
29/04/2024.

Aos vinte e nove dias do mês de abril de 2024, às 09h, em sala virtual, através da plataforma google meet no Centro de Ciências Humanas e Letras-CCHL/ UFPI reuniu-se em sessão pública a Banca examinadora da Dissertação de Mestrado intitulada "O mundo-da-vida na perspectiva da renovação em Husserl", de Hesla Marques da Silva Mota, candidata ao título de MESTRA EM FILOSOFIA. A Banca examinadora foi constituída pelos Professores Doutores: **Gustavo Silvano Batista (UFPI), (Orientador e presidente); Eduardo Marandola Junior (UNICAMP), (Co-Orientador); José Ricardo Barbosa Dias (UFPI), (Examinador Interno do Programa); e Marcelo Fabri (UFSM), (Examinador Externo ao Programa).** A sessão foi aberta pelo Senhor Presidente que deu início aos trabalhos, convidando a candidata a fazer breve exposição sobre a Dissertação em julgamento, concedendo-lhe para isto o tempo máximo de trinta minutos. Findada a exposição, o Presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora, esclarecendo que cada um dispunha de até trinta minutos para a arguição e a Candidata do mesmo tempo para respectivas respostas. A arguição foi iniciada pelo Professor Dr. Marcelo Fabri, seguindo-se a este o Professor Dr. José Ricardo Barbosa Dias e, finalizando, o Professor Dr. Eduardo Marandola Junior Co-Orientador e Gustavo Silvano Batista, orientador da Dissertação. A mestranda respondeu a todos os questionamentos. A seguir, a Banca Examinadora pediu que os presentes se retirassem da sala para análise e deliberação sobre a Dissertação apresentada. Em seguida, os examinadores deram conhecimento do julgamento para o público presente. O Senhor Presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a dissertação APROVADA. O Presidente congratulou-se com a Candidata, agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão às 10h51 min. E para constar, foi lavrada a presente ata que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Teresina, 29 de abril de 2024

Documento assinado digitalmente



GUSTAVO SILVANO BATISTA

Data: 29/04/2024 14:09:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gustavo Silvano Batista (UFPI/PPGFIL)

Orientador

Documento assinado digitalmente



EDUARDO JOSE MARANDOLA JUNIOR

Data: 29/04/2024 18:19:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Marandola Junior (Unicamp)

Co-Orientador



Prof. Dr. Marcelo Fabri (UFSM)
Examinador Externo do Programa

Prof. Dr. José Ricardo Barbosa Dias (UFPI/PPGFIL)
Examinador Interno do Programa

Documento assinado digitalmente



JOSE RICARDO BARBOSA DIAS
Data: 29/04/2024 16:34:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe Lindaura Januário, por me dar todo suporte emocional e financeiro para que alcançasse esse objetivo, a Karla Bandeira por apoiar minha audácia na filosofia e pelas madrugadas em claro debatendo sobre Husserl, ao meus pais, irmã, cunhado e sobrinho por fazerem parte da minha família. Agradeço a Deus, Deuses e Deusas que, misteriosamente, conduziram minha caminhada. Ao meu orientador Gustavo Silvano e coorientador Eduardo Mandarola por acreditarem no meu tema e lapidarem o desenvolvimento dele.

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas...

Ah! tudo bolhas
que vem de fundas piscinas
de ilusionismo... — mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

Vem a lua, vem, retira
as algemas dos meus braços.
Projeto-me por espaços
cheios da tua Figura.
Tudo mentira! Mentira
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...

Só — no tempo equilibrada,
desprendo-me do balanço
que além do tempo me leva.

Só — na treva,
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.

(Reinvenção - Cecília Meireles)

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo geral problematizar o mundo-da-vida na perspectiva da renovação em Husserl. Como ponto de partida temos os artigos da revista *Kaizo*, mais especificamente no terceiro e quarto, sendo eles “Renovação como Problema Ético-individual” (1924) e “Renovação e Ciência” (1922/23), publicado na obra “Europa: Crise e Renovação” (2014). No contexto da renovação encontramos Husserl bastante preocupado com o futuro da humanidade, especialmente a Europeia. Tal preocupação filosófica permite um diálogo com a cultura, a ciência e a filosofia no final do século XIX e início do século XX, assim como na experiência da primeira guerra mundial (1914-1918), que levou Husserl à análise da crise e a propor soluções através da filosofia fenomenológica. Nessa triagem, deparamo-nos com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*) em um panorama reducionista das experiências humanas, dentro do aceleração das ciências naturais, uma vez que se fecha na “matematização da natureza” levando a humanidade à uma crise econômica, cultural, racional e exponencialmente filosófica. O mundo-da-vida husserliano foi apresentado como algo esquecido pelas ciências modernas; é uma instância conceitual e concreta da vida humana, no qual há o verdadeiro sentido. Desse ponto de vista buscamos mostrar que o debate sobre renovação oferece ao seu reposicionamento filosófico, uma vez que este tem força geradora para aguçar nossa crítica, reflexão e o alinhamento do nosso filosofar em direção às atitudes renovadas perante a uma crise. Husserl direciona as concepções reflexivas ativas do mundo cotidiano, a fim de trazer o sujeito ao seu lugar originário que é o mundo-da-vida, conceito este que faz lembrar que o sujeito do conhecimento tem um lugar fundamental. Desta forma, fez-se necessário a divisão desta dissertação em dois momentos. No primeiro, contextualizamos o conceito e a construção do que é a renovação para Husserl, explicamos as caracterizações do mundo-da-vida em sua compreensão direcionada para a ciência e para a vida, aspectos gerais da fenomenologia na perspectiva husserliana de lidar com a crise; também apontamos o significado de Europa no debate com a ideia de renovação e crise. No segundo momento oferecemos uma exposição da relação entre crise, renovação e mundo-da-vida, com foco na discussão sobre o voltar-se ao mundo-da-vida com a renovação através de uma reforma cultural, que passa pela ética, razão, experiência, horizonte e por uma ciência estrita, que sirva de orientação para a humanidade voltar-se a um exercício de autorregulação diante desse colapso, e restabelecesse a filosofia ao seu papel principal. Ressaltamos que mesmo que a ética esteja na salvaguarda do conceito, não fechando nossa compreensão somente pela exigência ética. Com isso, conferimos que a renovação husserliana não foi apenas uma pretensão teórica ou uma vontade resumida por um contexto desencorajador da existência humana, mas antes de tudo, um caminho possível no âmbito de uma coletividade, passando por uma investigação rigorosa e crítica. Vimos que Husserl dá à filosofia o papel principal para o ressignificado da humanidade e a retira de abstrações e objetivções que a levaram a situação de crise, por desvincular o sujeito do mundo que o pertence e por permitir que as ciências naturais matematizassem o mundo-da-vida. Assim, enfatizamos a renovação abre caminho para aceitação do mundo-da-vida como parte do conhecimento humano e científico e da intersubjetividade como construção de sentido para as ciências.

Palavras-chave: Renovação, Mundo-da-vida, Crise, Fenomenologia.

ABSTRACT

The present dissertation has the general objective of problematizing the life-world from the perspective of renewal in Husserl. As a starting point, we have the articles from the *Kaizo* magazine, more specifically the third and fourth, "Renovation as an Ethical-Individual Problem" (1924) and "Renovation and Science" (1922/23), published in the work "Europa: Crisis and Renewal" (2014). In the context of renewal, Husserl is very concerned about the future of humanity, especially in Europe. Such philosophical concern allows for a dialogue with culture, science, and philosophy at the end of the 19th century and beginning of the 20th century, as well as in the experience of the First World War (1914-1918), which led Husserl to analyze the crisis and propose solutions through phenomenological philosophy. In this screening, we are faced with the life-world (*Lebenswelt*) in a reductionist panorama of human experiences within the acceleration of natural sciences, as it closes in on the "mathematization of nature" leading humanity to an economic crisis, cultural, rational, and exponentially philosophical. The Husserlian life world was presented as something forgotten by modern sciences; It is a conceptual and concrete instance of human life in which there is true meaning. From this point of view, we seek to show that the debate on renewal offers philosophical repositioning since it generates a force to sharpen our criticism, reflection, and the alignment of our philosophizing towards renewed attitudes in the face of a crisis. Husserl directs the active, reflective conceptions of the everyday world in order to bring the subject to its original place, which is the life world, a concept that reminds us that the subject of knowledge has a fundamental place. Therefore, it was necessary to divide this dissertation into two moments. In the first, we contextualize the concept and construction of what renewal is for Husserl; we explain the characterizations of the life-world in its understanding directed towards science and life, general aspects of phenomenology in the Husserlian perspective of dealing with the crisis; we also point out the meaning of Europe in the debate with the idea of renewal and crisis. In the second moment, we offer an exposition of the relationship between crisis, renewal, and the world of life, focusing on the discussion about returning to the world of life with renewal through a cultural reform, which involves ethics, reason, experience, horizon and a strict science, which serves as a guide for humanity to turn to an exercise of self-regulation in the face of this collapse and reestablishes philosophy to its prominent role. We emphasize that even though ethics safeguards the concept, it does not close our understanding solely due to ethical requirements. With this, we see that Husserlian renewal was not just a theoretical pretension or a desire summarized by a discouraging context of human existence but a possible path within the scope of a collective, undergoing rigorous and critical investigation. We saw that Husserl gives philosophy the primary role in re-signifying humanity and removes it from the abstractions and objectification that led it to a crisis by detaching the subject from the world that belongs to him and by allowing the natural sciences to mathematize the world of -life. Thus, we emphasize renewal paves the way for acceptance of the life-world as part of human and scientific knowledge and intersubjectivity as a construction of meaning for the sciences.

Keywords: Renewal, Lifeworld, Crisis, Phenomenology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - RENOVAÇÃO, MUNDO-DA-VIDA E CRISE EM HUSSERL..	20
1.1- O manifesto da renovação husserliana	20
1.2- Caracterização do mundo-da-vida husserliano	31
1.3- A crise da humanidade na perspectiva de Husserl	41
CAPÍTULO 2 - RENOVAÇÃO E MUNDO-DA-VIDA FRENTE À CRISE	57
2.1- Seria a renovação um caminho de superação da crise?.....	57
2.2- Voltar-se ao mundo-da-vida como uma possível resposta à crise....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	101

INTRODUÇÃO

De matemático a filósofo, de professor a fenomenólogo, Edmund Husserl se propôs analisar à finco a fundamentação da ciência experimental de seu tempo. Ao questionar-se sobre seu fundamento, voltou-se a uma tarefa pensada como uma reflexão fundamental sobre a natureza do conhecimento e sua relação com a razão humana. Tal reflexão se aprofundou na consideração da estrutura da consciência humana, marcada pela intencionalidade, indicando assim um percurso filosófico que, passando pela busca de uma crítica do conhecimento, não abriu mão do papel da filosofia diante dos desafios de sua época.

Husserl viveu um momento peculiar da vida na Europa, marcada por duas grandes guerras, pelo intenso desenvolvimento científico e pelo papel subserviente da filosofia enquanto fundamentação das ciências positivas. O posicionamento filosófico-crítico de Husserl encontra nesse contexto dois problemas, a saber, o naturalismo e o psicologismo. Mais especificamente, o filósofo critica a redução do mundo percebido cientificamente a simples fatos naturais, deixando-os cabíveis de controle, tornando-os objetos de estudo a serem devidamente dominados pelas ciências modernas que, por sua vez, justificam que o único conhecimento válido é o científico, que a tudo poderia prever e monitorar.

A crise da ciência é, para Husserl, um processo que se inicia com o domínio de um certo modelo da ciência positiva, que se destaca pelo modo de lidar com o conhecimento científico como resultado de experimentações acerca da engrenagem do mundo; e sua relação com a vida em geral. Por isso, a ciência acaba por muitas vezes assumindo questões que são próprias da filosofia, a saber, o sentido da vida, a finalidade última da própria ciência, a fé da humanidade nela mesma, promovendo um descolamento do mundo vital, para o mundo tal como é visto pela ciência. Por isso, o contexto da crise é fundamental para vislumbrarmos em quais termos Husserl lida com o tema da renovação.

Em linhas gerais, o naturalismo foi resultado do objetivismo imposto pelas ciências positivas e se tornou “o objeto da crítica de Husserl”, uma vez que esse resultado marca o “dualismo na interpretação do mundo (sujeito/objeto)” desde a modernidade. Tourinho (2021, p.3), ao falar do naturalismo, menciona que as “ciências da natureza tendem a considerar tudo como ‘natural’ e nesse sentido,

mantém-se preso à concepção segundo a qual tudo o que existe, ou é propriamente físico ou apesar de psíquico é mera variação dependente do físico”. Para Husserl, a concepção naturalista não se depara com outra coisa senão a visão científica da própria natureza, considerando-a em termos materiais.

Já o psicologismo equivocar-se-ia em minimizar as vivências exclusivamente a eventos ou fatos psíquicos em que o sujeito é colocado como um aspecto distante do mundo vivencial, no qual o ser humano é sujeito psicológico no processo do conhecimento, atribuindo às ciências naturais uma fonte de explicação plausível das experiências humanas, condicionando os fenômenos ao ambiente experimental. Conforme Biemel (2012, p. XV), estes foram grandes problemas na “autocompreensão da subjetividade humana” e na compreensão da “fonte de sentido de todas as ciências”.

Sobre esse aspecto, acrescenta Husserl (2012, p.169): “a filosofia transcendental, com os seus questionamentos inteiramente novos, tinha sempre também de combater tal psicologismo”. Todo conhecimento científico naturalista e psicologista entra no modelo de causas e determinações, desconsiderando a estrutura pela qual o sujeito experiencia o mundo circundante. Por consequência, já dizia Husserl (2012, p.3), “meras ciências de fatos fazem meros homens de fato”. Ou seja, não há avanço adequado ao conhecimento possível à razão humana, além disso é uma forma de nos prendermos somente aos fatos. Como afirma Cavallieri (2018, p.26), “a crise que Husserl alude não é uma crise da cientificidade da ciência, mas uma crise do significado dessa ciência para a existência humana”. Não era propriamente o êxito das ciências que Husserl criticava, mas como tal desenvolvimento foi progressivamente expandindo as paredes dos laboratórios para o mundo circundante e, ao mesmo tempo, oferecendo ao ser humano um novo modo de pensar a si mesmo, distante da condição mais básica de seu ser.

Diante disso, poderíamos nos perguntar se o que foi previsto pelas ciências positivas indicam um caminho para o fim dos problemas humanos, desenvolvendo respostas científicas adequadas a cada questão persistente? Uma resposta determinista talvez nos levasse apenas a aceitação de resultados científicos limitados e plausíveis, não vendo o porquê na compreensão da crise de sentido filosófico que, segundo Husserl, marca a existência contemporânea. Seria então o declínio da civilização como aquele considerado por Schweitzer (2013, p.47-48), quando diz que “não há nada mais que possamos fazer além de perceber os

motivos dessa extinção o mais naturalmente possível”? Nesse sentido se justifica compreender a crise como essencialmente filosófica, pois é função da filosofia não perder de vista o questionamento básico para todas as questões e, ao mesmo tempo, para as questões como um todo. Tais perguntas, que se colocam no âmbito do mundo-da-vida, nos termos de um voltar-se a ele, encontram na renovação um momento decisivo para a vida humana.

De acordo com Biemel (2012, p.XII), Husserl “considera que a ciência faz parte integrante da origem e do destino da humanidade europeia”. Por este motivo ela seria não uma crise qualquer, e sim “epistemológica, espiritual e existencial”; considerava o fato da filosofia se afastar do significado mais básico de sentido, para além daqueles que o objetivismo científico não respondia. Por conseguinte, tudo deveria estar submetido aos preceitos naturalistas, o que Husserl também não apoiará e colocará como centro da crise o afastamento do mundo-da-vida, que se apresenta como estrutura do campo fenomenológico como mundo das experiências cotidianas menosprezado pela matematização da natureza, este, por sua vez, veio a confrontar o mundo naturalizado. Nessa perspectiva, considerando a renovação como um movimento de regresso ao que foi perdido por essas duas tendências, poderia contribuir para o repensar do mundo-da-vida para a humanidade.

Simultaneamente ao debate científico e filosófico, não poderíamos desconsiderar a própria vida pessoal de Husserl, que foi profundamente marcada pelo momento histórico, seja pelas marcas produzidas pela primeira guerra, seja ainda pela sua condição de pertencente ao povo hebreu no contexto do Nacional Socialismo e da Segunda Guerra. Como nos lembra Goto (2007, p.48),

[...] Logo depois de Ideias I, os últimos anos em Gottingen foram difíceis para Husserl, porque, além dos problemas filosóficos que se impunham com tantas dificuldades, vieram também as grandes perdas pessoais. Nesses anos, Husserl perdeu seu filho Wolfgang, seu discípulo Reinach, entre outros amigos queridos. As perdas pessoais causaram forte depressão em Husserl, a qual afetou seus estudos e prorrogou as orientações fenomenológicas. Com isso, Husserl foi levado a algumas mudanças na sua vida pessoal e acadêmica. No mesmo ano da morte de seu filho, em 1915, Husserl mudou-se para Freiburg, onde começaria sua nova atividade como docente sucessor de H.Rickert.

Tendo em vista seu protagonismo na filosofia em um momento entre guerras, o tema da crise aparece cada vez mais ao longo do percurso filosófico de Husserl. Neste contexto, ao falarmos de Europa, vale ressaltar que não nos atemos ao

espaço geográfico mas sim no espírito próprio da filosofia no âmbito da cultura e da humanidade. Com isso, cabe-nos lembrar que para Husserl (2014, p.25), a humanidade é uma unidade de cultura, uma nação que engloba outras nações, que por sua vez é uma “unidade de vida ativa”, na qual o sujeito ativo é um ente comum; consciente da vida. A Europa aparece como instância filosófica e cultural que abarca várias nações e, nesse viés, expressamo-nos sobre a renovação da cultura no prisma universal e ético da humanidade, através de uma volta a uma origem de fundamentos que dão suporte para o pensar e agir, por meio do resgate do humanismo grego como critério de autenticidade, tendo em vista a razão respaldada na fenomenologia.

“A crise é o que motiva o processo de renovação com base em uma tradição estabelecida” (Miettinen, 2013, p.124, tradução nossa). Quando Husserl percebe essa crise, parte de uma atitude ativa, a mesma que ele convida com a renovação, mas primeiro ele fez o diagnóstico da crise, prescrevendo também uma possível solução através do projeto de renovação. Por isso, pensamos a temática da renovação como um momento vivente de superação da crise, como veremos nos artigos da revista japonesa *Kaizo*, que teve suas primeiras publicações após a primeira guerra mundial. O Japão também esteve envolvido e começou a ter interesse em questões e problemas sociais, o que explica as definições “reconstrução”, “reorganização”, assim como “renovação”, nome da própria revista. E nela se publicaram artigos de cientistas, psicólogos e filósofos, incluindo Husserl. Elegemos como o início do itinerário de renovação.

Renovação é o grito de chamada geral no nosso doloroso presente, e é-o no domínio de conjunto da cultura europeia. A guerra, que devastou a Europa desde o ano de 1914 e que, desde 1918, apenas preferiu, em vez dos meios de coação militares, os meios “mais refinados” das torturas da alma e das misérias econômicas moralmente depravantes, pôs a descoberto a íntima inverdade, a ausência de sentido dessa cultura. (Husserl, 2014, p.1).

Foram com essas palavras que Husserl iniciou seus escritos sobre a renovação na *Kaizo* e nos deu acesso ao ponto de partida de suas reflexões sobre o tema. Apesar de ter sido escrito uma década antes de vir à tona o tema da crise propriamente dita no livro “A crise das ciências europeias e da fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica” (1936), os cinco artigos

já adiantavam as reflexões acerca da humanidade e da cultura ocidental, tal como afirma Alves (2014, p.3) “o opúsculo sobre crise da humanidade europeia” da conferência de 1935, em conjunto com os artigos a revista *The Kaizo* a respeito da renovação, “são peças essenciais de uma mesma reflexão e apresentam uma unidade e complementaridade assinaláveis” e também salienta “sobre o papel determinante que nela desempenha a ideia de filosofia”. Assim, amplia-se ainda mais a temática de renovação, na qual reaparece ligada fortemente à abordagem fenomenológica do mundo-da-vida, em alemão, *Lebenswelt*.

Conceito este que foi ganhando mais espaço ao retornar como tema central em sua obra *Krisis. Lebenswelt* foi traduzido para o português como mundo-da-vida; e teve seu aprofundamento enquanto “raiz última de todas as coisas” (Zilles, 2002, p.27) nas análises sobre a filosofia ocidental entre os anos de 1920 e 1930. Husserl usa o termo para designar “a base original de toda a vida teórica e prática”; e também como o “esquecido fundamento de significado da ciência natural”. Ao falar sobre o mundo-da-vida, Grollo (2022, p. 488, tradução nossa) afirma que “Husserl pretende trazer à luz esse mundo intuitivo, que já é dado na experiência pré-científica, pois é o pressuposto de toda ciência”, isto é, não é uma intuição moldada, mas imediata.

Husserl (2014, p.10), defende uma ciência apriorística, já que as ciências empíricas não comportariam “aquilo que, aspirando à renovação, nos faz falta” e que auxiliasse na reforma racional da humanidade. Quando o filósofo chama a atenção para as “nossas questões acerca da renovação” nos explica que ela (renovação) passa pela valoração racional, mesmo emblemada em factuais da cultura europeia, a racionalidade prática está envolvida no processo de ajuizamento dos fatos que circunscreve a renovação e estão intimamente ligadas ao mundo-da-vida, sobrepondo-se aqueles das ciências empíricas. Para ele, a humanidade “cultiva a si mesmo e ao seu mundo circundante” e por isso ela pode basear-se em um ideal de cultura “verdadeira e autêntica”, pois “o objetivo das nossas aspirações de reforma deve ser reformar a cultura fática”. E esse propósito de “voltar-se ao mundo-da-vida” traz à tona a crítica à ingenuidade científica e objetivista para dar lugar de validade ao conhecimento subjetivo.

Para Zelić (2008, p.413, tradução nossa), ele “usou o termo *Lebenswelt* pela primeira vez em seus manuscritos já em 1917”, mas só apresentou um “tratamento extensivo de seu significado fenomenológico” na publicação de *Krisis* em 1936.

Nessa obra publicada próxima à morte de Husserl, ele parece lançar algo inaudito, pois além de suas críticas às ciências, volta-se para o mundo-da-vida com uma nova perspectiva, buscando retirá-la de restrições antes colocadas e redirecionando-a ao homem cultural como um ser histórico, ao esquecimento da ciência, ao sentido da humanidade e todos os aspectos que fazem parte dele.

Para Zilles (2002, p.10), há intérpretes que fazem algumas alusões às reflexões husserlianas tomando como base três obras do filósofo, sendo estas: *Investigações lógicas*, identificada com um “logicismo essencialista”, *Ideias*, caracterizada por seu “idealismo transcendental”, e obra denominada *Krisis*, marcada por um “vitalismo historicista” que nos faz considerar um novo significado aderido ao mundo-da-vida tão presente nos debates sobre o tema. Entretanto, o nosso ponto de partida não é essa divisão atribuída ao autor, mas sim os elementos atribuídos ao mundo-da-vida, como a questão da história, da intersubjetividade, do horizonte e da experiência. Porém, mesmo nessa perspectiva de virada, sabemos que as circunstâncias ocorridas no percurso filosófico e a história de vida do filósofo foram cruciais para que essas nuances aparecessem como reflexões renovadas do tema.

Entre tantas outras concepções em diferentes áreas, o mundo-da-vida se tornou intrigante e amplamente debatido justamente pela forma que se mostra em Husserl, que vai além da discussão epistemológica, atingindo a cultura e a história. A renovação também se trata de um desses temas que perpassa toda a fenomenologia e é diante de tal conjuntura que nos empenhamos em compreender o voltar-se ao mundo-da-vida pela ideia de renovação.

A proposta de Husserl para se analisar a crise merece um lugar privilegiado na filosofia, porque além de diagnosticar a crise da humanidade que persiste até os nossos dias, também identificou uma possível superação ou uma renovação das ciências com o advento da Fenomenologia Transcendental. Para fazer frente à crise das ciências enquanto crise de fundamentos, Husserl reivindica a reconciliação entre estas e a filosofia, mais especificamente a filosofia fenomenológica. Em que pese o retorno à filosofia como saber fundamental, o que significa para a Fenomenologia, em última instância, o caminho de recuperação da subjetividade a partir do resgate do mundo-da-vida.(Goto, 2013, p.38).

Diante desse contexto, a problemática da presente dissertação se baseia na seguinte questão: *De que forma o pensamento de Husserl sobre a renovação possibilita voltar-se ao mundo-da-vida, visando a superação da crise por ele*

diagnosticada? A reconstrução da humanidade está na volta às coisas mesmas que passa por uma grande exigência filosófica que veremos no decorrer da dissertação, cujo voltar-se ao mundo-da-vida aparece como possibilidade para a renovação cultural expressa nos artigos de *Kaizo*.

Esses artigos fizeram parte de um diálogo com a ciência e a cultura em uma época em que o mundo estava envolvido em debates que traziam a ética e a preocupação com o sentido existencial. Os cinco artigos têm por títulos, respectivamente: "Renovação. Seu Problema e Método" (1923), "O Método de Investigação da Essência" (1924), "Renovação como Problema Ético-individual" (1924), e os outros dois que ficaram pendentes para publicação; "Renovação e Ciência" (1922/23) e "Tipos Formais da Cultura no Desenvolvimento da Humanidade" (1922/23). Neles, inicialmente encontramos as articulações de Husserl com o destino ocidental em uma perspectiva histórica e fenomenológica que impulsiona as questões éticas e abrem discussões merecedoras de serem resgatadas, como os impactos da naturalização para a vida humana e a valorização do conhecimento para uma vida coletiva, além do papel da filosofia para racionalização da humanidade.

Conforme Sacrini (2018, p.49), em relação aos artigos que possuem "títulos de renovação", da revista *Kaizo*, "Husserl acentua o agir voluntário como capaz de romper certos padrões comportamentais simplesmente herdados e instaurar, ao menos em parte, um modo de vida refletidamente moldado". A perspectiva apresentada pelos artigos nos leva a debruçar-se sobre a humanidade e seus atributos que fazem parte do agir racional, pois quando Husserl fala de autenticidade não está se referindo a escolhas meramente impulsivas, mas sim ao movimento teórico e prático responsável, crítico, consciente do desenvolvimento cultural. Esses preceitos vieram a se encadear com mais veemência nas conferências sobre crise que traz o mundo-da-vida em 1930, onde ele trilha sua conjuntura sobre renovação.

Nesses artigos, também se expressa a contribuição da fenomenologia em proporcionar uma arguição crítica da ação e do conhecimento humano revestido pela razão filosófica e de uma ciência estrita que responda às questões relativas à crise e ofereça uma resposta a ela. Nesse compilado de artigos observamos o conceito e o desenvolvimento da ideia de cultura, história e filosofia, rodeados por outros conceitos que emanam de tais aprofundamentos, assim como a própria renovação que não se fecha apenas na perspectiva ética como costumamos

encontrar, mas também para uma abordagem fenomenológica do mundo e da vida. Corroborando com este pensamento, Goto (2007, p.125) afirma que “a exigência de Husserl para retornarmos ao mundo-da-vida (*Lebenswelt*) estará pautada na recuperação do mundo da experiência originária”. Voltar-se ao mundo-da-vida aponta para uma cultura que é “existência objetiva e subjetiva” no campo individual e coletivo. Esse alargamento conceitual, encontraremos de acordo com Azevedo (2011, p.92), na resignificação do “mundo-da-vida” com tudo o que é “cultural ou comum a um ou mais grupos”, ou seja, a renovação envolve toda a comunidade filosófica ou não, além de toda a cultura no viés fenomenológico, apresenta-se como uma chamada para a Europa e outras nações para a reflexão filosófica efetiva.

Para Allen (1981, p.324-325, tradução nossa), “todos os artigos de Husserl em *The Kaizo-La rekonstruyo-z*, revista de ampla circulação para intelectuais japoneses que estavam interessados em abrir o Japão às ideias democráticas ocidentais, e cujo título, *The Kaizo*, significa “reformular” ou “reconstruir” – apareceu na tradução japonesa”. Temos o significado geral de reconstrução que explica todos os outros, assim os artigos se apresentam como uma proposta de reforma racional para a humanidade cultural europeia.

É interessante notar que esses artigos não apenas compartilhavam um tema comum, o de uma descoberta fenomenológica dos fundamentos do estudo normativo da cultura contemporânea, mas também apareceram em tipos similares de periódicos, isto é, periódicos japoneses que eles próprios estavam se esforçando para apresentar um ideal de renovação cultural internacionalmente aceitável. (Allen, 1981, p.324-325, tradução nossa).

Costumeiramente, ao ler sobre Husserl nos deparamos com as diversas análises de seus principais conceitos e não seria diferente com a renovação, assinala Moran e Cohen (2012, p. 279, tradução nossa), que “o significado imediato de 'renovação' foi a necessidade de renovar os valores da Europa para superar o pessimismo e o desespero produzidos pelos efeitos da Primeira Guerra Mundial”. Como ponto de partida para explicarmos a renovação e as aspirações de Edmund Husserl com ela, utilizamos como obra principal o livro: “Europa: Crise e Renovação” (2014), por compilar os cinco artigos enviados para a revista *Kaizo* sobre o tema, a qual será fundamental para a compreensão do pensamento de Husserl sobre essa proposta que nos leva a olhar mais profundamente a crise e o mundo-da-vida. Nele há diversos aspectos elementares da própria filosofia e de sua visão de mundo

acerca da crise europeia; é uma reunião de textos do próprio filósofo. Dos quais, o terceiro e quarto artigos serão nosso ponto chave para as discussões.

Seria injusto considerar estes cinco artigos como um texto de mero convite à reflexão ou de simples divulgação filosófica. No problema da ética fenomenológica e da filosofia fenomenológica da cultura, talvez mereçam ser considerados textos de referência. É verdade, porém, que tanto a natureza dos temas discutidos como a presença explícita neles da turbulenta circunstância histórica do momento, ou mesmo a particularidade do público que foi o seu primeiro destinatário, contribuem para dar a estas páginas o aspecto de um esforço teórico mais direto e simples do que o da maioria dos escritos científicos husserlianos. (Vásquez, 2002, XXXIV, tradução nossa).

Nesse sentido, a proposta dessa dissertação acerca da renovação é também uma tentativa de ressoar a “chamada geral”¹, como mencionou Husserl (2014, p.1), para o nosso atual contexto, uma vez que essa temática abre essas possibilidades por se tratar de aspectos muito pertinentes à cultura e a nossa relação com ciência e a comunidade. Essa chamada husserliana nos lembra do nosso compromisso com a sociedade enquanto pessoas capacitadas para repensar o mundo-da-vida. Isso faz a temática ainda mais desafiadora, uma vez que nos deparamos com os impasses naturalistas objetivistas que rodeiam o mundo-da-vida e, portanto, apenas a fenomenologia husserliana com seus métodos poderia recuperar a originalidade pertinente a ele.

Para compreendê-lo em um período que Husserl o coloca de volta no seio da discussão filosófica, usamos algumas passagens da obra “A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” (Husserl, 2012), aquelas que versam mais especificamente sobre o tema. Não é nosso objetivo fazer uma interpretação abrangente do livro *Krisis*, mas voltaremos nossa atenção para o conceito de mundo-da-vida, no sentido de analisarmos como a renovação abriu espaço para reposicioná-lo nas diligências que pedem a humanidade.

Para tanto, a presente dissertação se divide em dois momentos. O primeiro tem como nome *Renovação, Mundo-da-Vida e Crise em Husserl* e se divide em três tópicos, o qual iniciamos por “O manifesto da renovação husserliana”, nele

¹ Como tal, observou Husserl, os artigos responderam ao ‘chamado’ ou ‘chamado [Ruf]’, experienciado na esteira da Primeira Guerra Mundial, que, como a abertura dos ensaios apontaria, havia ‘desmascarado a inverdade interior e falta de sentido [Sinnlosigkeit]’ da cultura europeia e, assim, revelou sua mais profunda crise espiritual e política-cujos efeitos também atingiram o Japão (Vries, 2023, p.196, tradução nossa). A referência está na “chamada” como uma característica principal do sentido de renovação.

contextualizamos o conceito e a construção do que é a renovação no contexto husserliano através da problematização do terceiro e quarto artigo; *“Renovação como Problema Ético-individual”* (1924) e *“Renovação e Ciência”* (1922/23), respectivamente, na obra *“Europa: Crise e Renovação”* (2014), pois eles permitem aprofundar análises sobre a cultura, humanidade e filosofia envolvidas na temática da renovação. No segundo tópico *“Caracterizações do mundo-da-vida husserliano”*, encontra-se uma explicação do que vem a ser o mundo-da-vida voltado para os últimos escritos de Husserl, a compreensão husserliana de mundo direcionado para a ciência e para a vida cotidiana, tanto na ontologia quanto na fenomenologia husserliana. No terceiro tópico, *“A crise da humanidade na perspectiva de Husserl”*, mostramos como o filósofo percebe uma crise que não é somente humanitária, mas também científica, filosófica e existencial, como ele chega a essa conclusão através de um diagnóstico filosófico, ademais trazemos o significado de Europa para a fenomenologia husserliana e a abertura que ele deu à proposta de renovação no voltar-se ao mundo-da-vida, na qual o significado da crise tem uma inspiração otimista de resgatar o solo de sentido esquecido para superá-la.

O segundo momento intitulado *“Renovação e Mundo-da-vida frente à crise”* traz uma relação entre a crise, renovação e mundo-da-vida e de como esses dois últimos são postos na reforma cultural. Tem-se dois tópicos, cujo primeiro *“Seria a renovação um caminho de superação da crise?”* explanamos como a renovação husserliana não foi apenas uma pretensão teórica ou uma vontade resumida por um contexto desencorajador da existência humana, mas antes de tudo, um caminho possível no âmbito de uma ética social capaz de superar a crise, que passasse por uma investigação rigorosa e pela crítica, para não cair novamente na ingenuidade. E o segundo tópico de nome *“Voltar-se ao mundo-da-vida como uma possível resposta à crise”*, mostramos que a filosofia necessita se resignar de abstrações e objetivações que a levaram a situação de crise por desvincular o sujeito do mundo que o pertence e por permitir que as ciências naturais matematizassem o mundo-da-vida. Além disso, enfatizamos que a resposta está na aceitação do mundo experiencial como parte do conhecimento humano e do conhecimento científico, no qual a intuição é evidência, e na intersubjetividade como construção de sentido, para as ciências.

Por fim, nas considerações finais torna-se compreensível a percepção que Husserl tem de uma crise em que a humanidade desesperançosa pela falta de

sentido e concomitante a essa perspectiva a crise tem os predicados necessários para resgatar a esperança de uma não decadência coletiva. Proeza conseguida pelo papel filosófico de orientar conscientemente a humanidade para longe do declínio, pela renovação enquanto uma tarefa infundável de reflexão e ação. Dessa forma, estamos diante de uma reforma da racionalidade europeia, de um projeto filosófico que nos guia como seres humanos a sermos mais éticos, responsáveis e autônomos quando nos voltamos ao mundo-da-vida, tornando-o novamente norteador de toda atividade humana como solo firme de sentido.

[...] nas nossas análises subsequentes da renovação, não sejamos obstruídos por preconceitos naturalistas e para que, ao mesmo tempo, tragamos para mais perto de nós, como dissemos antecipadamente, a especificidade metódica dessa Ciência que nos falta e à qual tais análises aspiram (Husserl, 2014, p.8).

No contexto husserliano, pensar a renovação é pensar a humanidade, a cultura, a comunidade, a razão, a ética, a ciência, o conhecimento e acima de tudo, a filosofia. Para Josgrilberg (2013, p.32), “Renovar a humanidade tem o sentido de provê-la com um novo sentido de si própria e do mundo” por compreender que a crise que se debruçou sobre a Europa foi fator primordial para a perda de sentido pelo afastamento do mundo-da-vida, levando Husserl ao seu próprio reconhecimento de funcionário da humanidade apto a declarar como recuperar a fé nela mesma e no espírito grego² cuja efetividade encaminha uma civilização até sua elevação filosófica, espiritual, bem como teleológica.

² Aparecendo principalmente na revista japonesa *Kaizo*, os artigos tratam principalmente da renovação de uma cultura universal da razão e da humanidade baseada na fenomenologia do próprio Husserl e na tradição ocidental de humanismo racional originada da Grécia clássica. A Grécia desenvolveu uma cultura de liberdade racional e de filosofia como uma ciência rigorosa, em contraste com as formas pré-científicas de conhecimento dos “antigos babilônios, egípcios, chineses e até mesmo dos indianos (*selbst Indern*)” mais próximo das conquistas do Ocidente nos escritos de Husserl na década de 1920. (Nelson, 2017, pp.171-172, tradução nossa).

CAPÍTULO 1

RENOVAÇÃO E MUNDO DA VIDA EM HUSSERL

1.1- O MANIFESTO DA RENOVAÇÃO HUSSERLIANA

Edmund Husserl traz uma perspectiva diferente do cenário mundial que estava em voga nesse período, onde vemos um filósofo que não se rendera ao pessimismo e à passividade na qual sobrevoava o ocidente. Por isso, o tema escolhido para publicação na revista relacionar-se com enfrentamento, como menciona Miettinen (2013, p.139, tradução nossa), a “renovação é fundamentalmente um procedimento ativo que luta contra a passividade essencial em nós – movimento que Husserl considerava indispensável para a razão filosófica”. Husserl defendeu seu pensamento nesses escritos com uma reação pautada nesse movimento ativo filosófico de manifesto de uma renovação, conseguindo chamar atenção do Japão e do mundo.

Nosso interesse se localiza nas aspirações de Husserl com a renovação, uma vez que mostra um filósofo comprometido com o passado, presente e futuro. “Renovar para Husserl implica praticar essa atitude crítica na perspectiva do futuro em relação ao presente” (Steinbock, 2017, p.89 tradução nossa). Passado no sentido de voltar-se para ideias que tiveram uma tradição que consolidou a filosofia na vida das pessoas; um presente no qual as guerras causavam desespero e destruição, a tecnologia desenfreada invadindo determinando o modo de vida das civilizações e um futuro incerto e temeroso no qual ainda vivenciamos.

Mas, nesse olhar para o presente, pode-se adivinhar que a ideia de “renovação” proposta por Husserl está ligada a um ideal ético traçado pela filosofia desde suas origens na Grécia. Uma ideia que se comporta como o telos cultural na evolução da história dos povos ocidentais e com o aparecimento das ciências modernas no quadro da cientificização e tecnificação todas as esferas do mundo da vida se enfraqueceu. (Niño, 2012, p.158, tradução nossa).

Mesmo que o tema seja encontrado nos últimos escritos, todo o percurso da filosofia fenomenológica de Husserl abriu um caminho para elaborá-la. Para Salanskis (2006), “a fenomenologia é uma ciência que dá condição de possibilidade para os significados, comportando até mesmo as ciências naturais”, logo, seria ela

essa ciência que através da abertura para o do mundo-da-vida traria de volta o ideal de humanidade autêntica. E para o próprio Husserl, (1990, p.46), “fenomenologia designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”, adotando-a como substrato de renovação. Porém, a título de especificidade escrita e conceitual em prol de argumentar e persuadir sobre a proposta, nomeamos como manifesto e apontamos essas declarações para os anos de 1922 a 1924 no qual Husserl escreve diretamente sobre o tema.

Husserl (2014, p.5), traz com veemência que a renovação é capaz de “mover montanhas”, que se desenha como “reformas racionais da comunidade”. Para ele, o movimento emocional para renovação se transformará em “processo de renovação”, no qual há uma ideia geral de que renovação, assim como a fenomenologia, é uma atitude e um método e também um processo que levaria a humanidade de volta para a autenticidade. O conceito de renovação também se mostra no sentido de restabelecer ou restaurar a fundamentação perdida do *telos* europeu. Todos eles partilham do mesmo objetivo, livrar a Europa da crise. Podemos dizer que o processo de renovação de Husserl foi um grande movimento reflexivo que contemplou aspectos que muitos filósofos discutiam há anos, fossem esses em relação ao conhecimento, à ética, à cultura, dentre outros. Para essa discussão sobre o manifesto do projeto de renovação husserliana, sintetizamos os artigos que se encontram compilados na tradução portuguesa do livro: Europa: crise e renovação (2014).

Nos artigos *Kaizo*, escritos entre 1922 e 1924, Husserl refletiu sobre a relação intercultural entre Europa e não-Europa. Ele sustentou que esses artigos não diferem muito daqueles na palestra de Viena 1935, que mais tarde são incluídos em Crise. É nesta última que Husserl delinea sistematicamente o que pensa da ideia de Europa e o que torna a Europa diferente das outras partes do mundo. Notavelmente, esses pontos de vista já foram divulgados nos artigos da *Kaizo*, embora em contextos muito diferentes. Como é bem conhecido, o pano de fundo da Crise é a preocupação com a ciência moderna, que se desvia cada vez mais do real mundo da vida, enquanto os artigos da *Kaizo* se concentram principalmente nos problemas éticos. No entanto, ambos se tocam sobre a problemática cultural e intercultural com que Husserl lida mais e mais intensamente em sua filosofia tardia (Yu, 2012, p.146, tradução nossa).

Sobre isso, discorre Zahavi (2015, p.65), que “de fato, todos os seus escritos posteriores podem ser considerados em certa medida como meditações sobre os

mesmos temas fundamentais”. Vemos então, para Heinämaa (2015, p.196, tradução nossa), “no início da década de 1920, Edmund Husserl publicou uma série de ensaios sobre renovação na revista japonesa *Kaizo*, discutindo a vida humana, sua natureza teleológica dirigida a objetivos e suas possibilidades de auto-regulação”. O que frisa essa unidade reflexiva. Posto isso, salientamos que a ênfase do texto se encontra nos artigos, porém seus entrelaces não nos permitem abrir mão por completo de voltarmos a estudos anteriores para uma melhor compreensão dos seus pensamentos.

A renovação da cultura humana deve ser entendida na “gênese da renovação” como a ciência de uma humanidade em desenvolvimento reciprocamente com o advento de uma humanidade ética. O que Husserl descreve como um processo de autodesenvolvimento é mais rigorosamente um processo de auto-realização da cultura humana. (Steinbock, 1995, p. 201 *apud* Cavalieri, 2013, p.304).

No primeiro artigo *Renovação: seu problema e seu método*, Husserl já manifestava seu interesse pela cultura. O tema da renovação aparece quando Husserl faz uma reflexão sobre a cultura ocidental, na qual perdurou mais de uma década, começando nos artigos que ele enviou para a revista japonesa e culminou com a publicação de *Krisis*. Mas no âmbito dos discursos e inferências sua colaboração para com todas as ciências perdura até os dias de hoje. Essa tônica também nos mostra a ideia de filosofia que Husserl traz como orientadora e condutora da postura da humanidade, não apenas reflexiva, mas prática. O que, de alguma maneira, foi novidade para os leitores e admiradores de Husserl, pois antes disso ele não se adentrava na cultura e na prática dela em uma comunidade, pelo menos não dessa forma.

Entre os primeiros desses artigos estava “Renovação: seu problema e método”, que mostrava a necessidade de uma ciência normativa a priori por meio da qual os valores éticos de uma cultura pudessem receber uma nova vida, e a cultura renovada pudesse, por sua vez, tornar-se uma humanidade genuína. (Allen, 1981, p. 324, tradução nossa).

O filósofo expõe a renovação como uma ideia e um método para pensarmos a cultura que estava em crise e foi a chave para levar a uma reflexão sobre esse espírito afastado de algo, futuramente chamado de mundo-da-vida. “Todavia, ao realizar uma análise fenomenológica, é necessário sempre levar em conta [...] como

o ser humano sente, como ele se comporta, o problema ético que remete aos atos que o ser humano realiza, etc” (Bello, 2004, p.96). Husserl propõe a renovação embasada em um método de uma ciência rigorosa, em outras palavras, o método fenomenológico comandaria o projeto ético racional que o filósofo planejou para a Europa. Essa rigorosidade faz a renovação também aparecer como ideia normativa orientadora de uma autêntica humanidade, portanto é importante salientar que entendemos a humanidade autêntica como aquela em que há “uma crença impulsionadora em si mesma e um sentido belo e bom da sua vida de cultura” (Husserl, 2014, p.1), que só se alcançaria pelo método “científico de essência”. Tanto para as “formas particulares” quanto para os membros das comunidades, o sentimento de bom e belo em uma vida de cultura seria a força motriz para que a humanidade acreditasse em si mesma e assim permanecesse viva; e nele estaria o prisma prático.

Para isso, no manifesto sobre renovação o filósofo nos fala de uma ciência estrita em que “Apenas a ciência estrita pode, aqui, criar métodos seguros e resultados firmes; apenas ela pode, por conseguinte, fornecer o trabalho teórico prévio de que uma reforma racional da cultura está pendente”, diz Husserl (2014, p.6). Ele delega à ciência estrita o papel de fundamentar a renovação, “ela é aquela em que a Filosofia, enquanto sabedoria do mundo, tomou a forma da Filosofia enquanto Ciência Universal estrita, na qual a razão se enformou e objetivou na forma do logos”, (Husserl, 2014, p.65-66), ou seja, ela nos daria a certeza da renovação como ação e não apenas como uma vontade de se renovar enquanto pessoa e comunidade. Ele acreditava na rigorosidade da ciência e a buscava para a filosofia, seja pela fenomenologia ou por todas as aberturas que ela oferece de base para compreensão filosófica do conhecimento e do “homem”³.

Cavalheiri, (2018, p.17), diz que o olhar da renovação para o particular está no “ato volitivo pelo qual se deseja que algo novo e melhor aconteça e se realize na vida”, esse mesmo desejo inclui a coletividade ao entender que “renovar é acreditar conjuntamente que a cultura possa se tornar diferente e melhor”. Desse modo, a “renovação é um processo ativo”, além de “voluntário e racional de transformação da vida, o qual acontece tanto na esfera particular-individual quanto na

³ Nesse contexto, a palavra homem é “conceito de homem em geral enquanto ser racional”. (Husserl, 2014, p.12). Faremos menção à palavra homem, entendida como sujeito concreto ontológico e fenomenológico do mundo-da-vida; sociocultural e histórico e não uma definição de gênero.

coletiva-cultural.” O primeiro artigo da *Kaizo* assinala que a comunidade ganha forma na associação dos “eus” de cada sujeito dentro da relação intersubjetiva, tomando forma nos atos sociais da consciência efetivados no mundo-da-vida.

No segundo artigo “O Método de Investigação da Essência” vemos que Husserl se afasta do conceito metafísico de ideia e a priori, no sentido em que ele os põe em um lugar de existência possível e indubitável, no qual o pensador, que pra ele se assemelha ao matemático da matemática pura⁴, aproxima-se da “intuição geral de essências das ideias” para que suas singularidades possam ser generalizadas. Sendo esta, o aparecer do fenômeno, o qual podemos captá-los pelas reduções, então podemos investigá-lo. Com isso, Husserl diz que é preciso ter um método de investigação da essência para alcançar a renovação.

Nesse artigo ele evidencia ainda mais a fenomenologia, por ser esta a única capaz de “descrever os universais que a consciência intui quando se lhe apresentam os fenômenos” (Zilles, 2002, p.14). Assim, ela é capaz de descrever o homem como capaz de voltar-se ao mundo-da-vida com a renovação. De acordo com a abertura de possibilidades que o método fenomenológico traz, há uma descrição da “essência do homem como questão de sentido, como ser presente, capaz de integrar ciência e filosofia no mundo concreto da vida” (Zilles, 2002, p.23), considerando que “a tomada de consciência crítica da realidade é pressuposto de sua transformação histórica”. Essa mudança histórica é uma das aspirações de Husserl.

No segundo artigo para *Kaizo*, Husserl apresenta um esquema robusto de um sistema completo de um conhecimento a priori com base no conceito de visão eidética (*Wesenschau*), o qual, como estava escrevendo na mesma época, é “o genuíno método para a captação do a priori” (Hua IX, 72). O artigo para *Kaizo* enfatiza os procedimentos canônicos subsequentes para “ver” e “conhecer predicativamente” uma essência. (Alves, 2013, p.14).

Dessa forma, a renovação enquanto método e resultado de uma investigação da essência nos mostra prévias da maturidade do método fenomenológico com o a priori do conceito de humanidade e da ideia de homem, que se chegue a tal

⁴ É possível esboçarmos um entendimento do que significa matemática pura: é uma ciência que envolve quantidades, espaços e simbolismos, porém, sem mistura, ou seja, os espaços, as quantidades e os símbolos são simplesmente utilizados para o trabalho matemático em si. Poderíamos denominar isso de “matemática pela matemática”, sem que se torne necessária a aplicação de tais conceitos em fatos do dia-a-dia ou que se tenha relação com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a química, a física (Pöttker, 2007, p.20). Por analogia vemos que o conhecimento a priori passaria pela possibilidade infinita de realização antes de ter a sua “aplicação efetivamente fática” (Husserl, 2014, p.19). E assim estaríamos diante da racionalidade autêntica. Esse conceito de “puro” pode ser visto como herança do filósofo matemático.

conhecimento de que foi perdido, que conforme Alves (2013, p.19), “a intuição eidética é um resultado”, consideramos o diagnóstico de crise como resultado de uma redução eidética sobre a humanidade da época e por isso a percepção de uma crise humanitária e filosófica, que se é refletida dentro de uma teorética.

Em resumo, o filósofo propunha um método para ciência estrita, cujo procedimento estivesse não no a priori metafísico e sim no fenomenológico, já defendido por ele e que não é nosso objetivo nos ater a uma explanação aprofundada sobre o embate metafísico e sim buscar pela fenomenologia nos debates sobre a renovação e mundo-da-vida.

No segundo artigo da revista *Kaizo* (1924), Husserl mostra-se convicto de que todo o conhecimento deve voltar-se às fontes originárias da intuição para adquirir rigor e cientificidade. Ciente de que a investigação da essência fora introduzida pela ciência antiga (Platão e Aristóteles) e longe de se apropriar dessas interpretações ou mesmo de herdar as interpretações metafísicas ou empíricas, Husserl busca estabelecer o método para ascender ao a priori puro do pensamento. Para isso, ele orienta suas interpretações em direção ao modo matemático de pensar, no sentido de que este não é afetado, na sua essência, pelas interpretações metafísicas ou empíricas, pois trata todo o empírico do mesmo modo. (Cavalheiri, 2018, p.37).

E Husserl aplicou essa mesma ideia para se chegar à essência do homem renovado utilizando esse mesmo método. Vemos nesse ponto, que não era apenas uma mera mudança na forma de olhar a razão, mas sim de uma verdadeira busca de provar que a renovação enquanto método também seria rigoroso. “A renovação (*Erneurung*) diz respeito à vida do indivíduo e à vida de toda a comunidade. O conceito de ética depende da referência a uma vida comprometida com a ideia de renovação”, (Fabri, 2006, p.73). Logo, toda e qualquer questão acerca da renovação diz respeito à cultura e as reflexões ao redor dela dizem respeito “ao indivíduo, à comunidade e à sua vida racional”. Para ele, nenhuma ciência que não fosse apriorística ou empírica estaria muito abaixo dos fatos e não ofereceria a possibilidade de renovação. Caberia uma investigação da cultura que passasse pela ética, pela essência da ética, de forma apriorística que se dirigisse à essência.

No final do segundo artigo ele nos traz algo muito importante para pensarmos sobre o conhecimento a priori que advém dessa investigação da essência. O conhecimento, para ser o mais apurado que se exija ser, o sujeito precisa ser visto como ético, tanto individual quanto socialmente, e por isso ele submete a “ideia de

homem ético” a essa investigação. Ele parte do pressuposto de que somos pessoas valorativas de autoconsciência por essência e por isso há a possibilidade de a renovação resgatar todo esse potencial humano.

No terceiro artigo enviado para a revista *Kaizo* “Renovação como Problema Ético-individual”, Husserl se aproxima ainda mais dos assuntos que posteriormente ele dedica seus últimos trabalhos e nos aproxima da nossa discussão. Percebemos que até o momento os artigos seguem uma sequência e neste passamos pela ética como conteúdo da renovação, pelo ponto de vista de uma essência capaz de passar por uma investigação fenomenológica. Husserl (2014, p.24), a apresenta como “renovação do homem singular e de uma humanidade comunalizada”. Vemos uma proximidade com o social e coletivo na forma intersubjetiva ligada ao mundo-da-vida.

Precisamente o mesmo vale também a respeito dos problemas da renovação, que tanto nos interessam. Caracterizado com mais precisão, falta-nos a ciência que tivesse empreendido a realização para a ideia de homem (e, com isso, também para o par de ideias a priori inseparáveis: homem singular e comunidade) daquilo que a matemática pura da natureza empreendeu para a ideia de natureza e que realizou já nos seus elementos capitais. (Husserl, 2014, p.7).

Husserl nos traz como sujeitos ativos, livres, autorreflexivos, capazes de "autorrenovação", que analisa sua própria liberdade fazendo ponderações críticas, em forma de generalidade. Em resumo, a gênese da renovação ocorre na autorregulação que é universal e surge a ideia de “homem autêntico”, aquele que está sempre avaliando sua vida e seus atos particulares e coletivos, ou seja, “homem da razão” (Husserl, 2014, p.39). Para ele, não é apenas o pensar sobre as coisas, mas a realização de toda autorrenovação, pois ela nos dá suporte teórico para a prática, baseando-se no ideal de uma teorização perfeita.

Cavalheiri, (2018, p. 64) nos diz que “Na segunda parte do terceiro artigo da Revista *Kaizo*, Renovação como problema ético-individual”, o filósofo busca caracterizar a forma de vida ética como a “única absolutamente valiosa”, ou seja, “diante de todas as diversas formas de viver, a forma de vida ética é a única que possibilita ao homem uma vida autenticamente humana”.

Tanto ao nível da vida pessoal do indivíduo como ao nível da comunidade, Husserl quer chamar a atenção para a dimensão ética inscrita na própria essência do Homem. E isso fica particularmente evidente nos textos escritos para a revista japonesa *The Kaizo*. O terceiro destes artigos foi dedicado à

“Renovação como problema ético-individual”. Ele nos ajuda a compreender como – do ponto de vista de uma filosofia transcendental operando no horizonte aberto pela epochè – a questão do singular deve ser abordada, isto é, a questão do indivíduo pessoal considerado como singular, como único, uma questão essencial que, para os pensadores pertencentes ao movimento existencial, estava no centro de sua preocupação. (Villela-Petit, 2009, p. 38, tradução nossa).

O quarto artigo “Renovação e Ciência”, Husserl (2014, p.52), começa com a seguinte pergunta: “Como é possível a renovação de uma cultura?”. Essa pergunta ecoa pelas mais diversas inquietudes que esse filósofo suscita e que geram muitas críticas e também seguidores da sua forma de pensar até os dias de hoje. E se pensarmos bem, o projeto de renovação husserliano é bem audacioso e é isso que faz dele um filósofo marcante e possivelmente até de difícil compreensão. Para a pergunta acima, Husserl (2014, p.52), traz a seguinte resposta em duas averiguações, a primeira como “condições de possibilidade de uma “verdadeira” cultura em geral, de uma “verdadeira” vida comunitária em geral; e a segunda, as condições de possibilidade para conferir uma vida comunitária inverídica, inautêntica, desvaliosa, a forma de uma vida comunitária autêntica e valiosa”. Ser possível e assegurar a renovação com o resgate do ideal que foi perdido, com a vontade incansável de reflexão de seus valores enquanto pessoas singulares e comunidade que não se limita a aglomerado de pessoas, mas como uma vida unificada que partilham dos mesmos ideais, valores e vontade de renovar-se, responderia “sim” para a pergunta feita acima.

Husserl tem em mente em seus artigos que a renovação não se limita ao indivíduo ético. Consciente de que toda a vida individual é intersubjetiva e que não há consciência de si sem haver consciência do outro, e que isso implica também partilhar uma bagagem cultural e, pelo menos tacitamente, uma vida em comunidade, Husserl vai então dedicar o seguinte artigo justamente a esta questão, adotando como título “Renovação e Ciência”, onde por ciência (Wissenschaft) o que ele entende não são as ciências positivas, mas a filosofia (Villela-Petit, 2009, p. 40, tradução nossa).

Nesse artigo ele traz a filosofia para o diálogo com a renovação, que depois que humanidade cultural passa por toda essa descrição que fizemos até o momento, ela pode ser então submetida à investigação científica. Podemos também depreender com isso uma instância pré-científica, na qual passará pelo mundo-da-vida guiando uma ciência ética que abarca o individual e o social. Para Husserl (2014, p.61), “a própria Ciência é uma das formas de cultura”, seja ela

“ciência em geral” ou “ética”. Com isso concluímos que a renovação da humanidade é também a renovação da filosofia.

O filósofo continua perseguindo o ideal de uma comunidade humana autêntica, que se encontra no espaço comum da cultura que está na consciência absoluta, isto é, o sujeito que faz tem autoconsciência das relações sociais que estabelece e faz delas uma ciência. Nesse caso a própria filosofia é o “condensado objetivo da sua sabedoria e da própria comunidade; nela, a ideia da reta comunidade” (Husserl, 2014, p.65), ela se torna também possibilidade de uma comunidade autêntica, em outras palavras, ela preenche o requisito “a” (a primeira averiguação da resposta de Husserl a condição de possibilidade de uma renovação da cultura) como representante do “espírito da razão” que guia a comunidade a sua verdadeira essência.

O quinto e último artigo, que adotamos como parte do manifesto de renovação husserliano, chama-se “Tipos formais da cultura no desenvolvimento da humanidade”, dividido em duas partes: a primeira que fala sobre o tipo de cultura religiosa e a outra sobre a científica.

Em particular, o artigo dedicado aos Tipos Formais de Cultura no desenvolvimento da Humanidade de 1922-23 que trata, entre outras coisas, da questão do papel da religião na cultura, na ética e na liberdade humana. Surge um ponto particularmente importante que nos permite compreender a distância de Husserl em relação ao judaísmo. Husserl observa que uma cultura organizada hierarquicamente, como a babilônica ou a judaica, remete a uma disposição religiosa não livre. Ele critica os constrangimentos presentes nessas culturas e exalta a liberdade pessoal como fonte da liberdade de escolha. Isso não significa que Husserl caia no relativismo. De fato, a ética husserliana, como veremos, está fortemente ligada a normas e valores universais, mas estes devem ser livremente escolhidos e apropriados. (Bello, 2009, p.73, tradução nossa).

No primeiro momento do artigo, Husserl (2014, p.71) se direciona para a cultura religiosa. Começa fazendo um questionamento acerca das normas que podem ser conscientes “faticamente” e “absolutamente”, as primeiras sendo ocasionalmente condicionadas como as leis que são atribuídas pelos “detentores ocasionais do poder” e as segundas sendo incondicionadas sob a forma de um “eu devo” e um “não me é permitido”, tendo como base os mandamentos do divino. Ele faz uma crítica a falta de liberdade pessoal e de escolha que se fundamentam em leis divinas absolutas e em dogmas que as inviabilizam, ponto esse bastante interessante das observações de Husserl.

De um modo geral, o filósofo nota que a autonomia do homem foi limitada pela cultura religiosa, pelo menos em referências às culturas mais antigas e apesar de fazer uma retrospectiva, lança sua reflexão filosófica e suas críticas para mostrar como a inibição da liberdade pode ser difícil para o desenvolvimento individual e comunitário de uma humanidade. Conforme Husserl (2014, p.77), a expansão dessa liberdade realiza-se “quando a religião deixa de realizar aquilo que é evidentemente chamada a realizar para um povo ligado à divindade” através da revelação divina e para o “desenvolvimento de livre ciência” que não se vincule a essa “lei revelada” absoluta.

Nesse campo, a religião pode ser vista como característica fundamental dos povos em seu comportamento prático. A religiosidade que se verifica em todas as culturas está, segundo Husserl, unida indissolavelmente à dimensão da eticidade de cada povo, cada comunidade. Em um dos ensaios de Renovação do homem e da cultura, ele apresenta o estado da cultura religiosa como um dos tipos formais da cultura presentes na história da humanidade, ao lado da cultura científica. (Cavalieri, 2013, p.440).

Com isso, temos a segunda parte do texto que se refere à cultura científica, que está amplamente relacionada à nação grega. Para Husserl o mundo grego conseguiu elevar-se a um grau jamais visto antes, com isso, podemos perceber que sua perspectiva não é exclusivamente abordar a história grega e também não o faremos aqui, mas basta-nos entender como se deu a formação cultural, principalmente a europeia, que se encontra elaborada na percepção husserliana de uma crise. De antemão, antecipamos que será necessário ir na própria origem filosófica para resgatar o sentido mais basilar de uma humanidade que é em si mesma autêntica. Ele nos mostra, na segunda parte, o lugar que a filosofia ocupou na antiguidade e na modernidade, o que sustenta nossa inteligência sobre a crise.

A transformação do conhecimento em algo sistematizado fez da ciência um sistema universal fundamentado em convicções fixas. Para Husserl, o conhecimento dos povos citados acima é baseado em mitologia e religião, por isso não são ciências autênticas. Apenas na reflexão crítica encontra-se uma ciência, que primeiramente é pré-cientificamente, no qual “o interesse teórico é já, na verdade, exclusivamente determinante e é realizado o repelir dos preconceitos”, mesmo que não “fundamente nenhuma certeza objetiva”, que Husserl (2014, p.94-95), afirma na passagem “falo acerca do mundo”, não apenas de grupos de experiências

cotidianas, não são com eles que se desperta a necessidade prática. De acordo com Steinbock (1994, p.452 e 463, tradução nossa), “o quinto artigo trata de muitos temas que se tornariam predominantes em sua famosa Conferência de Viena de 1935”. E com base nisso, “Husserl clama por renovação não porque estamos falhando em criar culturas e valores culturais”, pois valores culturais vêm das realizações da humanidade, mas na conduta humana diante delas, desdobra-se em análises do mundo-da-vida em *Krisis*.

Diante desse artigo, segundo Husserl (2014, p.72-73), a religião tem um papel importante na vida dos homens, ainda que possuindo diversas formas em variadas culturas. E ela está associada a um “nível superior da cultura mítica”, ele observa ainda a hierarquização das normas absolutas, pois estas surgiam através da “revelação divina” e certamente não poderia ser questionável, em linhas gerais. A cultura judaica possui também essa hierarquização. Desse modo, impedem que a religião faça parte de âmbito cultural e de que possa haver a contemplação por meio de “si própria”. Nessa linha, o filósofo defende a fenomenologia de ser considerada um dogma ou uma religião, haja vista que a filosofia está respaldada na volição e liberdade, contemplada na Grécia como aquela que derrubaria as crenças religiosas.

Vásquez (2002, p.5, tradução nossa), afirma que:

A distinção entre as duas regiões do mundo da vida permite caracterizar de maneira rigorosa, em oposição ao princípio de causalidade, o sentido profundo de motivação no âmbito do social. Esta categoria complexa da motivação é a chave para o reino universal dos fins, que não é outro que o mundo da vida, no qual se dá a subjetividade em atividade comunitária e social, consciente da sua responsabilidade e capaz de assumir as tarefas de renovação cultural que surgem dessa consciência: trata-se do sentido da intencionalidade como responsabilidade.

Muito cauteloso e sistemático em sua forma de estudá-la, foi astuto em não deixar a fenomenologia cair em análises abstratas ou metafísicas clássicas colocando o sujeito e suas vivências nos planos epistemológicos, tematizando o mundo-da-vida, sendo temático aquilo para que estamos dirigidos. (Husserl, 2008). Ainda foi além, traçou a renovação para nos dirigir ao mundo-da-vida, em outras palavras, reposicionou o sujeito ao seu mundo fundamental junto a outros “eus” pela intersubjetividade, ampliando suas investigações do plano individual em direção ao sujeito relacional na intencionalidade com o mundo, como na escolha compartilhada

entre vontades e vocações, sem jamais separá-lo, em sua forma ressignificada, do mundo-da-vida.

Esse itinerário percorrido até aqui amplia nosso horizonte de análise acerca da renovação husserliana, que apesar de ser um recorte de período, as ideias vindas desses artigos carrega os preceitos necessários para nossas análises, pois neles constam um verdadeiro “manual”, por assim dizer, de um projeto de renovação, sua ideia principal e os pormenores do seu desenvolvimento que nos permite averiguar, sem pretensão de esgotar, os parâmetros que nos levam a compreender mais de perto a renovação no contexto da crise e do mundo-da-vida.

1.2 - O MUNDO-DA-VIDA EM HUSSERL

Husserl se preocupava com o destino da humanidade europeia que estava sendo desviada das essências humanas, o que fez emergir um desespero frente às questões subjetivas de sentido, ou melhor, faltou-lhes o mundo-da-vida como solo de sentido. Husserl ampliou o conceito de mundo-da-vida a fim de ressaltar tanto a experiência subjetiva constituída nele quanto às possibilidades de vivência constante dos seres históricos. O filósofo, nos artigos para a revista *Kaizo*, já mostrava interesse pelas experiências não reguladas pelas ciências naturais, nem pelas religiões e outras “doutrinas”, mas aquelas que são autorreconhecidas pelo movimento permitido do mundo-da-vida e com as análises históricas que ele fez nos artigos firmou o polo subjetivo da experiência de autoformação, autoconhecimento, a atitude ética que apenas o sujeito transcendental em sua concretude pode acessá-lo com o processo de renovação.

[...] O problema do mundo torna-se para a fenomenologia husserliana um tema prioritário de investigação ao descobrir, na modalidade mais originária deste mesmo *Lebenswelt*, o lugar de assentamento das ciências e a instância última doadora de sentido a toda práxis e teoria. O mundo da vida proporciona um suporte comum a toda atividade humana, inclusive à atividade científica, através da qual se pretende superar a dispersão das ciências[...] (Letenski, 2012, p. 72-73).

Portanto, Husserl abrange em sua filosofia vários atributos que fazem parte da vida humana e do conhecimento em que o mundo-da-vida também possui relação. Embora o fenomenólogo primeiramente tenha tido suas primeiras

formações na área matemática, não o impediu de ter feito diversas considerações que ultrapassaram o campo da filosofia. O percurso percorrido por ele contribuiu para que muitos outros estudiosos o vissem em fases, momentos ou períodos.

Assim, diz Smith (2007, p.1, tradução nossa):

Há dois Husserl: o filósofo apaixonado e revolucionário que se enquadra naturalmente na dinâmica tradição “continental”, e o filósofo exigente, matemático e formalista que se encaixa naturalmente na tradição “analítica”. Ambos são igualmente reais; ambos exerceram influência em diferentes tendências da filosofia do século XX. Mas há também um terceiro Husserl, aquele que integra o Husserl revolucionário e o Husserl científico. Isto é, o filósofo sistemático que vê todas as coisas como interdependentes, o Husserl que chegou a produzir uma teoria da própria dependência, uma teoria que une suas muitas outras teorias sobre consciência, natureza, sociedade, número, formas “lógicas” ideais em todas essas coisas, e assim por diante.

Nesta passagem, compreendemos que Husserl conseguiu se expressar por diferentes tradições, como costumamos nomear filosoficamente. Dentre elas encontramos o Husserl que é reconhecido pela sua contribuição em restituir o papel da filosofia como uma ciência que não é encerrada em si mesma através de seu grande empenho em “voltar às coisas mesmas” para resgatar a origem do conhecimento, além da tentativa de sobrelevar a dicotomia entre o subjetivismo e objetivismo que pairava na filosofia, sendo um grande problema para nós e para o mundo, discutido no capítulo seguinte. Também nos defrontamos com o Husserl que é bastante sistemático e rigoroso em suas análises, até mesmo nas críticas que faz; um filósofo que é criterioso e metódico. E muito mais que esses movimentos, Husserl vê uma mútua relação entre os fenômenos do mundo que ele uniu em uma teoria própria ligando toda esfera do sujeito com a doação de sentido que a experiência no mundo proporciona: o conhecimento. Esses passeios teóricos por tradições filosóficas o fez ser, muitas vezes, incompreendido e outras vezes mais aceito em círculos de debates. Podemos dizer que isso o tornou reconhecido em diferentes linhas filosóficas, mas acima de tudo foi capaz de integrar todas as coisas em uma única só: a fenomenologia transcendental.

De acordo com o Smith (2007), as pretensões de Husserl caminharam por distintas tradições deixando sempre conceitos de extrema relevância para a filosofia. Fato este que faz com que encontremos na literatura algumas particularidades quanto a isso, principalmente quando vamos explorar a crise, mesmo que os

pormenores do livro *Krisis*. Isso também acontece quando Husserl traz novos apontamentos para seus debates filosóficos, como é o caso do mundo-da-vida e por isso haverá menções no qual encontramos um “último Husserl”, mas optamos por priorizar nesse texto pelo não enquadramento dele em um primeiro e último Husserl e sim por compreender os conteúdos filosóficos explanados em seus momentos. Isso nos leva a crer que não há uma dissidência completa de suas atribuições, que é justamente o que veremos acontecer com o mundo-da-vida.

Independente de fases ou momentos do pensamento husserliano, concordamos com Cerbone (2012, p.17), quando ele afirma que "O restante da carreira filosófica de Husserl foi dedicado a desenvolver, refinar e reconceber a fenomenologia transcendental", pois, ele não rompe com suas ideias, pelo contrário, dedica a ela toda a “salvação da humanidade”. Portanto, esta dissertação tem como elemento norteador a renovação como parte do desenvolvimento, refinamento e reconhecimento do mundo-da-vida integrado à fenomenologia. Para um melhor entendimento da discussão proposta mostraremos a seguir como alguns autores compreendem a dinamicidade do filósofo Edmund Husserl, uma vez que isso pode nos aproximar das interfaces que levaram os escritos de Husserl ao repensar do mundo-da-vida.

'Mundo da vida' ou 'mundo-da-vida' (*Lebenswelt*) é o termo de Husserl, em seus escritos maduros que o usa para o mundo concreto da experiência cotidiana, o 'mundo cotidiano' (*Alltagswelt*), o 'mundo intuitivo da experiência', o mundo como experimentado na atitude natural. (Moran & Cohen, 2012, p.189, tradução nossa).

Relatos encontrados nos cinco artigos antecipam a fenomenologia em que Husserl enfatiza posteriormente sobre o mundo-da-vida. De maneira elementar, enquanto numa perspectiva o mundo é ponderado, na outra ele é descrito em sua forma dada para nós, de certa forma, isento das amarras cientificistas. Essas mudanças de atitude a qual nos referimos fizeram parte desse rompimento.

Nesta atitude, o homem contempla primeiro a diversidade das nações, a própria e as outras, cada qual com seu mundo circundante próprio, envolvendo suas tradições, seus deuses, seus demônios, suas potências míticas, considerando cada nação este mundo simplesmente evidente e real. Neste surpreendente contraste surge a diferença entre a representação do mundo e o mundo real e a nova pergunta pela verdade; não pela verdade cotidiana, vinculada à tradição, mas pela verdade unitária,

universalmente válida para todos aqueles que não mais estejam ofuscados pela tradição, uma verdade em si. (Husserl, 2002, p. 52).

A atitude que faz parte do mundo-da-vida é intersubjetiva, histórica e cultural. Anterior a qualquer julgamento, o homem entende que ali não existe apenas o próprio mundo circundante, mas todos os outros e os aceita como parte de um todo. Por isso a importância de voltar-se ao mundo-da-vida, pois os mundos que o circundam se relacionam sem perder a relevância e validade, dessa forma, não é meramente uma contemplação objetiva e sim uma consciência coletiva das diversidades das nações fazendo parte do mesmo mundo.

Dessa forma, há de se considerar a história na concretude da nossa experiência. Husserl (1965, p.129), diz que apesar das dificuldades encontradas em relação à história, ele reconhece “plenamente o valor extraordinário” dela “no amplo sentido para o filósofo”, a qual algumas correntes, doutrinas filosóficas ou movimentos filosóficos não quiseram dar atenção. Zilles (2002, p.36), confirma essa importância para Husserl no âmbito do mundo-da-vida, que “por meio da análise da história, Husserl quer deixar manifesto o sentido que orienta os acontecimentos filosóficos e científicos da modernidade”, para isso é preciso “retornar ao mundo-da-vida” e “redescobrir” ou recuperar o telos perdido. Diante das investigações husserlianas podemos notar que este mundo se caracteriza e se amplia para além de um mundo naturalista, visto que há uma proposta de buscar sua essência⁵ ou fundamento, na própria evidência.

Husserl quer entender não apenas a própria história como um “complexo de significado” intencionalmente constituído (*Sinneszusammenhang*), mas também o que é essencial ou invariante para a história como uma forma de instituição humana intencional. Nesse sentido, a história faz parte das estruturas a priori que possibilitam o sentido. A história como meros fatos cegos será incompreensível a menos que o “a priori da história” seja compreendido (Moran, 2013, p.119, tradução nossa).

⁵ “A fenomenologia de Husserl é completamente orientada pela ideia de “essência”. Vimos isso no modo pelo qual Husserl investiga a experiência consciente e no tipo de questões que ele levanta sobre ela. Sua fenomenologia busca delinear a estrutura essencial da experiência, em vez de sua estrutura empírica” (Cerbone, 2012, p. 58). E complementando essa ideia Tymieniecka (2002, p.4, tradução nossa), afirma que “a essência e a existência das coisas em seus inúmeros aspectos, matizes e o funcionamento dos seres vivos humanos e de seu mundo da vida tornaram-se não apenas unidos, mas amalgamados em sua autêntica diversidade”. Dessa forma, não é de se estranhar que o mundo- da-vida também passe por uma apreciação meticulosa da essência.

Para Husserl, os entendimentos feitos fundamentalmente pelos fatos são de grande ingenuidade, pois além de possuir cunho objetivista não permite ampliar a compreensão desses fatos, além de impedir o retorno à sua própria gênese de sentido. Sendo assim, o olhar fenomenológico de Husserl nos permite perceber que, para ele, a história não é um ponto fixado da cultura humana, ou seja, não é apenas um “momento” ou simplesmente um trajeto “linear”, mas sim, um “movimento” ativo da essência humana que também não se dá por concluídos na esfera espiritual.

Mundo circundante é um conceito que tem o seu lugar exclusivamente na esfera espiritual. Que nós vivamos no nosso mundo circundante respectivo, que vale para todos os nossos cuidados e esforços, tal designa um facto que se passa puramente na esfera do espírito. (Husserl, 2012, p.119).

Husserl demonstra mais uma vez que existe um *telos* na própria história europeia, ou seja, não está designada somente no âmbito individual, mas de toda uma humanidade ou de uma “consciência intersubjetiva”. E certamente, a ciência moderna não mais preza por esse espírito genuíno, irrefletidamente acaba rejeitando-o, melhor, nega sua origem racional, assim, Husserl se empenha em integrar o mundo-da-vida a elaborações para tentar superar paradigmas e contrariedades, mesmo que isso causasse uma gama de críticas e adeptos que exaustivamente vemos ao ler sobre esse conceito.

O problema com o conceito de mundo da vida universal a priori é que ele pressupõe, de alguma forma, uma capacidade de torná-lo um tema explícito de investigação. Mas abordar o mundo da vida como um horizonte implica levar em consideração que ele – como forma de revelar – nunca é ele próprio um tema. Revela-se apenas através de implicações referenciais. (Servan, 2009, p. 404, tradução nossa).

Este mundo que é dado a priori vem de modo reorientando, no sentido de que se desprende de um campo metafísico clássico, de idealidades e o vincula às vivências cotidianas pré-científicas. Além disso, não é mais abordado somente no escopo individual subjetivo que se fecha do eu transcendental, mas também do intersubjetivo da comunalidade. Assim, também está implicado no âmbito cultural, pois está inserido uma diversidade de intersubjetividades compartilhadas de realizações culturais, o que demonstra também o interesse de Husserl pela história.

O problema do conceito de *Lebenswelt* está longe de ser resolvido ou longe de haver um consenso entre seus intérpretes, pois já é comum e inegável nos depararmos com a ambiguidade do termo, visto a complexidade dos escritos husserlianos. Sem mencionar sobre toda a ramificação que esse termo ganhou em diferentes espaços do saber.

Citamos pelo menos um exemplo disso pela perspectiva de David Carr (1987), na qual ele diz que há pelo menos três aspectos fundamentais na concepção de mundo-da-vida husserliano, sendo o primeiro referido ao que já é dado aprioristicamente, o segundo seria o da intersubjetividade e o terceiro relacionado às *singularidades* culturais. Com isso, concordamos com David Carr sobre esses aspectos do mundo-da-vida, pois entendemos que estes estão ligados e fazem parte desse universo fenomenológico o qual ingressamos.

Corroborando com isso Drummond (2007, p.19, tradução nossa), menciona que o conceito diversifica-se em diferentes momentos, em alguns aparece como “mundo concebido abstratamente no qual se fundamentam significados superiores do tipo pertencente à ciência, à filosofia e à cultura em geral”, e em outros como “mundo concreto que já é pré-dado e dado como certo em nossa experiência, um mundo que já inclui os depósitos sedimentados da história da ciência, filosofia e cultura”. Na medida em que o filósofo busca explicar o mundo-da-vida percebemos que este não se limita a uma única via de interpretação, sendo um dos pontos que o fenomenólogo tenta nos alertar. Mas para alguns teóricos isso pode demonstrar ambiguidade. Husserl insere diferentes concepções⁶ acerca do mundo-da-vida, como próprio mundo vivido, mundo pré-científico, mundo dado, dentre outros.

Num texto intermediário – Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia de rigor – Husserl vai se referir ao “mundo circundante” e nas *Meditações Cartesianas* ao “mundo primordial”. Também foi denominado de “concreção plenamente originária do mundo”, “mundo comum do cotidiano” e “cotidianidade” ligada à expressão “cotidianidade da vida” (*Lebensalltäglichkeit*). Não podemos aqui trazer as diferenças e semelhanças entre estes conceitos, que na verdade são apenas novos perfis, novas perspectivas de um mesmo conceito, mas apenas mostrar como esta questão sempre esteve presente nas reflexões husserlianas e

⁶ “Ocorre, porém, que Husserl tem, diante de si, a grande dificuldade de expressar o que seja o “mundo- da-vida”. Para fazê-lo, muitas vezes, deve recorrer a termos como “pré-científico”, “extra-científico”, “pré-reflexivo” etc. Por conta desse constante recurso a definições negativas do “mundo-da-vida”, portanto, muitas críticas foram feitas à Husserl e, contemporaneamente, podem surgir muitos equívocos e muitas interpretações.” (Azevedo, 2011, pp.71-72). Assim, enfatizamos que os conceitos, apesar de gerar essas ambiguidades, trazem uma perspectiva geral e é nela nosso foco, pois nos oferece abertura para a ideia de renovação e vice-versa.

que sua motivação filosófica sempre o levou a dar um cunho aproximativo ao conceito, sem aprisioná-lo nos rigores positivistas. (Cavaliere, 2004, p.87).

Isso certamente causou bastante discussão. Para Josgrilberg (2020, p.185), “*Lebenswelt* foi o último recomeço de Husserl em sua longa trajetória de recomeços” na tentativa de enraizar e correlacionar as essências na vivência humana. Assim, “o mundo-da-vida não pode ser delimitado com precisão, mas podemos caracterizá-lo como um universo de sentido sedimentado que permeia as relações inter-humanas”. Para a problemática desta dissertação é mais viável aceitar que o mundo-da-vida tenha um horizonte que vincula os mundos entre si.

“Essa é a razão pela qual, aliás, acredito ser possível tratar da noção de ‘mundo’, em Husserl, como um termo coerente, mesmo multifacetado, de sua fenomenologia” (Missaggia, 2018, p.194). Ainda que não seja o nosso foco aprofundar sobre a ambiguidade do termo, pretendemos mostrar o que Husserl pretendia com essa movimentação da sua perspectiva acerca do mundo-da-vida nos quais os conceitos permitam uma incubência com o sentido de renovação, que apesar de “variados”, não elegemos um rompimento entre eles, mas (re)elaborações do filosofar.

Assim como Missaggia (2018, p. 206), acreditamos que há uma coerência entre os conceitos de mundo-da-vida. A autora acrescenta que essa unidade coerente “se dá justamente na medida em que o conceito transcendental de mundo da vida” diz respeito “à descrição de suas estruturas universais e gerais, de seu ‘a priori’.” Desse modo, entendemos também que existam essas estruturas comuns do mundo-da-vida que vinculam todos os conceitos existentes a respeito e que, de alguma maneira, todos estes fazem parte de nossas vivências.

[...] O mundo da vida é entendido como o horizonte pré-científico de sentido prévio a toda e qualquer idealização científica. Trata-se do mundo da doxa, relativo aos propósitos e fins humanos, da intuição sensível não "substituída" por construções idealizadas. Compõe-se de teleologias, de corpos, e corpos somáticos, causalidades, significações e indutividades próprias da práxis humana[...] (Biemel, 2012, p. XV).

Husserl identifica que o mundo-da-vida é constituído por algo sublime, não no sentido de algo inatingível das idealizações, mas como elevação moral e intelectual. Demonstra Zahavi (2015, p.180), que mundo-da-vida nas análises de Husserl é

tanto “uma clarificação da relação entre teoria científica e experiência pré-científica” com o horizonte de significações quanto uma forma de colocar em “questão o objetivismo e o cientificismo” pela subjetividade própria à dimensão humana e também uma “nova introdução à fenomenologia transcendental ou como um novo caminho para redução fenomenológica”, que por sua vez desprende o eu de uma esfera exclusivamente egológica e incorpora-o ao mundo-da-vida.

Primordialmente, o mundo-da-vida possui uma dimensão imprescindível na vida humana, ou melhor, no *telos* humano e não deve ser submetido a essas limitações científicas, muito menos matematizado. O mesmo também faz parte do mundo da doxa, visto que, este ponto gerou tantos atritos na filosofia, por separarem, por exemplo, episteme e doxa, de um modo inflexível. Para o filósofo, isso tem grande relação com as finalidades do que é humano. E mundo-da-vida, como traz Mohanty (2011, p.218, tradução nossa), “é a base de todas as realizações epistêmicas”. Logo, a ciência por estar sempre vinculada a uma verdade absoluta, não se aproxima deste mundo.

O mundo da vida poderia, a bem dizer, sem qualquer interesse transcendental, ou seja, na "atitude natural" (em termos transcendentais e filosóficos: na atitude ingênua, anterior à epoché) tornar-se tema de uma ciência própria de uma ontologia do mundo da vida puramente como mundo da experiência (isto é, como o mundo intuível, unificada e consequentemente coerente na intuição empírica efetiva e possível). (Husserl, 2012, p.141).

Ainda no percurso sobre o mundo-da-vida no desenvolvimento filosófico de Husserl nos deparamos com a chamada “ontologia do mundo-da-vida” de forma bem específica no livro *Krisis*. A qual se “torna um conceito preparatório para o acesso à esfera verdadeiramente transcendental”. (Cavalieri, 2004, p. 81). Husserl percebe a possibilidade de se trazer a ontologia para ampliar a noção do mundo-da-vida, como caminho também de resgate deste e das próprias dificuldades filosóficas. Além disso, traz tanto o mundo-da-vida quanto a fenomenologia para se superarem das imposições científicas e das críticas. Diferentemente das propostas ontológicas tradicionais, que fazem uma espécie de “cobrimento” do mundo e seus fenômenos, agora a proposta husserliana vem para concretizá-los na vida cotidiana.

Para Biemel (2012, p.XVI), Husserl visava com a ontologia uma “ciência eidética” do mundo-da-vida, pois ele não queria colocá-lo no mesmo patamar de

uma ciência objetiva, mas queria que ele pudesse se tornar “tema de uma ciência própria”. (Husserl, 2012, p.141). Mesmo que o filósofo fale de uma ciência em relação ao âmbito do mundo-da-vida, é importante entender que ele não quer transformá-lo ou aplicá-lo com os mesmos atributos que a ciência se encontrava naquele momento, nem tampouco com a noção engessada de uma ciência experimental, ainda que tivesse muitos sucessos em suas investigações, teóricas e práticas, possuindo um nível de excelência, porém estava equivocada ao excluiu o próprio mundo-da-vida.

Temos de ter sempre em mente que o sentido de uma ciência a priori próprio desta "ontologia" está em contraste frontal com o da tradição. Não podemos jamais perder de vista que a filosofia moderna, nas suas ciências objetivas, é orientada por um conceito construtivo de um mundo em si verdadeiro, substruído em forma matemática, ao menos em relação à natureza. O seu conceito de uma ciência a priori, finalmente, de uma matemática universal (lógica, logística), não pode, por isso, ter a dignidade de evidência efetiva, isto é, de uma intelecção essencial criada a partir de uma autodação direta (intuição empírica), a que ela gostaria de recorrer para si. (Husserl, 2012, p.142).

Por isso, vale ressaltar que por mais que estejamos nos remetendo aqui ao Husserl revolucionário no contexto de crise, essa que condena ontologia tradicional metafísica, mesmo que esteja no trajeto das essências, por assim dizer, não estaria desvinculada das nossas experiências ou de nossas percepções, diferentemente de como faziam filósofos clássicos e modernos, de colocá-la em uma posição totalmente separada do mundo “real”. A relação sujeito e objeto, por exemplo, a essência, ou melhor, o ser, na perspectiva clássica dos estudos do “ser”, ele seria inatingível. Mas para Husserl, conforme Missaggia (2015), não há coisa em si, ou melhor, não existe um “ser” separado do fenômeno que aparece, logo, não é desvinculado do que se fenomenaliza em nossa consciência; ela está no aparecer. Além disso, não há separação entre sujeito e mundo, o que afasta Husserl de uma visão “dualista”, pois ontologia fenomenológica se amplia para essa inseparabilidade entre o que é imanente à nossa consciência e o que se mostra acontece pela via da sensibilidade.

Na Krisis Husserl indaga o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem dessa crise, redescrivendo a trajetória da razão ocidental e constata que as ciências se afastaram, pela matematização do mundo da vida, substituindo-o pela natureza idealizada. Elabora uma ontologia do mundo da vida no qual tenta superar o antagonismo entre o objetivo-

naturalista e o subjetivo-transcendental do pensamento moderno. Enraíza tanto a explicação das ciências naturais como a compreensão dos saberes culturais, lutando contra a absolutização do paradigma científico, que empobrece os problemas humanos. (Zilles, 2002, p.7).

Como aborda Zilles (2002, p.33), a ontologia de Husserl não se polariza no empirismo ou no racionalismo habitual, pois de alguma forma recaem sobre um mundo absoluto e mesmo já estabelecido. Quando ele se refere ao mundo-da-vida como uma experimentação do homem não é este mundo determinado, mas sim construído pelo próprio homem, mas também é “constituído pela história, linguagem, cultura e valores”. Por isso, seria ingênuo fazer a redução do mundo-da-vida apenas a um mundo físico e exato, como acontece com a natureza matematizada.

Nas articulações para uma compreensão do mundo-da-vida Husserl elabora o desenvolvimento do seu conceito de forma que responda às críticas. Com a ontologia fenomenológica, o filósofo tenta suprimir algumas ambiguidades e retirá-lo de uma abstração da ontologia tradicional, porquanto a fenomenologia enquanto ontologia se vale dos elementos constitutivos do mundo-da-vida que são históricos, sociais e culturais e enquanto atitude e método se dedica aos estudos das essências de modo a alcançar o ser que se mostra em nossa relação intencional da consciência com esses elementos e com o próprio mundo-da-vida.

Segundo Husserl (2012, p.390), “esta forma ontológica do mundo” é o que existe para todos nós. Porém, muito mais que uma ontologia, o filósofo vai além de uma explicação para nos apresentar um repensar do mundo-da-vida em um plano transcendental no qual, apesar de suas estruturas, existe como fundamento e horizonte perpétuo da vivência, ou seja, o “modo de ser necessariamente concreto da subjetividade” visto como forma transcendental última; e em “permanente “constituição do mundo” e assim, correlativamente, a nova descoberta do “mundo que é” (Husserl, 2012 p. 219). Isto é, o mundo originário em sua verdadeira forma de ser no fenômeno, por se tratar de algo inseparável, Husserl não se fecha nessa ontologia, por mais que ela se faça necessária, por vezes. O interesse dele é pelo ser que aparece no fenômeno e por isso ele busca os mais diversos significados e sentidos existentes nesse ser buscado pela fenomenologia.

Husserl fala sobre as crises em geral, da razão, científica e filosófica de um modo bastante engenhoso quando as ligam ao conceito de mundo-da-vida para mostrar como a crise da humanidade, que abarca todas elas, está no afastamento

do mundo-da-vida e como resultado das análises, a necessidade de voltar-se a ele. De forma ampla, ao se remeter ao mundo-da-vida, Husserl não pretende somente falar sobre uma base teórica do mundo e da vida, mas também de um plano prático, sem deixar fechado a magnitude do que esse tema pode nos oferecer. Em virtude disso, não podemos nos esquecer de que mesmo que Husserl tenha começado a expô-lo anteriormente às guerras, a preocupação, de alguma forma, estava direcionada às essências, às experiências, às práticas subjetivas da vida humana.

Apesar de controverso, direcionamos nosso debate pelas coerências e significados que indicam a ideia de renovação, entendendo a concepção de mundo pela “tarefa da fenomenologia transcendental”. Steinbock, (2017, p.45, tradução nossa), diz que “segundo Husserl, é considerar o mundo da vida como mundo-horizonte e como solo plano, ou seja, tematicamente como tal por meio da *epoché* e da redução e como uma unidade de percepção consciente”, dessa forma, confirma-nos Husserl, (2009, p.662), que o mundo-da-vida é em si “finalidade do conhecimento humano – o conhecimento dos maduros, dos racionais”. Pensamos também como Guimarães (2012, p.37), ao ver que, “cada objeto do mundo da vida representa aqui e agora os sentidos universais e necessários do mundo”. Compreendemos que houve esse afastamento ou esquecimento ao longo da formação da cultura ocidental. E apenas com uma atitude fenomenológica seremos capazes de voltar às coisas mesmas nesse terreno de conceitos husserlianos, captando assim, a forma de expressão e dação do mundo-da-vida através da renovação. Para isso, precisamos mergulhar primeiramente na percepção de Edmund Husserl sobre a crise e de como ela afetou e foi afetada pela renovação e pelo afastamento do mundo-da-vida.

1.3 – A crise da humanidade na perspectiva de Husserl

O filósofo proferiu conferências e ministrou cursos que abordaram suas teorias filosóficas, como as Conferências de Viena e Praga em 1935, com o nome de “A crise da humanidade europeia e a filosofia”, nelas se apresenta o que ele chama de crise, localizando essa discussão dentro da “Fenomenologia Transcendental”, que de acordo com Benedetti (2016, p.178), “atinge especificamente as Ciências do Espírito (Ciências Humanas) ou, de maneira geral, a Cultura daquela época”. De

início já vemos que a crise da humanidade é uma crise cultural, na qual as realizações comunitárias serão a crítica de Husserl.

Falar sobre uma crise não foi algo inédito à Husserl, esse termo já era usado desde muito tempo para se remeter a um desequilíbrio temporário em um determinado lugar ou situação. Ele vem de origem grega *krisis* e significa “distinguir”, “julgar”, “decidir”, dentre outras apropriações, de forma mais ampla também interpretada por Japiassú e Marcondes (2001, p.47), como “uma mudança decisiva no curso de um processo provocando um conflito ou um profundo estado de desequilíbrio” e para Abbagnano (2007, p. 222), “em época recente, esse termo foi estendido, passando a denotar transformações decisivas em qualquer aspecto da vida social”. Ou seja, apesar de diferentes olhares, há em comum que a crise permeia diferentes âmbitos de pesquisas e seu significado faz parte de toda nossa realidade e nos leva a pensar sobre o que fazer diante de situações declaradas como críticas. E filosoficamente temos acesso a diferentes maneiras de entender esse fenômeno; é o que veremos na percepção de Edmund Husserl.

Conforme Mendes (2001, p.767),

Uma crise é sobretudo um fenômeno perceptivo desenvolvido por terceiros sobre um agente que se vê/está envolvido num acontecimento ou ação imprevisível, que tem um potencial destrutivo ou de ruptura sobre um sistema social instalado e de referência. Por esta razão uma crise é uma realidade pública que implica a interpretação por parte de terceiros (...). Externamente uma crise é ainda uma realidade que se traduz por uma quebra de expectativas sociais depositadas sobre o (s) agente (s) que colocam em causa a sua reputação e a sua legitimidade e, conseqüentemente, a sua capacidade para continuar a desenvolver as suas atividades e intervenções como até então ocorrera.

Começemos por compreender que a crise relacionada à Europa Ocidental foi vista de forma fatalista por muitos pensadores do assunto e por isso trazemos como uma percepção que nem sempre vem acompanhada de cunho negativo. Zahavi (2015, p.181), diz que “Uma crise, porém, não se mostra apenas em colapsos dramáticos, mas também em uma ausência de pensamento bem funcional”. O desvio da racionalidade configura-se como uma disfunção do pensamento, nesse viés, Husserl não vê um fracasso ou decadência do ocidente e sim um aviso do que estava acontecendo com a filosofia, as ciências e a humanidade, a partir do momento em que se afastaram do mundo-da-vida. E por isso, tomar uma decisão

consciente para superá-la se mostrava como oportunidade de reajuste racional frente a um conflito, como seria o caso da renovação.

No decorrer da história humana, política, econômica e social passamos por diversas “crises”. Nunca se usou tanto desse vocabulário quanto nos dias de hoje, mas o termo já era cunhado em diversas ocasiões e se fez presente em outras perspectivas, como na filosofia. Koselleck, (2006, *apud* Cordero 2016, p.99, tradução nossa), aponta que quem primeiro usou o vocábulo “crise” relacionado a uma filosofia da história foi Rousseau, voltando-se para um descontentamento com a ordem social de sua época ao se pensar nas desigualdade de classes e as necessidades humanas básicas, levando-o a pensar em um colapso e mudanças radicais se desperta e para ele, “um período em que a conversa sobre a crise servia aos propósitos de uma variedade de posições ideológicas em relação à situação alemã”, que não mais se limitaria apenas ao aspecto político e econômico, como costumeiramente nos deparamos.

Conforme Brasileiro Borges (2007, pp.130 e 132), para Ortega Y Gasset (1883-1955), outro grande filósofo que observa a crise do século XX, que percebe um desnorтеio não apenas individual, porém de todos, mas que acredita na possibilidade de se pensar uma construção e superação das circunstâncias encontradas, existe uma dúvida que paira diante da crise e essa dúvida “define grande parte de toda crise, mas, como vimos, a vida em crise exige o esforço natatório” e que a “crise é crise de sentido, é estar em um mar de dúvidas, é viver desorientado.” Deve haver o esforço para nos esquivar dessa angústia de dúvidas e buscarmos sair da crise, sendo importante também reconhecê-la. Husserl pensa a renovação e o mundo-da-vida como a possibilidade de reorganização da humanidade, não deixando de reconhecer os problemas de sua época, muito menos as crises que seu território passava, mas que este ponto de vista recortado aqui, sobre a concepção de crise, está fundamentalmente na ideia de que ela nem sempre se associa a uma posição encerrada da vida humana ou da qual nada se possa fazer.

Em meados do século XVI e XVII, chamado de Idade Média, a Europa passou por intensas adversidades econômicas, culturais e políticas que ficaram conhecidas por crise europeia, marcando o período moderno. Porém, atemo-nos aqui aos séculos XIX e XX, tempo de guerras e calamidades originadas também dessas adversidades nas quais afetaram o mundo como um todo, por isso os pensadores,

escritores, pesquisadores se voltaram para ela, cada um ao seu modo, e ao modo de Husserl (2012, p.3), ela é um conflito sobre “as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda a existência humana”.

Em vez de um tópico do debate político cotidiano, a crise deveria ser vista principalmente como um tópico filosófico – como uma categoria útil que precisava ser “desenraizada” e reinterpretada em relação a uma compreensão renovada da história da filosofia. (Miettinen, 2013, tradução nossa, p.104).

Ainda destacamos que nesse período houve intensas mudanças na educação, na literatura, na arte, na qual era exigido dos pintores o relato mais real possível da natureza, assim como os personagens literários eram retratados com exatidão da realidade, tempo que o comportamento humano era ditado pela a genética e fatores condicionados ao ambiente pelo determinismo darwiniano, além da crença de uma sociedade moldada pelas ciências exatas. Além disso, houve o desenvolvimento tecnológico na comunicação, na engenharia elétrica, na mecânica, descobertas na medicina como a vacina e antibióticos, fora tantas outras inovações nos levam ao paradoxo da crise.

Pode parecer contraditório chamar o período em que a Europa teve seu apogeu industrial, domínio territorial e crescimento científico de “crise”. Husserl faz o diagnóstico de uma crise⁷ que não é apenas política ou econômica, como costumamos associar, mas um chamado para o sentido da existência humana, representado pela Europa dentro de uma perspectiva filosófica ocidental⁸ e uma crítica à civilização europeia em perceber que tudo o que favorecia o crescimento europeu carregava com ele o afastamento do mundo-da-vida.

Na perspicaz percepção de Husserl e na realidade de muitos, de fato, houve uma crise: econômica, política, estrutural, filosófica, racional, científica e acima de

⁷ “Husserl sempre conviveu com um sentimento de crise. No alvorecer da sua formação, a crise de fundamentos das ciências em geral. Essa crise atormentava os espíritos mais lúcidos da segunda metade do século XIX. Lógicos, matemáticos, físicos, químicos e tantos outros abrigados pela ampla bandeira do positivismo se encontram numa escada desequilibrada que não oferece nenhuma segurança em relação a fundamentos” (Guimarães, 2012, p.30). Mais precisamente após a primeira guerra esse sentimento aclarou em Husserl, que além do fundamento do conhecimento e da filosofia uma falta de um solo concreto de guia para a humanidade também o perseguia.

⁸ No século 20 encontramos muitas correntes filosóficas herdeiras de todos os grandes problemas do passado, mas entre elas é a Fenomenologia que realiza a ideia de fundo da Filosofia Ocidental. Por Filosofia Ocidental entende-se aquela filosofia que nasceu na Grécia antes do Cristianismo. Por isso, a fenomenologia representa uma herança que nós temos de acolher e aceitar (Bello, 2004, p.13). É importante salientar que ao nos referimos como Ocidente nos direcionamos a essa de berço Grego para a qual Husserl pretende voltar-se em ideias quando fala sobre renovação.

tudo, da tarefa da filosofia ante a falta de um *telos* que fosse capaz de ofertar um significado último, comum a toda humanidade. E essa foi a inquietude de Husserl mesmo antes de escrever *Krisis*, pois ele trazia resultados dessa percepção já sobre os fundamentos, confirma-nos Moran & Cohen (2012, p.76, tradução nossa), que “Desde o início de sua carreira, Husserl estava consciente da crise dos fundamentos”. A própria fenomenologia se mostra nesse âmagô, assim como sua proposta de renovação, uma vez posta como atitude e método no contexto das crises, seria o *telos* seguro para a humanidade.

A crise é uma crise dos fundamentos das ciências: falta uma compreensão das suas bases e do seu significado. É uma crise da filosofia, desencaminhada, segundo Husserl, numa floresta de contrassensos, ceticismos e irracionalismos. É, também, uma crise existencial da civilização europeia, que abandonou a sua matriz filosófica. É ainda, e finalmente, uma crise da subjetividade, do ser sujeito em geral. (Biemel, 2012, p.XIV).

A Crise, que antes tinha como ponto o fundamento, agora se direcionava a humanidade, principalmente às ciências que fracassaram na compreensão do ser humano em sua totalidade e, portanto, seria de suma urgência ir além de um diagnóstico e sim um “prognóstico”⁹. Quando falamos em diagnóstico husserliano de uma crise, denotativamente estamos falando de identificar uma doença, seu estágio, causas e sintomas mediante uma análise, doravante a Europa doente, Husserl pretensiosamente a diz enferma: “As nações europeias estão doentes, a própria Europa, diz-se, está em crise” (Husserl, 2012, p.249). Ele nos faz um apanhado de como o racionalismo objetivista pode ser o estopim de uma crise humanitária e como já sabemos não foi restrito à Europa, portanto, qualquer outro espaço geográfico que passe pelo mesmo crivo perceptivo husserliano se torna passível de uma crise, que ainda hoje assombra a humanidade.

Presentimos já que se tratará, com isso, de uma clarificação das razões mais fundas da origem do funesto naturalismo, ou também, coisa que se mostrará como equivalente, do dualismo na interpretação do mundo que é característico da Modernidade. Finalmente, deverá, por esse meio, vir à luz

⁹ Temos, ao mesmo tempo, de justificar também o atrevimento com o qual - conforme já se pode prever a partir das exposições crítico-sistemáticas - podemos ainda ousar (agora e neste tempo) fazer um prognóstico favorável para o desenvolvimento futuro de uma filosofia entendida como ciência.(Husserl, 2012, p.160). Conceito que nos leva a mesma analogia feita sobre a humanidade “enferma” e o “diagnóstico” de crise, uma vez que prognóstico implica previsões do que pode vir a acontecer mediante certos eventos.

do dia o sentido autêntico da crise da humanidade europeia. (Husserl, 2012, p.252).

É de comum acordo que essas crises podem se configurar como crise da humanidade. Visto esse conjugado, reconhecemos três caminhos principais que nos levam à percepção husserliana. O primeiro se encontra nas consequências da primeira guerra que muito se alinha à crise dos valores e perda de sentido da humanidade; o segundo se aglutina ao desenvolvimento da ciência moderna, cujo objetivismo afastou o mundo-da-vida e o terceiro com o papel da filosofia nesse percurso. E compele-nos a lembrar que esses caminhos se cruzam nas reflexões do filósofo e, portanto, a saída para essas crises irá afetar a intersecção que há neles. Nesse caso, podemos pôr entre parênteses a questão eurocêntrica¹⁰ e ver que a Europa representou muito mais que um território geográfico para Husserl.

A Europa tem um lugar de nascimento. Com isso não penso num território geográfico, embora também tenha tal, mas no lugar espiritual de nascimento, em uma nação, ou em indivíduos ou grupos humanos desta nação. Tal nação é a Grécia antiga do século VII e VI a.C. Nela surge uma nova atitude de indivíduos para com o mundo circundante. E, como consequência, irrompe um tipo totalmente novo de criações espirituais, que rapidamente assumiu as proporções de uma forma cultural bem delimitada. Os gregos chamaram-na filosofia. (Husserl, 2012, p.49).

O filósofo de Freiburg faz o diagnóstico de uma crise na qual a racionalidade se afasta da vida cotidiana, na qual a ciência não responde às questões mais profundas do nosso porquê de existir, e para ele a filosofia cedia ao naturalismo. A questão é que: ela não oferece um solo de significado e valorização da essência humana, ela nos afasta do mundo-da-vida compartilhado pela cultura, pela história, pela experiência. Em outras palavras, para Husserl o mundo grego conseguiu elevar-se a um grau jamais visto antes, com isso podemos perceber que sua perspectiva não é abordar a história grega, exclusivamente, mas entender como se deu a formação cultural. Com isso, seria necessário ir à própria origem filosófica para resgatar o aspecto mais primordial de uma humanidade que é em si mesma autêntica.

¹⁰ A renovação husserliana tem aspiração individual e coletiva, universal, é um novo olhar diante de si e do outro. A universalidade dessas aspirações está na filosofia, afirma Husserl (2008, p.36), “temos também de tomar aqui em linha de conta que a Filosofia, provindo de uma atitude crítica universal contra toda e qualquer pré-doação tradicional, não é impedida na sua propagação por qualquer limite nacional”. Por mais que ela esteja plenamente feita para a Europa, o crescente estudo sobre o tema nos confere o horizonte que ultrapassava o sentido de renovação.

Como Husserl não tem uma visão tão catastrófica do destino da humanidade, com ressalva para o caso de não aderirmos à renovação, ele encontra uma luz para “libertar” a razão das amarras naturalistas, estava em trazer a cultura filosófica grega baseada nos ideais de autenticidade de volta para a humanidade. Para o filósofo, esse movimento de libertação começou com os gregos, que lançaria um outro tipo de cultura, que seria a filosófica em que a humanidade alcançaria o nível “supremo que lhe é exigido como humanidade” e assim, traria de volta a originalidade do pensamento “ao seu meio circundante a partir da razão autônoma, e mais proximamente, a partir da razão científica” (Husserl, 2014, p.87). A ideia suprema de Husserl está na elevação da cultura pela filosofia, assim como aconteceu na Grécia, portanto a cultura filosófica veio como proposta de mudança que ele entende como a “autêntica essência da ciência” e não é à toa que em várias menções do filósofo, como em *Krisis*, há referências a uma originária ciência, que ao longo dos anos acabou sofrendo pelo afastamento do mundo-da-vida.

Na fenomenologia, especialmente husserliana, alguns conceitos possuem uma interpretação própria como é o caso da “razão” que tanto vemos nos textos dele e sobre ele. “Na fenomenologia o estudo da razão se vale da “experiência vivida no mundo” enquanto a razão, nos critérios propostos pela modernidade, direciona-se para a apropriação da natureza pela matematização (Cavalheiri, 2018, p.24). Ela também é guia que fornece a capacidade de “orientar a vida pessoal e social segundo fins ou ideais tais como a responsabilidade, a autonomia e a autoformação.” É através dela que damos “conta da experiência vivida a partir de categorias a priori que determinam o modo de manifestação da realidade.” Assim, sempre que passar por esse termo e seu desdobramento em racionalidade, convido a voltar a esse sentido de uma maneira não objetivista e sim fenomenológica, pois se percebia um uso equivocado da racionalidade, pois havia se tornado subserviente ao naturalismo e ao objetivismo.

Para Husserl (2014, p.76), a renovação acontece pela “faculdade da crítica” que faz parte da essência da humanidade para assumir essa responsabilidade reflexiva e colocá-la em prática por meio também de um “telos espiritual da humanidade” que não se cessa, ele “reside no infinito, é uma ideia infinita” (Husserl, 2012, p.254). Assim, conforme Cavalheiri (2018), existia um *telos* no qual a filosofia se descuidou, este que conduziria a pluralidade e a individualidade dos seres humanos ao reconhecimento de si mesmos como parte de um processo cultural

autêntico. Husserl reconhece que há uma consciência teleológica como sendo uma das chaves para a possibilidade de reflexão, mas conforme vimos sobre a crise, parece haver uma obscuridade da liberdade desse *telos*, que para o filósofo, desvia a racionalidade da clareza última das decisões, causada pela formalização das ciências modernas. De acordo com Cavalheiri (2018, p.24), Husserl buscava “um telos progressivo de valores autênticos, compreendido na busca de excelência que está acima dos desejos individuais” e que a filosofia poderia resgatar.

É pela razão que somos conscientes e conhecemos, é nela que idealizamos e realizamos nossas vivências concretas, sejam elas individuais e coletivas, consente Mohanty (2011, p. 394, tradução nossa), “Uma vez que a Razão determina o que é, pode uma região do que é – com suas próprias verdades separadas – ser separada da Razão?”. O motivo do fracasso de uma cultura racional não se encontra [...] “na essência do próprio racionalismo”, mas só em sua alienação, no fato de sua absorção dentro do "naturalismo" e do "objetivismo". (Husserl, 2012, p. 275). Essa é uma crítica à razão positivista, por estar desprovida de propósito original no cerne da crise, no que se adequava à natureza matematizada.

Husserl denuncia a crise da civilização do nosso tempo, interpretando-a como uma crise das ciências europeias. Situa essa crise não nos fundamentos teóricos, mas no fracasso das ciências na compreensão do homem. A origem da crise é a convicção de que—a verdade do mundo apenas se encontra no que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva, ou seja, no objetivismo. Este põe de lado as questões decisivas para uma autêntica humanidade. Com isso a ciência perde importância para a vida e o mundo (Zilles, 2002, p.30).

A autenticidade ficou comprometida com a matematização da natureza. Esta, por sua vez, está “pautada numa visão de mundo predominantemente objetiva, técnica, parcial, fragmentada; enfim, o oposto daquilo que Husserl denominava *Lebenswelt*, a saber, um mundo dotado de sentido e finalidade, de experiências subjetivas” (Berto, 2007, p.24). Podemos dizer que, apesar de Husserl ter vindo primeiro da matemática, ele soube reconhecer as dificuldades que encontraríamos se resolvêssemos aplicar o olhar científico e objetivo no mundo como um todo, pois isso acabaria abandonando as possibilidades subjetivas das pessoas e encerraria seus mundos; vida seria meramente reduzida a um único sistema de determinação, privando a humanidade de exercer a liberdade.

Husserl, esclarece que:

Liberdade é um termo para a faculdade e, antes de mais nada, para o hábito adquirido de atitude crítica relativamente ao que se apresenta à consciência, em primeiro lugar, sem reflexão, como verdadeiro, como pleno de valor, como devendo ser um ponto de vista prático e, na verdade como o fundamento para o decidir livre, que se realiza em consequência disso (Husserl, 2014, p.76).

Partindo dessa atitude, o indivíduo não recai mais sobre uma total passividade, pois já está comprometido com o processo de renovação, compromisso consigo mesmo e com os outros, que também devem estar realizando esta autodeterminação e autorregulação, esforçando-se em suas reflexões teóricas e práticas. Husserl (2014, p.29), coloca que “a essência da vida humana pertence, ademais, que ela se desenrole continuamente sob forma de esforço”. Esforço este que, “só reconhecendo a razão e a liberdade como atributos da subjetividade poderá libertar-se o homem de processos objetivantes que esquecem o mundo da vida concreta” (Zilles, 2002, p.41). Dessa forma, entendemos que ele nos diz que a renovação de uma humanidade é viável, entretanto é necessário empenho para isso, pois sem dedicação a elevação do homem, que o filósofo também almejava, não se realizaria.

Para Husserl (2012, p. 3),

Na urgência da nossa vida - ouvimos - esta ciência nada nos tem dizer. Ela exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens nos nossos tempos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou a ausência de sentido de toda existência humana [...]. Que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, seres humanos enquanto sujeitos dessa liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai de tudo o que é subjetivo.,

Para Husserl (2012, p.41), “a roupagem de ideias da "matemática e ciência matemática da natureza” acaba substituindo o mundo-da-vida, ou seja, não só o esquecem, como também o “mascaram” com a objetividade. Corroborando com esse entendimento, Tourinho (2019, p.88) completa dizendo que “tal objetivismo somente considera como válido o que é objetivamente verificável num plano empírico”, ignorando a significação dada pela subjetividade presente no mundo-da-vida. Levando a crer, que estão abrangendo todas as facetas necessárias da cientificidade, mas certamente, torna-se um caminho obscurecedor. Husserl

(2012, p.41) acrescenta que “a roupagem das ideias faz com que tomemos pelo verdadeiro ser aquilo que é um método”, especialmente o método científico. Em outros termos, notamos ainda que a ciência tenha sido ingênua por se ausentar-se das sendas do mundo-da-vida, compreendemos que isso também foi uma forma de domínio desse campo, porém por uma via irracional que contribuiu ainda mais para a crise. Assim, a crise estava tanto por esquecer de seu plano fundante, por não ter um guia que não o fizesse esquecer dos aspectos humanos, quanto por “maquiar” a verdade com abstrações e idealizações isentas de sentido para a humanidade.

O advento das ciências modernas foi bastante impactante para a humanidade, foram muitas as descobertas repentinas que mudaram todo o percurso da vida das pessoas. Isso afetou as profissões, os pensamentos, os comportamentos e a vida comunitária. Seria quase que impossível pensar alguma área que não ficasse ludibriada por ela, pois de fato, é isso que caracteriza o “domínio das ciências”. Como afirma Husserl (2008, p.22), “Por outras palavras: aquilo que o fazer científico obtém não é algo real, mas sim ideal”, por isso “o que é assim obtido como válido, como verdade, serve de material para a possível produção de idealidades de nível superior e de sempre outras novas”, causando um processo “numa infinitude prefigurada como campo de trabalho universal, como ‘domínio’ da Ciência”. Suas idealidades fascinam tanto na implementação quanto na teorização.

Parece um contrassenso com os paradigmas iluministas do século XX de liberdade, tolerância e valorização da subjetividade, “o sujeito como centro do conhecimento” fez dele alienado do próprio método do conhecimento e pensa-se que a razão daria a autonomia de volta para ele. As barbáries nos experimentos com pessoas e animais, a miséria com alto nível de mortalidade, o aumento das doenças, elevada desigualdade social, degradação do meio ambiente e diferentes guerras, entre tantas outras. Se olharmos bem, não parece distante essa realidade acima descrita, não se fecha em um território geográfico e nesse aspecto Husserl foi estratégico ao usar a Europa como modelo para pensarmos nessa crise. Diante disso tudo, como negar a perda de sentido da humanidade? A quem caberia a incumbência de refletir sobre essa situação enquanto todos se voltavam para o “mundo encantado do cientificismo”? Restariam aos grandes pensadores alertar, refletir e orientar a humanidade para uma renovação que superasse tudo o que ele apontou como crise.

Essa forma de percebê-la resguarda, em certa medida, não a um niilismo¹¹ diante de tais averiguações. Não nos calha ingressar na literalidade do termo diante da amplitude que levaria para fazê-lo, porém nos é suficiente esclarecer, nas palavras de Fontana (2023, p.28), “Que a fenomenologia abriu as portas à possibilidade de uma filosofia não cética e uma filosofia que permita o desenvolvimento para além do niilismo, isto é outra verdade”. Husserl não nega o mundo, não nega a vida, pelo contrário, ele elabora todas as facetas da vivência real e intencional de autoafirmação da potencialidade humana e da filosofia em resgatar a humanidade da crise e entregar a ela o que foi perdido.

Ao se deparar com questões filosóficas de fundamentação e conhecimento, o filósofo não se intimidou a falar a respeito. Junto às suas explicações e podemos dizer, ao seu desapontamento diante do nazismo e das ciências modernas, ele nos trouxe uma concepção de renovação que radicalizou com ideais que já estavam se enraizando de forma obscura no naturalismo. Conforme Cavalheiri (2018, p.13), isso o alertou para a certeza de que a filosofia estivesse sendo atraída pelo “naturalismo das ciências” e até mesmo ficando a serviço dela em um momento que deveria ser o contrário, portanto, nas palavras de Husserl (2014, p.6), “A ciência que nos deveria servir, procuramo-la nós em vão”. Deveria haver uma ciência que fosse capaz de servir às necessidades de entendimento para uma comunidade perdida em uma existência estritamente factual. E diante disso, como expressa Smith (2007, p.12, tradução nossa), Husserl “procurou colocar a própria filosofia em um novo caminho radical, com uma nova visão e novos métodos”, que assistisse essa carência naturalista, que vemos no decorrer da problemática sobre renovação e crise.

Albert Schweitzer (2013, p.17), no livro “Filosofia da Civilização (1923)” questiona os laços que existem entre a visão de mundo de uma civilização com sua construção, onde estaria o lugar da filosofia, quando dela podemos exigir que torne as pessoas mais profundas e racionais? Para ele a civilização está passando por uma “autoaniquilação”, que de certa forma, assemelha-se na articulação que Husserl

¹¹ O niilismo é a lógica do nada como algo, que afirma que nada é. O seu desfazer das coisas e a sua formação de coisas sem forma tensionam os termos fundamentais da existência: o que é ser, saber, ser conhecido. Mas o niilismo, a antítese de Deus, também é como a teologia. Onde o niilismo cria o nada, condensa-o em substância, Deus também torna o nada criativo. Negociando as fronteiras do espírito e da substância, a teologia pode colocar as questões do niilismo que outras disciplinas não perguntam: onde está? Do que isso é feito? Por que é tão destrutivo? Como pode ser santificado ou superado? (Cunningham, 2002, p.1, tradução nossa). Algumas concepções filosóficas retratam a maneira pela qual os filósofos manifestaram suas formas de perceber os eventos de cada época e uma delas foi o niilismo relacionado a Europa no período que Husserl diagnosticou a crise.

sublinha sobre a crise da Humanidade ao trazer como epicentro sua queda e construção sublinhada no papel da filosofia junto a via ética para renovação da humanidade.

De acordo com Bello (2004), um dos problemas que temos na atualidade ainda é o papel da filosofia, de forma que podemos pensar ainda em uma crise, mesmo com novas perspectivas históricas e culturais, mas que contém a mesma essência da percepção de Husserl. Para ela, os “grandes problemas” de todas as pesquisas científicas ou não, não serão analisados em sua profundidade se a filosofia não exercer sua atribuição. E nessa perspectiva de crise, afirma Miettinen (2021, tradução nossa), que “a filosofia passa a não ser mais de cunho individual e começa a incorporar a dimensão histórico-cultural no seu devir com a humanidade”. Nessa dimensão histórica Husserl não somente desaprova a forma como o historicismo¹² é abordado, mas busca um modo de mostrar que é necessário fazer essa volta histórica para desvelar o que foi sendo ocultado pelo avanço das ciências moderna, do psicologismo, do esquecimento racional e essencialmente do abandono da forma espiritual da Europa, este se referindo à tradição grega.

A ciência que tinha a finalidade de servir a humanidade, para que ela se apoiasse em sua elevação e construção. Com base em (Husserliana Bd. VII, Haag, 1956, p. 5. *apud* Aquino, 1975, p. 32), a ciência que deve ser tida como universal e válida é a que “domina a totalidade infinita do mundo”, o que no caso esta ciência científicista e objetivista não estaria fazendo, pois a ciência universal deve ser “capaz de reconstruir e investigar a originalidade de todas as estruturas da mundanidade”, ou seja, não abre mão de buscar o sentido fundamental das próprias “estruturas do mundo”.

Desse modo, o filósofo não se contenta em apenas estabelecer o mundo exclusivamente à mercê de si mesmo, mas reconhece que há um a priori para além de qualquer facticidade histórica do mundo. E esta ciência o filósofo entende como sendo a Filosofia Primeira, seria a “disciplina científica do começo” e “precederia todas as demais disciplinas filosóficas”. O afastamento da filosofia e da ciência nos séculos XVII e XIX expôs o fragmento de sua origem grega, pois a ciência nasceu

¹² O erro do historicismo consiste em querer sustentar que os fatos históricos são o fundamento das leis lógicas do pensamento. A metodologia da fenomenologia através das reduções leva a retroceder dos fatos históricos às fundações essenciais da consciência. Para dar conta do problema da História, Husserl apoia-se no conceito de mundo-da-vida, posto como ponto de partida em forma de a priori não limitado pelas facticidades históricas e antropológicas (Cavaliere, 2013, p.127). Enquanto a historicidade denota autenticidade do passado e presente do sujeito cultural e fenomenológico.

da filosofia, que para além de uma etimologia, o conhecimento em sua plenitude é fundamentado na atitude filosófica, que Husserl nos relembra a partir de um ideal grego.

Depois de 1900, a filosofia foi desafiada pelas ciências empíricas nos meios acadêmicos. Os docentes de filosofia, nas Faculdades, tentavam recuperar seu papel de liderança no mundo do saber. Nesse contexto, Husserl quer consolidar a filosofia no status de ciência fundamental. Esse fundamento, ao contrário do que acontece nas ciências empíricas, não deveria situar-se na empiria como a priori último, mas na consciência transcendental. Por isso a filosofia fenomenológica é, em todos os sentidos, a única ciência absolutamente rigorosa, pois fornece a si própria os seus fundamentos e os de todas as outras ciências. (Zilles, 2007, p.219).

Sabemos que os problemas humanitários passam pela investigação científica empírica, mas só serão verdadeiramente analisados, só terão sentido para a humanidade se passarem pelos métodos fenomenológicos, uma vez que eles estão na experiência do sujeito com o mundo, na reflexão consciente que nos aproxima do mundo-da-vida. “Assim, o mundo experiencial é a base de todas as pesquisas científicas” (Yu, 2015, p.25). O que nos permite compreender essa possibilidade é, além de tudo o que já foi problematizado aqui, a razão fenomenológica¹³, pois ela vai avaliar e ponderar a prática e a motivação das pessoas, ela sai da concepção naturalista de domínio da natureza para a fenomenológica do domínio do próprio “eu” correlacionado ao ser comunalizado em direção à autenticidade.

Intensificando esse traçado, no que tange à crise da humanidade, encontramos de forma reativa uma crise filosófica, racional, científica, europeia. “Embora existam muitas crises de diversas naturezas relacionadas com a Primeira Guerra Mundial, a crise espiritual fruto da fé abalada na razão foi a mais fundamental, pois afetou o próprio núcleo da vida espiritual da Europa” (Girardi, 2019, p.38, tradução nossa), dito de outra maneira, afetava a humanidade enquanto

¹³ A razão, no sentido forte do termo, traz em si mesma uma lógica atormentada que, a cada momento, presta contas do poder que exerce. Assim, toda razão é enigma, se entendermos razão como o encontro com os opostos em um movimento sem fim. Nesse sentido, crise e razão tem um só e mesmo destino: se formos à origem do vocábulo, vemos que a palavra crise deriva do grego crise *Krisis*, que quer dizer ‘julgamento’, ‘decisão’, ‘capacidade de julgar’, ‘faculdade de pensar’; o logos grego (ou a ratio latina) também quer dizer ‘julgar’, ‘faculdade de pensar’, e pensar, como todos sabem, é ‘pesar’, ‘decidir’. Crise e razão já nasceram de mãos dadas (Novaes, 1996, p. 11-12). Ao resgatar a razão para o empoderamento subjetivo esse vocábulo ganha um contorno fenomenológico que não se separa do original, mas o eleva para poder superar a crise e a filosofia triunfar em sua tarefa de orientar a razão para que essa faculdade do pensar e julgar seja feita pelo viés da fenomenologia transcendental.

razão filosófica de unidade de vida espiritual. Husserl ao perceber todos os acontecimentos decorrentes da primeira guerra viu que os interesses eram muito mais que territoriais ou de rivalidades políticas e econômicas na Europa, mas sim sobre o domínio do saber científico dominando o conhecimento subjetivo da humanidade, que com isso se esvairia em meio a crise.

Na percepção diagnosticada sobre o fracasso de uma cultura racional, Husserl (2002, p.65), reafirma que o porquê dele “não se encontra na essência do próprio racionalismo, mas em sua alienação, no fato de sua absorção dentro do ‘naturalismo’ e do ‘objetivismo’.” Paralela a essa ideia, ponderamos que a ética referida por Husserl na renovação também estaria ameaçada pela crise, e ela por ser essência é primordial e por ser imanente ao ser humano, igualmente estaria sendo assimilada para a naturalização objetiva, assim como o racionalismo. Essas interseções nesse conjunto de conceitos e indignações husserlianas fortalecem nosso argumento de que “[...] para ele, a crise das ciências é apenas um índice de uma crise mais ampla e se refere à existência ética (Cavaliere, 2013, p.14). Concordamos com isso Zahavi (2015, p.181), ao acrescentar que “Husserl acusa a ciência de uma falência tanto em termos éticos quanto em termos filosóficos”. Concordamos que, o que começou com uma crise de fundamentos se expandiu para a crise de uma humanidade e sua ligação pessoal pós primeira guerra com a elaboração de suas teorias lhe deu ainda mais aprofundamento para colocar a filosofia em seu papel, dito de outra maneira, Husserl nos deu um exemplo de como retornar a filosofia à sua tarefa, “um voltar-se às coisas e aos problemas” (Cavaliere, 2013, p.139), para criticar e refletir de forma intelectual e racional sobre o mundo ao redor “Toda a consideração objetiva do mundo é consideração a partir do ‘exterior’ e apreende somente ‘exterioridades’: objetividades”. (Husserl, 2012, p.92). Husserl, além de buscar uma renovação da finalidade do mundo, ultrapassou o percurso que conduziu a essa perspectiva óbvia e objetiva de mundo para nos apresentar o mundo-da-vida.

Nas conferências de Praga e Viena, Husserl mostrou sua preocupação com a falta de um fundamento consistente que assegurasse a filosofia seu lugar na humanidade. Diz-nos Goto (2007, p.52), “Para a falta de solidez da filosofia, ou seja, do saber seguro, Husserl denominou de crise da razão, que em quase toda sua obra procurou abordar e elucidar”. Vemos que a humanidade passava por uma crise do

saber seguro e concreto que apenas a filosofia poderia proporcionar, através do uso direcionado da racionalidade, aquela que partiria do mundo-da-vida.

É de grande valia aclarar que a crise vista por Husserl sublinha uma dissociação da ética pela ciência, por conseguinte pela humanidade, por incorrer que a apreensão do conhecimento e do mundo pela subjetividade e perder sua validade objetiva. Subjacente a isso há a necessidade de uma renovação como requisito de recuperação do mundo-da-vida, mais especificamente nos artigos enviados para a revista *Kaizo* sobre renovação. Assegura Husserl (2012, p.9), que “a crise da filosofia significa a crise de todas as ciências modernas enquanto telos da universalidade filosófica” que iniciou de forma sutil e foi se intensificando em torno da humanidade, como o filósofo ratifica “crise da própria humanidade europeia em todo o sentido da sua vida cultural. Em toda a sua ‘existência’”, como tal sublinha (Merleau-Ponty, 1973, p. 15), “uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos”.

Essa visão se amplia em *Krisis* onde ele diz: que “somos capazes de refletir ulteriormente sobre nós mesmos e a nossa atividade respectiva, pelo que esta se torna, então, temático-objetiva num novo agir em funcionamento vivo, o qual, por sua vez, é agora não temático” (Husserl, 2012, p.88). Nesse viés, Husserl almeja uma saída da visão individualista que a filosofia carregava e percebe que há um egocentrismo preponderante sob o mundo comum aos homens. Segundo Fabri (2012, p.31-32), para Husserl a ética deve ultrapassar esta “dimensão egoísta e temporal das valorações e das ações” que “culmina com o ceticismo moral”. Com todas as propostas de renovação do homem e da humanidade, Husserl acentua que a vida baseada em fins egoístas e se afasta da vida ética, visto que ela orienta e reorienta essas valorações para o melhor possível, além disso possibilita uma condução humana guiada pela fé na ética para o alcance desse “melhor”, o que certamente contribuiria para renovação do sentido de ser. Não nos é oportuno adentrar no ceticismo moral nessa dissertação, mas é viável esclarecer que a fé na razão, pela crença em sua capacidade de nos tirar da crise, estava na renovação e no mundo-da-vida proposto pelo filósofo.

Mas basta; apressei-me rapidamente em tornar sensível o significado incomparável envolvido num esclarecimento dos mais profundos motivos da crise em que a filosofia e a ciência modernas já desde muito cedo entraram, e que, numa escalada violenta, se estende até o nosso presente. (Husserl, 2012, p.12).

Nos primeiros anos do século XX, parte da Ásia e do Ocidente estavam enfrentando devastações associadas ao advento da modernização científica e tecnológica, da primeira guerra e de questões voltadas para a filosofia em um aspecto existencial e fundamental, cedidos ao naturalismo e ao objetivismo, fazendo com as ciências humanas repensassem seus objetos de estudo. Porém, via-se uma crescente redução do mesmo à logicidade matemática, de abordagem fisicalista ou psicologista. Havia a preocupação com o contraste entre o crescimento tecnológico e a miséria; entre os valores éticos e o pessimismo, paralelo a isso as ciências positivas inviabilizavam a “subjetividade” com seus métodos e resultados exatos e deixava de lado o conhecimento pré-científico. No entanto, vale frisar que Husserl não nega os grandes feitos das ciências modernas, muito menos a nega como necessária e inevitável, mas critica justamente esse desvio, que “significou um virar as costas indiferente às questões que são decisivas para uma humanidade genuína” (Husserl, 2012, p.3), como a experiência subjetiva, a empatia, os valores éticos e sociais, um sentido racional de existência, ou seja, experiências relativas ao mundo-da-vida.

A crise da existência europeia tem apenas duas saídas: a decadência da Europa no afastamento perante o seu próprio sentido racional de vida, a queda na fobia ao espírito e na barbárie, ou então o renascimento da Europa a partir do espírito da <348> Filosofia, por meio de um heroísmo da razão que supere definitivamente o naturalismo (Husserl, 2012, p.275).

Essa percepção diferenciada do filósofo nos permite compreender que “a coisa mesma” se expressa na forma de mundo-da-vida, portanto a renovação enquanto atitude para repensá-lo seria o caminho para a humanidade se resgatar dessa crise. Dessa forma, superá-la empreenderia duas dinâmicas husserlianas, renovação, quando Husserl planeja o destino da Europa, cujo ponto principal é o resgate racional da humanidade pelo remanejamento a um ideal de autenticidade e mundo-da-vida como instância de significação para a vida e para o mundo, na medida em que a história e a cultura se mostram como parte da intersubjetividade desconsiderada pela crise. Os dois tópicos a seguir tratam de explicar essa dinâmica que entrelaçam o tema.

CAPÍTULO 2

RENOVAÇÃO E MUNDO-DA-VIDA FRENTE À CRISE

2.1 – Seria a renovação uma saída para a crise?

Após a primeira guerra mundial, Husserl enfatiza ainda mais a fenomenologia e começa a incluir temas voltados para comunidade, ética, cultura e história. Conforme César e Santos (2013, p.54-62), “o diagnóstico da crise epistemológica, moral e civilizacional, empreendido por Husserl [...] aponta um caminho de superação e saída da crise mediante a ideia central de renovação”. Abordamos os aspectos cujo sentido de renovação se apresenta como superação da crise e se relaciona ao mundo-da-vida, tendo como foco principal no terceiro e quarto artigo enviados da revista *Kaizo* “Renovação como Problema Ético-individual” e “Renovação e Ciência”, ainda que passemos pelos outros.

O processo de renovação certamente não seria um caminho tão simples diante de uma crise, mas visto que ela também é uma escolha, torna-a possível. O manifesto descrito no capítulo anterior nos mostra que, conforme Fontana (2023, p.83), “A renovação (1923) ou renascimento da filosofia (1936) é o resultado para a crise das ciências, crise essa existencial, o que convoca a fenomenologia husserliana a responder à crise existencial da humanidade”. Ela é o chamado de Husserl para combater essas crises.

Podemos, portanto, desde o início caracterizar estes artigos como um contributo da fenomenologia para a reflexão sobre o contexto de uma sociedade, neste caso em profunda crise de valores, cujo resultado não é outro senão o compromisso moral das pessoas como responsáveis pela constante transformação e renovação da cultura, que determina em grande parte o ser e os modos de vida da referida sociedade. (Vásquez, 2002, VII, tradução nossa).

Na síntese dos artigos vimos que com a renovação Husserl faz uma chamada para o presente, “doloroso presente” no qual se encontrava a Europa, em crise. Arroyo (2006, p.63, tradução nossa), ao falar dos artigos de Husserl para *Kaizo* mostra que ela “é o apelo universal na nossa época atual, cheia de sofrimento, e assim é em todo o domínio da cultura europeia”. Esse apelo é a análise filosófica

que Husserl faz da primeira guerra mundial “juntamente com a crescente ênfase na industrialização e no materialismo no final do século XIX e início do século XX”. Porém, “a ideia de crise, como Husserl a retrata, coloca-nos no meio de um drama fatídico, em um ponto de virada onde a possibilidade de uma reversão da sorte paira diante de nós. Algo deve ser feito” (Carr, 2016, p.124, tradução nossa), e foi o que Husserl fez, exercendo seu papel de filósofo, propôs a renovação enquanto movimento reflexivo, conhecimento racional e método.

Não há como falar de renovação e crise sem saber que elas carregam implicitamente o conceito espiritual de Europa em que há a ideia de filosofia com sua maneira de ser filosófica. Na visão do filósofo, ambas se ligam à origem grega, colabora Cavalieri (2013, p.183), ao afirmar que na Grécia haveria “um saber que visa, sobretudo, a autocompreensão e instaura um *ethos* racional livre e autônomo” e que nela “nasce uma formação cultural de ordem espiritual e depois se torna base para a origem da formação cultural denominada Europa”, participando também da concepção de mundo-da-vida, uma vez que o mundo dos gregos¹⁴ não era aquele científico naturalizado, nele o sujeito fazia parte do conhecimento compartilhado, na qual a teoria contemplativa levava a valiosos empreendimentos que impactaram na ciência. Conforme Portocarrero (2010, p.8), Husserl via na unidade europeia o “nascimento do espírito de crítica livre que mede todas as coisas pelo crivo das tarefas infinitas” destinadas ao filósofo e representa uma nova forma de olhar, “uma forma de meditar” que determinou uma condição para que todos os acontecimentos passassem por igual reflexão.

Concerne então aclarar brevemente o que tanto interessou Husserl nos Gregos ao ponto de propor a volta desse ideal e associá-los à autenticidade como forma de superar a crise. Para Cavalieri (2013, p.183) esse retornar ao mundo dos gregos “refere-se ao movimento regressivo de autocompreensão da humanidade ocidental. O encontro com esse mundo significa ir ao encontro do berço que deu origem à filosofia e de onde nasceram quase todos os ramos da cultura ocidental”. Por isso a proposta de renovação também se remete a recuperação de uma ciência renascentista, posto que para Husserl (2012, p.4-5), “nem sempre as questões

¹⁴ Em nenhuma outra formação cultural ocorreu algo igual aos dos gregos: um saber livre de qualquer critério de autoridade e do peso das tradições, que visa tornar a vida guiada pela razão, ultrapassando os limites da particularidade geográfica, política ou cultural. (Cavalieri, 2013, p.183). A cultura racional pautada na liberdade não se prende aos contornos geográficos da Europa e é essa a herança do ideal grego para a qual Husserl pretende retornar ao voltar-se para o mundo-da-vida.

específicas da humanidade estiveram banidas do domínio da ciência”, pois “desde o Renascimento”, todas as ciências, até as naturalistas eram condutoras de significado para a humanidade e nesse ideal o “homem antigo é aquele que se forma intelectivamente numa razão livre”.

Confirmando-nos Husserl (2012, p.52),

Na verdade, só entre os gregos realiza-se, no homem da finitude, uma mudança radical de atitude para com o mundo circundante, atitude na qual reconhecemos um puro interesse pelo conhecimento e, por antecipação, designamos um interesse puramente teórico. Não se trata de mera curiosidade desviada da seriedade da vida, com sua preocupação e esforço, que vem a ser puro interesse casual pelo puro e simples Ser e pelo Ser-assim (*So-Sein*) dos dados do mundo circundante e mesmo de todo o circum-mundo vital (*Lebensinwelt*).

Ele nos propõe a renovação quando se questiona sobre o destino da cultura europeia e por esse motivo recapitulamos que a cultura enquanto unidade vida ativa na qual somos coletivamente sujeitos em movimento, é o que nos caracteriza como humanidade, na medida em que “por cultura não entendemos outra coisa senão o conjunto das realizações que se efetivam nas atividades consecutivas do homem comunalizado”. Por isso, falar de renovação cultural é também falar de renovar a humanidade. Husserl, ao expor a renovação, segue um caminho no qual os europeus e uma boa parte da humanidade tentavam encontrar, um sentido perante os acontecimentos pós guerra e pós surgimento da ciência moderna.

Embora as reflexões de Husserl sobre a vida ética e a renovação tenham como ponto de partida a problemática da vida individual, elas não foram de forma alguma limitadas por essa perspectiva. Como Husserl argumentou nos artigos de *Kaizo*, o objetivo de suas reflexões era nada menos do que estabelecer uma reforma racional da comunidade, a ideia de renovação cultural (Miettinen, 2013, p.139, tradução nossa).

Trazendo uma maior compreensão dessa reforma racional, já esclarecida no capítulo anterior, encontramos em Husserl um projeto filosófico pensado sob o prisma de um processo de mudança individual com o propósito alcançar “os outros”, ou seja, a coletividade. “Assim, o que Husserl insistia era numa nova compreensão do desenvolvimento cultural que teria permitido a possibilidade de uma renovação racional – uma renovação que ainda estava no horizonte dos filósofos da modernidade” (Miettinen, 2013, p.142, tradução nossa). Desenvolvimento cultural a

partir do momento que cultura se forma pelas realizações comunitárias que estão presente na historicidade na qual os indivíduos estabelecem entre si formas de vida e como nossa trajetória de pesquisa sobre tema nos mostrou as interfaces da crise como um entrave à ela como geradora de vida, que para Gubser (2011, p.45, tradução nossa), “foi uma nova visão de uma filosofia que lideraria a renovação da sociedade moderna, ajudando os homens a transcender as diferenças materiais e sustentar ideais transnacionais”, ou seja o desenvolvimento de atitudes aprimoradas pela filosofia.

Portanto, neste sentido, o carácter fundamental da cultura europeia também pode ser perfeitamente caracterizado como racionalismo e a sua história pode ser considerada do ponto de vista da luta pela implementação e configuração do sentido que lhe é característico, da luta pela sua racionalidade. Pois bem, todas as lutas pela autonomia da razão, pela libertação dos seres humanos dos laços da tradição, pela religião “natural”, pelo direito “natural”, etc, são, em última análise, lutas ou reconduzem a lutas pela função normativa universal das ciências que devem sempre ser justificadas de novo e que finalmente abrangem o universo teórico. Todas as questões práticas contêm questões cognitivas, que, por sua vez, podem ser compreendidas de forma geral e convertidas em questões científicas. Mesmo a questão da autonomia da razão como o princípio mais elevado da cultura deve ser colocada cientificamente e decidida com validade científica definitiva (Husserl, 2018, p.218, tradução nossa).

A renovação também se apresenta como “exigência ética absoluta” de uma comunidade, consiste na luta por uma “humanidade melhor” e por uma “cultura humana genuína” (Steinbock, 1994, p.449, tradução nossa). A filosofia está no centro desse combate por uma cultura ética, que não tem mais o ‘eu’ fenomenológico isolado do mundo cotidiano, mas voltado para um esforço contínuo que caberia ao ‘eu’ comunal escolher por uma vida de renovação e sobre isso, sublinha Villela-Petit (2009, p.39, tradução nossa), que “é precisamente a esta luta que Husserl se refere no título geral destes artigos: Sobre a Renovação” e somente assim o “sujeito estará em condições de se tornar uma pessoa plenamente humana”, de acordo com a sua essência de ser racional. Desse modo, Husserl manifestou a possibilidade da vida ser orientada e reorientada pelos fundamentos que envolvem o “nós” e não exclusivamente o “eu” na renovação quando nos voltamos ao mundo-da-vida.

Quando falamos em “melhor” no contexto da renovação entendemos que primeiramente acontece uma mudança de algo crítico no presente e um voltar-se a

ele por meio de uma tarefa reflexiva em busca do desenvolvimento que leve a solução, o que chamamos de autorregulação. O processo de renovação visada por Husserl, conforme Cavalieri (2013, p.305), passa pela “emergência de uma nova humanidade” através da autorregulação, acrescentando a essa noção, Trotta (2014, p.54), esclarecendo que “essa autorregulação racional estende-se à possibilidade prática de renovação da vida inteira no que consistirá no homem novo”, ou seja, é um movimento que está inteiramente relacionado a autoconsciência ética, a qual encaminha os indivíduos a se perceberem não apenas como inseridos ou existentes no mundo de forma egóica, mas que têm responsabilidade pelas próprias decisões autorreguladas em um mundo partilhado, passando de um “homem novo” para a “nova humanidade”.

Isso implica que na renovação:

Importa não só configurar-se a si mesmo eticamente, mas configurar de novo todo o mundo humano circundante, a existência política e social da humanidade, a partir da razão livre, a partir das intelecções de uma filosofia universal. De acordo com esse modelo antigo, que se impõe de início aos indivíduos, e em círculos restritos, deve surgir novamente, uma filosofia teórica, que não deve ser recebida cegamente, de um modo tradicional, mas como algo de novo a partir de uma investigação e de uma crítica próprias (Husserl, 2012, p.5).

Husserl propõe que possamos conduzir nossa vida sempre por meio da autorregulação dessas dimensões que nunca deve ser encerrada, pois está no horizonte do mundo-da-vida. Como já colocamos aqui, não é por meio dos desejos individuais que este processo é feito, mas no reconhecimento dos limites perante a própria responsabilidade ética, assumindo esta posição e se esforçando para a tarefa infinita, pois isso fará de nós, indivíduos autênticos. Desse modo, a humanidade irá igualmente se reeducando e percebendo um movimento individual como parte da reintegração humanitária onde o sujeito que segue essa autodisciplina será capaz de compreender e exercer as disposições que são atribuídas a comunidade em geral, o que se assemelha ao espírito grego que Husserl aspira retomar.

Essa autorregulação é uma das características da essência do ser humano, assim como a vocação, de acordo com o terceiro artigo para *Kaizo*.

Husserl chega à sua noção de vocação analisando as características essenciais do ser humano. No terceiro artigo *Kaizo* ele identifica três dessas características: autoconsciência (ou seja, a capacidade dos seres humanos de serem criticamente reflexivos sobre suas próprias vidas e escolhas), a capacidade de escolher e a capacidade de se esforçar para realizar o que Husserl chama de “valores positivos”. (Arroyo, 2006, p.64, tradução nossa).

O filósofo aspira por uma humanidade vocacionada. Segundo Husserl (2014, p.33), a entrega incondicional é um princípio do ajustamento para vida autêntica, estar disposto “com toda minha alma” seria uma doação inteiramente infinita para o desenvolvimento cultural, “é o domínio de atividades e realizações espirituais”, em outras palavras, uma vocação cultural era o desejo de Husserl para a Europa. De acordo com Vásquez (2002, p.29, tradução nossa), há também a “vocação de vida” ou “preferência incondicional” como um caminho para a autorregulação, a qual está em “sentido genuíno e superior ao da profissão”, que não se desenrola senão pela concepção de escolha, o que desde o início estamos enfatizando aqui a partir da perspectiva husserliana.

De maneira geral, devemos entendê-la como uma amplitude da noção de escolha. Conforme Cavalheiri (2018, p.63) em relação a concepção de vocação de Husserl, “decidir-se por uma vocação de vida ética é desencadear um amor puro por valores amados”, isto é, devido a essa autodeterminação se tornar a própria vontade por uma vida ética, por consequência desenvolve valores que não foram determinados por outras normativas, mas escolhidos e amados para gerar “uma satisfação pura para aquele que se decidiu por este tipo de vida”, sendo assim, é um autêntico compromisso com a comunidade, valorado pela ideia de renovação.

No terceiro artigo de renovação, Husserl (2014, p.30-31), expressa ainda que essa autorregulação também é um enfrentamento contra o “desmoronamento ou esvaziamento de valores” e é sempre uma busca para “obter uma satisfação global continuamente concordante e segura”, sendo um esforço ininterrupto. Neste processo, esta autorregulação permite ainda que o sujeito faça uma autoavaliação “segundo normas da razão e se transforme do ponto de vista prático” se afastando dos próprios impulsos de forma voluntária, buscando uma vida de renovação.

E se a vocação de alguém é teórica ou filosófica, então, segundo Husserl, a busca da verdade no que diz respeito às condições transcendentais para encontrar verdadeiramente um mundo com dimensões cognitivas, afetivas, axiológicas, práticas e culturais entrelaçadas devem ser o objetivo inabalável de nossas reflexões. (Drummond, 2007, p.20, tradução nossa).

Husserl nos confirma isso no quarto artigo da *Kaizo* quando diz que “O homem não vive como solitário-também aqui conta, portanto, a eficácia da observação dos outros, a aprendizagem com os seus combates, a preocupação em ter modelos nobres etc”. (Husserl, 2014, p.54). Nós aprendemos por hábitos e observações, por isso a renovação enquanto uma normativa de livre escolha é uma exigência de tarefa infinita pela qual podemos motivar a criação habitual de seu processo. Husserl (2012, p.88), enfatiza que “É claro que toda a atividade e, conseqüentemente, também esta atividade reflexiva cria as suas aquisições habituais”, pois nesse movimento estamos diante do “autoconhecimento pela auto-observação” e pela valorização dos nossos propósitos.

Conforme Arroyo, (2006, p.63, tradução nossa), “para Husserl, quando nos envolvemos na luta para melhorar a humanidade e alcançar o que ele chama de ‘genuína cultura humana’, estamos empenhados na tarefa de renovação”. Podemos complementar esse anunciado quando Husserl (2012, p.407- 408), fala sobre essa vocação, estendendo-a aos filósofos, questionando sobre qual tipo “de estudo histórico” seria “necessário para o filósofo contemporâneo, que vive no presente do mundo da vida [...], na certeza de estar vocacionado para a sua tarefa, mas que reconhece que a filosofia está ameaçada pelo presente?”. Parece-nos que os preceitos listados seriam o primeiro passo para que víssemos a filosofia em crise e fosse feito algo a respeito. Continua o filósofo ao proferir que “O estudo deve manifestamente ter o caráter da responsabilidade radical [...] que assume, no entanto, o caráter de uma responsabilidade comum da comunidade filosófica contemporânea inteira”. Cabe ao filósofo esse estudo, essa responsabilidade, que resgatasse a filosofia para sua vocação.

Quando ele avista a crise da humanidade entrelaçada na cultura, na razão, na ética, na ciência, ele conclui que a filosofia está em crise e, portanto, ele propõe ir a sua raiz para trazê-la de volta ao conhecimento consciente de toda uma vivência humana. Diante disso, a renovação se torna “disposição para o combate em direção a uma humanidade melhor e uma autêntica cultura” (Husserl, 2014, p.5). Husserl aspira restabelecer o papel da filosofia para vencer a crise. Como vimos, essa crise se radica no desvínculo que o mundo científico faz do sentido da vida, da finalidade última da própria ciência e da filosofia, da fé da humanidade nela mesma, constatando o afastamento do mundo-da-vida.

A filosofia se deslocou do seu lugar de ciência universal, aquela que reflete e oferece respostas às questões existenciais mais profundas, portanto a fé na razão estava abalada e sem um solo de sentido a humanidade poderia sucumbir. Sem a filosofia racional nos tornamos apenas fatos causais passíveis de manipulação psicofísica, ao mesmo tempo que esquecemos que somos uma comunidade, ligadas em essência espiritual, como diz Husserl (2008, p.13), “toda e qualquer comunidade está fundada nos corpos dos indivíduos humanos que são membros dessa comunidade”. Corpo e vida não possuem concepções naturalistas, a palavra vida não tem aqui um sentido fisiológico, ela significa vida ativa em vista de um *telos*, realizadora de formações espirituais.

Essas realizações fazem parte da constituição cultural. Para Miettinen (2022, p.5, tradução nossa), “a constituição de normas culturais é parte integrante da nossa relação partilhada com o mundo, uma forma de projetar o mundo da vida como uma esfera de familiaridade”. Assim, para Husserl (2008, p.12), a vida tem um sentido mais amplo de “vida criadora de cultura na unidade de uma historicidade”. Vemos a atividade da vida na renovação enquanto atitude filosófica de movimento teórico e prático em busca de uma humanidade autêntica, capaz de enfrentar os conflitos com consciência e ética.

Essa realização cultural conjunta estava em perigo. Nos artigos, Husserl menciona que o “conceito de comunidade” estava passeando por “horizontes obscuros”. Para Husserl, conforme Drummond (2007, p.52, tradução nossa), comunidade também está na esfera de algo superior, no sentido que tenciona “refletir tanto o fato de uma comunidade não ser nada separada dos indivíduos que a compõem, como o facto de a comunidade não poder ser reduzida ao mero conjunto de indivíduos que a constitui”, que essa obscuridade a fez fechada em si mesma, pelas ciências positivas e estaria desprovida do seu valor na vida partilhada. Falta então, para Husserl, uma ciência capaz de dar conta do “espírito”, do sujeito relacional. Esse empreendimento husserliano retrata a necessidade que ele tinha de criar uma ciência para alcançar a ideia de homem cultural em comunidade para que a partir dela aconteça a renovação da humanidade, fugindo da mera causalidade ou até mesmo do psicologismo, tanto na visão transcendental quanto nas reduções. Para Drummond (2007, p.57, tradução nossa), “Uma cultura é o produto espiritual, historicamente unificado, da vida intencional e constituinte de uma comunidade intersubjetiva [...]. O termo “cultura”, neste sentido, carrega conotações do termo

inglês “*civilization*” no qual apreciamos as organizações culturais e sociais de forma a educar a sociedade para seu desenvolvimento . Começamos a ver a incorporação desses conceitos nesse empreendimento, que se ligam a constituição da autenticidade.

Como Husserl enfatizou em diversas ocasiões, sem o poder constitutivo de outros sujeitos o eu é apenas um pólo vazio de atos. Adquirimos uma sensação de singularidade, uma sentido de auto-identidade apenas através de um encontro com outros. (Miettinen, 2022, p.11-12, tradução nossa).

O quarto artigo, Husserl (2014, p.55), problematiza a “relação social” quando há divergências no modo de agir dos membros da comunidade “no mesmo mundo circundante”. Isso iria impedir a renovação? Para o filósofo, existe um genuíno importar-se com a vida dos outros membros na nossa essência, é algo que pode ser desenvolvido e aprendido, é como um princípio da renovação entender que as realizações dos membros da minha comunidade fazem parte do meu ser, o outro está diretamente vinculado a mim e, portanto, a “vida ativa” pode ser organizada pelo entendimento mútuo voluntário em prol do melhor para todos. Isso reside no pensamento racional e na reflexão, pois quanto mais tivermos “clareza” dessa forma de vida mais elevados nos tornamos.

Isso não quer dizer que Husserl fecha os olhos para a diversidade que existe no mundo-da-vida. A pluralidade está inserida nas comunidades e ele nos mantém a par dos motivos “egoístas” e “altruístas” que faz parte da natureza humana, mas que ao mesmo tempo, mostra que temos capacidade mais que suficiente para exercer a “livre reflexão” e a “livre decisão” com base na vida ética, isso porque somos guiados pela razão, esta recuperada pela filosofia e repassada historicamente, que “determina e vincula o comportamento” e por isso seria possível conferir uma forma de vida autêntica voltada para uma educação racional da humanidade.

Husserl (2014, p.58), aspirava a que:

[...] por sobre os sujeitos singulares e os sujeitos de diferente nível, até a personalidade livre em sentido pleno, se construa uma subjetividade comunitária neles fundada, com o que, no seio da que é fundada de modo mais englobante, também outras subjetividades comunitárias possam ser, ao mesmo tempo, instituídas, as quais por sua vez, são, porém, elementos integrantes ou membros da mais englobante.

Diante desse vislumbre da subjetividade, a cultura estaria reformada. Porém, como fenomenólogo isso não bastaria para tamanha reestruturação, o sustentáculo dessa façanha está na investigação apriorística para que se tenha como objetivo “captar a ideia de homem e de uma comunidade humana de vida” alçando os conceitos pertencentes como “mundo circundante individual, mundo circundante comunitário” e por fim, “o próprio mundo circundante humano” para que assim possamos descrever a forma de vida que precisamos para formar uma nova, que será historicamente passada adiante e terá de forma clara, objetiva e rigorosa o caminho da autoformação.

A razão é o específico do homem, como ser que vive em atividade e habilidades pessoais. Como vida pessoal, essa vida é um incessante devir numa incessante intencionalidade do desenvolvimento. Quem nesta vida devém é a própria pessoa. O seu ser é sempre devir, e isto, na correlação do ser pessoal singular e pessoal comum, é válido para ambos, para o homem e para as humanidades unitárias (Husserl, 2012, p.217).

O ser estar sempre desperto a tornar-se, essa abertura flexibiliza e solidifica ao mesmo tempo o sujeito do mundo-da-vida. É por isso que Husserl o chamou de “horizonte”. Corroborar com essa afirmação Miettinen (2022, p.11-12), tradução nossa) ao dizer que A este respeito, o mundo da vida é “constantemente pré-dado e constantemente válido de antemão - é uma condição estrutural da experiência, algo pelo qual as coisas têm um sentido de familiaridade (*Bekanntheit*) e rotina (*Gewohnheit*)”. Seu vir-a-ser é um horizonte aberto de possibilidades, de mudança, de olhar para trás e resgatar o que teve de bom para o crescimento individual e coletivo, de projetar um futuro melhor em termos de conhecimento qualificado e colaboração social, de estar em constante movimento para um “novo homem”, novas pessoas. “O projeto do homem europeu, constituído na antiga Grécia, traçou um projeto político racional para configurar a vida humana a partir da razão que levasse a transformação cultural” (Zilles, 2002, p.31). Que vimos até aqui descrito nos cinco artigos para a revista japonesa *Kaizo*.

O que é necessário, sabemos, para atingir uma nova sociedade humanamente autêntica, com humanos humanizados definitivamente e de fato, nos sentidos de uma renovação dos valores decadentes no mundo da vida e atingir o grau de uma solidariedade concreta exige certamente muito esforço racional e de vontade de sujeitos livres, a que Husserl conclui em seu terceiro artigo para a revista *Kaizo*. (Erthal, 2017, p.114).

Ele alegou a falta de uma ciência que garantisse a renovação. Encontramos uma tríade para essa ciência, que por sua vez possui as seguintes características: rigorosa, apriorística e transcendental. Husserl (2014, p.16), deixa claro que “toda e qualquer efetividade”, seja ela “experenciada” ou “fingida na fantasia” faz parte do conceito de “a priori”, pois participam da “atividade do pensamento”, que tanto Husserl valoriza. Esse a priori se tornará outro reposicionamento para o mundo-da-vida. Zilles (2002, p.27), mantém essa afirmativa quando diz que a ciência rigorosa “exigirá de nós uma postura fenomenológica que nos conduzirá às raízes últimas de todas as coisas. É verdade que, na fase da crise. Husserl busca este fundamento, de alguma forma, no mundo da vida”. Essa tríade foi o patamar que Husserl desejou alcançar para a filosofia, para tanto sua valorização tão intensa e incisiva na salvação da humanidade.

A filosofia é uma atividade de pensamento. Para Husserl (2014, p.19), essa atividade é reflexiva, é real da experiência, pois assim as ressignificamos, porém, ela estava com as infiltrações naturalistas objetivistas, restando à ciência apriorística a “tarefa universal” de garantir a possibilidade dessa atividade se efetivar. Lembramos que não podemos nos deixar levar pelo pensamento naturalista ao se deparar com alguns conceitos husserlianos.

Para Husserl (2014, p.10), existe tanto um a *priori* que forma a normativa da razão quanto um a *priori* de “expô-las livremente”, que determinam a prática. O foco de Husserl é no pensamento, no conhecimento, na transcendência, mas não o impede de apontar como isso se mostra na prática, posto que a renovação engloba todas as nuances fenomenológicas teóricas e práticas que fizeram o destaque de Husserl, uma vez que a superação da crise começa pela mudança de olhar que temos diante dos acontecimentos do mundo e posterior a isso está na nossa escolha livre e consciente de mudança de atitude prática também. O filósofo não nos deixa no “limbo” filosófico quanto a superação da crise, ele nos indica sua normativa de renovação como “as tarefas de uma direção racional da práxis” pela fenomenologia transcendental.

Para Husserl a ciência apriorística não trata apenas da natureza e suas formas a *priori*, mas da consciência humana, individual e social, além das “coisas físicas” ela trata de realidades, cultura e “valores culturais”. Dito de outra maneira, a renovação, por ser um método de investigação de essência não se limitaria às

condições físicas ou psicológicas de objetos da natureza, mas dela como um todo que envolve as intersubjetividades, como é o caso da ética.

No terceiro artigo, Husserl (2014, p.27), esclarece que “O nosso método deve, segundo o meu artigo precedente ‘Problema e Método da Renovação’ ser o modelo ‘apriorístico’ o método da ‘investigação da essência’”. Para Cavalhieri (2018, p.51), “Parte-se do ponto de partida de que, para Husserl, a ética está inserida num horizonte de renovação”. Esse também é o ponto de partida para compreendermos a ética como essência na qual a renovação se propõe a tal análise, mas que não é o único sentido.

Para Fontana:2021, p.67), “A ideia central da fenomenologia como doadora dos fundamentos e método a todas as ciências explica a própria definição que Husserl tem da filosofia. A fenomenologia não é um tipo de filosofia, mas a própria expressão verdadeira da filosofia, como guia e fonte de toda compreensão radical e definitiva do homem e do mundo”. Diante de tais observações vemos que a renovação tem a caracterização fenomenológica de método. Segundo Mohanty (2011, p.391), a fenomenologia não se esquivava do espírito fundante, pelo contrário ela “explorou sistematicamente o espírito enquanto espírito”. As ciências naturais e até mesmo as ciências humanas acabaram se esquecendo da importância de se olhar o espírito enquanto parte da história ocidental, mas que seria possível estudá-los partindo do método fenomenológico husserliano, seria possível estudar esse espírito em sua forma originária. Em outras palavras, a fenomenologia possui um método rigoroso de captar a essência humana, do sujeito para avaliação sistemática de seus significados imediatos. Dessa maneira, podemos pensar que a renovação em si é um movimento fenomenológico e enfatizamos a concepção posta no terceiro e quarto artigo.

Na introdução às análises dos artigos da *Kaizo*, Vásquez (2002, p.VII, tradução nossa) nos diz:

Podemos, portanto, desde o início caracterizar estes artigos como um contributo da fenomenologia para a reflexão sobre o contexto de uma sociedade, neste caso em profunda crise de valores, cujo resultado não é outro senão o compromisso moral das pessoas como responsáveis pela transformação e constante renovação da cultura, que em grande parte determina o ser e os modos de vida dessa sociedade. É claro que a renovação da cultura não é possível se não for por meio de processos de educação das pessoas e da sociedade a partir de uma perspectiva marcadamente ética.

O fenomenólogo não somente viabiliza o caminho da fenomenologia como modo de conhecimento, mas o tira do restringimento enquanto possibilitadora de debates sobre a vida ética. O princípio fenomenológico da suspensão não exclui e nem nega o mundo, ele põe em parênteses, em suspenso o juízo de validade, significados, afirmações e o mundo que aparece é o mundo-da-vida enquanto fenômeno de uma existência, não determinado pelos fatos da natureza e sim visado, através da intencionalidade que experienciamos. Nesse sentido a fenomenologia transcendental nos permite entender que é a partir das experiências do mundo-da-vida como por exemplo as fantasias, a recordação, desejo, pensamento, a percepção que podemos constituir o mundo em atos que valoramos e escolhemos agir conforme a ideia de renovação.

Devemos tomar a ética não como questões morais, pois vai muito além da regulação do comportamento humano. Com essa perspectiva, compreendemos que a crise não acompanha a ética em si, pois ela que é a própria via racional para refletirmos sobre as questões morais mais profundas e mesmo o próprio comportamento social com a renovação husserliana. Por tanto, quando Husserl (2014, p.27-35), esclarece-nos que é possível ao ser humano voltar-se para si e se transformar pelo “querer próprio e a autoformação” que é própria da essência, a crise da humanidade funda-se na busca de sentido de ser diante da intensidade das mudanças no cenário mundial, mesmo que não se finda nela. A ética seria a essência, o a *priori que* firma a “autorregulação universal” na qual nos conduz a uma saída da “ingenuidade” em que ficamos com a crise da ciência.

“Reconhecem-se como elementos centrais da ética fenomenológica proposta por Husserl nos artigos *Kaizo* o atuar livre, a luta (o combate) ética, a responsabilidade e a ideia-meta do homem ético ou da autêntica humanidade” (Klagges, 2017, p.184, tradução nossa). Ele indagava sobre os aspectos filosóficos que o levaram aos conteúdos dos artigos da revista *Kaizo* o qual cogitamos ver em Husserl sua aceitação de uma história envolvida na epistemologia.

Somente o interesse cognitivo empurra nessa direção; porque quando a alegria do conhecimento autêntico começa a determinar toda a vida, percebe-se imediatamente que cada resposta deixa questões em aberto ou abre novas questões, e que nada está totalmente isolado, mas que todas têm rostos, partes, enredos, dependências [...] (Husserl, 2002, p.59, tradução nossa).

De acordo com Fontana (2021, p. 64), para podermos compreender essa noção da “ética fenomenológica” é necessário que não nos esqueçamos que a “razão” é sem dúvida o “ponto chave para o pensamento ético”, pois esta serviria tanto para dar uma resposta à “crise da humanidade” quanto à crise da “filosofia”. Visto que Husserl tratou bem de elucidar que esta humanidade que tanto é mencionada por ele, é “marcada pela herança europeia da razão”, e que a mesma “se esqueceu de seu compromisso com a racionalidade e a verdade, com a ética e a política da comunidade e se encontra numa crise de falta de sentido existencial”. O que também podemos dizer em outras palavras, que houve quase um desvio “total” da própria origem racional da humanidade, e de sua autêntica autorreflexão.

[...] A fenomenologia sente-se chamada a responder a uma interrogação ética. A ideia de justificação última e a necessidade de uma tomada de consciência vão de par com a necessidade de uma responsabilidade que tem como meta determinar a essência da práxis filosófica. Enquanto ciência universal, a filosofia é chamada a indicar a fonte originária de onde toda ciência traz a própria justificação última; ela não pode, assim, reduzir-se a um compromisso teórico. A vida de pensamento deve ser intensa, vivida na absoluta responsabilidade. Por conseguinte, a reflexão de Husserl sobre a ética não é um simples apêndice de seus trabalhos teóricos, e sim aquilo que esclarece e dá sentido a esses trabalhos. (Fabri, 2006, p. 74).

Dessa forma, a razão por ele almejada, deveria ser capaz de compreender as vivências humanas, e a fenomenologia transcendental vem com esse apoio para novas atitudes ou repensar atitudes anteriores dentro do próprio plano dessas vivências subjetivas e não de fora delas. Assim, a concepção fenomenológica husserliana têm interesse de entender as existências subjetivas relacionadas ao mundo que estas estão inseridas, facilitando a compreensão deste mesmo mundo obscurecido pela objetividade cientificista.

Husserl traz a ética em uma perspectiva da fenomenologia, ela faz parte do sujeito sem que tenha necessariamente uma interferência externa coordenando os atos individuais ou coletivos. É uma instância essencial da doação de sentido pela experiência, cuja naturalização obscureceu também a autorreflexão de como nós, enquanto comunidade, posicionamo-nos no mundo relacional, na qual essa relação parte de uma vivência ética entre as pessoas e esse questionamento Husserl levou a uma investigação desse ser ético que estava adormecido diante da crise da razão.

Nessa investigação, Husserl conclui que a ética está na “essência do homem em geral”, mas que ele é livre para escolher uma vida vocacionada¹⁵ em direção a ela, ou seja, uma vida de renovação para a transformação da humanidade. De forma mais direta, Husserl expõe a renovação como proposta volitiva de nos voltarmos para nossas atitudes pela reflexão profunda sobre o “eu” em direção a comunidade em partilha, diante do quadro que se encontrava a filosofia no painel do naturalismo e objetivismo, além da humanidade frente à crise de sentido e fé na razão filosófica e em si mesma como capaz de superá-la.

Husserl considera que o avanço para a filosofia transcendental e para a ‘atitude transcendental’ produziu uma reorientação permanente da cultura humana em direção a objetivos mais elevados, mais racionais e mais autoconscientes, até ao ponto de produzir uma nova humanidade universal. (Moran & Cohen, 2012, p.333, tradução nossa).

Podemos com isso indagar sobre quais garantias teremos para esse permanente redirecionamento que a atitude filosófica produz. Essa permanência que reorienta a humanidade para a racionalidade tornando-a mais autoconsciente de suas próprias realizações acontece porque, segundo Husserl (2014, p.29), no terceiro artigo, afirma que “o acontecer realizador não pode, certamente, ser regressivamente desfeito”, no que se segue a vontade se submeter-se à crítica sempre que necessário, como seria o esforço para superar a crise. Acertadamente, com essa atitude¹⁶ o mundo deixa de ser apenas fatos empíricos ou objetivados e o conhecimento alcança a transcendência.

O terceiro artigo concerne argumentar que, por mais que nos referimos a um direcionamento da prática na perspectiva da ética na renovação, ela se torna subjacente ao ideal de Husserl (2014, p.40) de uma “absoluta perfeição teórica” que tenha o caráter de evidência apodítica. Husserl (2014, p.48), reafirma que “Também todo e qualquer conhecer teorético é, por exemplo, ‘um agir’, e a vida do cientista, dedicada por vocação à verdade, é uma vida ‘ética de conhecimento’ [...]”, o que nos leva a compreender que a teoria e prática andam juntas na renovação ética. O

¹⁵ Significado relacionado à ideia de renovação mencionada no manifesto e retomada no presente capítulo.

¹⁶ “Falando em termos gerais, atitude significa um estilo habitualmente fixo da vida volitiva em Direções da vontade ou interesses por ele prefigurados, em fins últimos, em realizações culturais cujo estilo de conjunto fica, portanto, deste modo determinado” (Husserl, 2008, p.25). Dessa forma, essa liberdade de volição característica da renovação é que nos permite compreender a possibilidade de uma mudança de atitude natural para a atitude fenomenológica, nas quais ambas acontecem no mundo-da-vida.

basilar da superação da crítica se encontra na renovação enquanto conhecimento crítico reflexivo e enquanto prática responsável, guiada pela essência da ética.

Segundo Aibinder (2021, p.124, tradução nossa), “[...] o terceiro dos artigos de *Kaizo* é especialmente relevante neste sentido, pois aí e só aí a ideia de renovação é colocada no centro da vida individual”. Como o próprio título do artigo sugere, nos dá margem para adentrar no artigo seguinte com ênfase no coletivo, pois o ser ético singular tem exigência de alcançar o coletivo pela na vocação.

No artigo quarto “Renovação e Ciência”, Husserl (2014, p.55-56), traz-nos que na “relação social” vemos o outro em sua postura individual e social na qual o autêntico e verdadeiro não se limite ao singular, mas cresça como “humanidade ‘verdadeira’”. O filósofo faz um breve apontamento sobre o sujeito singular que faz parte de uma comunidade historicamente e que justamente “esse ambiente histórico comunitário, em um tal mundo circundante” une o comportamento e a reflexão e dessa forma toda a humanidade pode viver uma vida de renovação o que alcança nosso objetivo de entender a possibilidade de uma renovação cultural.

Husserl (2014, p.60), ainda no quarto artigo da revista *Kaizo* vê a necessidade de uma ciência que mostre a possibilidade de levar uma cultura para a autenticidade, que atentamente observamos ser a ética enquanto ciência que dentro do processo de renovação resgataria a humanidade para “transportar em si [...] uma vontade de autoformação”. Isso nos põe diante da saída para a crise, uma vez que o filósofo assegura condições de possibilidade para a renovação. Compete-nos perguntar se seria suficiente uma forma de vida ética para superar a crise? Há muitas perguntas que gostaríamos de fazer ao filósofo, porém nossas análises nos permitem problematizar e até mesmo inferir que para Husserl, não é apenas o papel que desempenha a filosofia ou a renovação, mas sua constante exigência por parte da humanidade em voltar-se para o “lugar conceitual” que reorienta o conhecimento teórico, que é o mundo-da-vida. Vásquez (2002, p.VII, tradução nossa), complementa essa trilha de pensamento quando diz que “a cultura filosófica vai apostar em processos educativos que formem eticamente cidadãos responsáveis por fortalecer a sociedade civil e humanizar os avanços da civilização em todos os momentos”. Por isso, que antes de tal exigência “a Filosofia, deve necessariamente ser primeiro desenvolvida em dada comunidade” (Husserl, 2014, p.61). Isso nos confere o papel tão relevante que é a filosofia para o filósofo, para a superação da crise e para a renovação.

A superação da crise é coletiva e não apenas individual. Confirma-nos Klagges (2017, p.191, tradução nossa) que “neste ponto, é relevante mencionar a referência ao valor individual e comunitário que Husserl faz no quarto artigo da *Kaizo*”. Ao refletirmos sobre nossa atuação coletiva, Schweitzer (2013, p.48), lembra que “Todos estão debilitados, como nós, e apenas conosco podem se recuperar. Não a civilização de uma raça, mas da humanidade, de agora e do futuro, é que será abandonada, se a crença na regeneração das nossas forças for em vão”. Os dois autores nos falam que o avanço na ideia de comunidade ética é quando ela caminha em direção a formação da humanidade sendo valorizada individual e coletivamente para alcançar a autenticidade e a superação da crise, garantida pela ciência estrita, pela vocação que está na centralidade da filosofia.

No quinto artigo “Tipos formais da cultura no desenvolvimento da humanidade” Husserl mostra como a religião é uma forma de cultura e comunidade normatizada absolutamente pela ideia de fim. O filósofo pensa a crise enquanto presente nela como hebreu perseguido pelo nazismo, como sabemos, tem por base da religião e a raça como normativas e talvez seja esse o motivo de Husserl falar da liberdade dentro desse contexto. “Liberdade é um termo para a faculdade e, antes de mais nada, para o hábito adquirido de atitude crítica [...]” (Husserl, 2014, p.76). Ela se configura pelo “desenvolvimento livre da ciência” para um conhecimento que não é imposto, que é a filosofia fundada na nação grega.

Percebemos, a partir da publicação dos artigos de *Kaizo*, que a noção de crítica histórica também era proeminente cerca de uma década antes, no quinto e último rascunho da contribuição de Husserl para a *Kaizo*. A crítica aqui é um modo de investigação histórica que indica uma transformação de passividade para o comportamento eticamente ativo, de uma ingenuidade histórica “não livre” a uma tomada de posição “livre”. (Steinbock, 1994, p.458, tradução nossa).

Notamos um contínuo pensamento husserliano no rastreamento das questões mais substanciais do desenvolvimento da vida humana, como: a cultura religiosa e a cultura científica e suas respectivas influências em relação a liberdade humana, a ética e à cultura em geral, na medida que também faz referências à alguns aspectos históricos para nos levar a problematização da racionalidade e fundamentos que fazem parte da humanidade que também é universal. Com isso, “Ver-se-á que, para Husserl, o processo de renovação se inicia no campo do subjetivo e se funda na

universalidade científica, pois as ciências exigem um pensamento universal a partir da inteligência racional” (Cavalheiri, 2018, p.21). Cabe salientar que falar sobre a superação da crise pela renovação nos aproxima de um mundo compartilhado por todos em sentido, seja ele ético, científico, racional ou filosófico.

A renovação não é um movimento de alguma vontade particular que se impõe sobre uma determinada comunidade, mas um “clamor geral” que brota da convivência presente. Há uma dinâmica social de estrutura não causalista, mas motivacional, situada no mundo-da-vida. (Cavaleiri, 2013, p.109).

A renovação é fenomenológica no sentido de que o ‘eu’ não se fecha no particular, não é separado da intersubjetividade. É uma tarefa coletiva e concreta realizada no mundo-da-vida. “E estas linhas só foram escritas em 1922. Que pena que eles tenham sido tão amplamente ignorados! Contudo, este diagnóstico não é suficiente por si só”. (Villega-Petit, 2009, p.36, tradução nossa). Dessa forma, vemos o quanto é interessante o encaminhamento que se mostra a crise pelo prisma da renovação. Quando ele nos expõe a proporção do prejuízo que a crise abarcou, ultrapassamos junto a Husserl a percepção de que a responsabilidade e o compromisso para com essa situação se conjugam no ser humano.

De imediato notamos que Husserl se percebeu em meio à crise e tomou partido de sua função como filósofo, como ele mesmo defende: o papel de “funcionário da humanidade”. Propôs soluções para a crise em torno da renovação e do mundo-da-vida. Ele não se coloca à mercê dos acontecimentos, tanto que ele nos provoca a pensar sobre nossa postura diante de uma iminente segunda guerra mundial, que mal sabia ele que estaria por vir. Husserl (2014, p.4), faz a seguinte pergunta retórica: “Deveremos promulgar a ‘decadência do Ocidente’ como um *fatum* que se abate sobre nós? Este *fatum* só o é se olharmos passivamente – se passivamente o pudermos olhar.” O filósofo faz menção à visão de mundo fatalista de Oswald Spengler em 1918 na obra intitulada A Decadência do Ocidente. Esboço de uma Morfologia da História Mundial, para a qual Spengler não via uma saída, apenas a conformidade de sua ruína.

Ao buscar uma superação para a crise somos levados à tarefa do filósofo que aparece, segundo Steinbock (2017, p.86, tradução nossa), [...] “como uma responsabilidade crítica pela renovação da humanidade. É nesse sentido que Husserl caracteriza o filósofo fenomenológico como um “funcionário” [...], o autor

ainda expõe que “os fenomenólogos husserlianos são obrigados a ver os fenômenos por si mesmos, e não apenas tomar como certo o que Husserl diz ou escreve” e assim, “Todos os fenomenólogos são ‘chamados’ para serem funcionários da humanidade em suas próprias maneiras”. Considerando essa trilha a percorrer, vemos o fenômeno crise pela mesma ótica de Husserl, que ela é civilizatória e uma vez sendo, ela nos leva a analisar criticamente tudo em volta dela, incluindo o mundo-da-vida, e nesse chamado do fenomenólogo iremos então entender como a renovação e o mundo-da-vida aparecem nessa percepção. Com isso, quando Husserl nos relata sobre o papel do filósofo, este não deve estar apenas no plano teórico, e ele têm função importante dentro de uma sociedade, possuindo uma grande responsabilidade. A qual o próprio Husserl se encontrou nesse papel, o que para alguns críticos isso foi bastante ousado, entretanto fez grande diferença para sua época e épocas posteriores.

Para Husserl, segundo Tourinho (2019, p.119), há “perigos do naturalismo para a cultura”, e na conferência de Viena em 1935, ele ratifica essa noção, de que seria um dos maiores problemas para humanidade, causando uma “enfermidade espiritual”, que somente poderia ser superada através do “retorno da humanidade europeia ao seu solo espiritual originário”. Isto é, há uma proposta fenomenológica que Husserl faz de retorno ao limiar filosófico, que podemos encontrá-lo no mundo-da-vida como uma forma de superar a crise.

O alinhamento que encontramos para concluir que é possível a renovação nos dois planos: teórico e prático, está no “conhecimento do mundo”, partindo da argumentação de Husserl (2014, p.62-63), no quarto artigo. Cavalheiri (2018, p.124), nos alude para o “fato de a ciência estrita ajuizar a realidade factual a transforma em proposta de renovação científica, na qual não permanece na oposição clássica entre teoria e prática, mas ciência que tem o dever de ser praticável no mundo da vida da subjetividade”. Com isso vemos que Husserl nos conduz ao entendimento de que a reflexão que nos alcança aspirar por uma humanidade autêntica, que vive de forma mais colaborativa, que investe no desenvolvimento teórico de qualidade, aquele que desperta interesse pelo mundo ao redor, seria o norte de “sabedoria do mundo” para “uma teoria e uma práxis que seria difundida pelos indivíduos oral e literalmente, e também por meio da educação”. De forma mais direta, com a proposta de renovação, Husserl (2014, p.27), pretendia educar a humanidade para a racionalidade exercendo o autoconhecimento, a autoavaliação e a

autodeterminação”, mas que somente desempenha seu papel de construtor de sentido quando tem a filosofia fundante na reflexão do conhecimento do mundo.

A renovação seria uma alternativa confiável para que a humanidade pudesse se apoiar sempre que houvesse uma crise, cujo próprio processo de renovação nos torna consciente disso. Por isso que Husserl (2014, p.24) nos mostra que não é simplesmente ficarmos emocionados pela renovação, mas transformá-la em processo de ação contínua como normativa da nossa vida comunitária que começa dentro de nós, e não é toa que o terceiro artigo nos coloca em contato com a renovação na problemática individual que leva à ética social para que todos passem pela “investigação ético-individual”, ou seja, passem pela renovação enquanto método. Conforme Gubser (2011, p.46, tradução nossa), o terceiro e o quarto artigo forma “o cerne da discussão de Husserl” sobre a renovação, “neles, ele examinou a renovação como um processo individual e social – ou, mais precisamente, como uma reforma sociocultural que dependia do compromisso de cada pessoa.” Pois bem, uma vez tendo a renovação como ideal supremo, tornamo-nos conscientes suficiente ao ponto de avaliar nossa vida, nossas ações, os acontecimentos ao nosso redor e ponderar de acordo com os princípios já estabelecidos para alcançarmos o melhor possível.

Isso nos leva à prerrogativa iminente de estudo do ser humano enquanto sujeito intersubjetivo que atua na comunidade com outros sujeitos concretos, conscientes, livres, cotidianos, afetivos. Adornos que são imanentes ao sujeito do mundo-da-vida e, portanto, características do ser ético, o que substancia nossa preocupação central de que essas análises integradas à renovação levou Husserl a repensar o mundo-da-vida que comporta esse sujeito autêntico.

A questão que norteia a renovação questiona a possibilidade da ação racional, como vida, da qual a virtude pode surgir, portanto, nesta questão que centra-se na razão do ser humano e na sua vontade, está em jogo a restauração da fé, que, com as abordagens anteriores, significa que está em jogo a solução para todas as outras crises (científica, filosófica e cultural). (Lopez, 2020, p.149, tradução nossa).

O mundo-da-vida é o lugar da experiência, da doxa, da intersubjetividade, alcançado pela mudança de atitude natural, a renovação é essa atitude de voltar-se para a intersubjetividade que tem nos processos de autorreflexão e autorregulação. “Através do processo de renovação, temos a possibilidade inerente não de nos

protegermos completamente contra a perda da intuição, mas de refletir sobre a nossa facticidade, as crenças e convicções que adquirimos” (Miettinen, 2013, p.138, tradução nossa). Voltar-se ao mundo-da-vida não é simplesmente escolher, mas decidir com responsabilidade sobre nós mesmos e sobre os outros que compartilham o mesmo mundo-da-vida, é também assegurar a evidência intuitiva que temos na intencionalidade, assegurar a verdade original.

Edmund Husserl nos faz um roteiro de como o racionalismo objetivista pode ser o estopim de uma crise humanitária e como já sabemos, não foi restrito à Europa. Portanto, qualquer outro espaço geográfico que passa pelo mesmo crivo husserliano se torna passível de uma crise, que ainda hoje assombra a humanidade. Com uma reação pautada nesse movimento ativo filosófico de manifesto de uma renovação, dentre muitos outros adornos, Husserl traz o voltar-se ao mundo-da-vida para complementar sua resposta à crise, como veremos a seguir.

2.2- Voltar-se ao mundo-da-vida como uma possível resposta à crise

O debate sobre o tema do mundo-da-vida é bastante enfatizado ao longo do pensamento husserliano como acompanhamos até aqui. O conceito perpassa por vários outros assuntos, estes que estão imbricados no próprio termo, como as vivências humanas comuns e cotidianas, como o solo de sentido das experiências primeiras, como horizonte originário e autêntico de uma humanidade. Além disso, o mundo-da-vida é o plano das subjetividades e das intersubjetividades, noção esta que nos ajuda a entender a pluralidade desse tema. Segundo Husserl, (2012, p.147), “A intersubjetividade universal onde se resolve toda a objetividade, todo o ente em geral, não pode manifestamente ser outra senão a humanidade que, inegavelmente, é ela própria uma parte constituinte do mundo”. Na perspectiva da crise o mundo é visado para ser constituído isolado da humanidade, na qual Husserl traz uma crítica a esse enquadramento.

Com isso, compreendemos com Miettinen (2022, p.14, tradução nossa), que Husserl trouxe a noção de “um mundo em que nenhuma tradição detém o monopólio no que diz respeito à verdade”. Visualizamos que essas afirmações comportam uma crítica aos limites e possibilidades do conhecimento, Husserl não nos reduz aos condicionamentos de tradições culturais e éticas, por mais que faça parte do ser histórico, o filósofo valoriza nossa capacidade de mudança, contanto que elas

estejam embasadas no mundo-da-vida, pois nele confrontamos os limites e possibilidades de uma vida autêntica, de reflexões críticas e novas atitudes.

A vida é permanentemente viver na certeza do mundo. Viver desperto é ser desperto para o mundo, ser constante e atualmente "consciente" do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efetivamente, realizando efetivamente a certeza do ser do mundo (Husserl, 2012, p.116).

Isso significa que a vida para Husserl não se acomoda exclusivamente nos planos biológicos. Viver é ter o discernimento de nossa trajetória enquanto sujeitos da esfera da vivência mundana, assim, não vivemos mais na ideia de que somos um objeto aglomerado com outros objetos no mundo ou a serviço das ciências. Tampouco, o mundo é exclusivamente alvo de estudos cartográficos, que de maneira geral, a dedicação da cientificidade é representá-lo em mapas ou em contornos geográficos. Essa afirmação nos remete ao mundo do "ser" em processo, aquele que a consciência intenciona e também aquele em contínuo movimento que percebemos diante de nós a cada momento. Para termos acesso às verdades dele precisamos de ação reflexiva, que segundo Zilles (2002, p.17), "A fenomenologia torna-se filosofia primeira pela auto-reflexão radical e, por isso, universal". Na atitude plenamente reflexiva "o filósofo observará as coisas na sua pureza original e imediata, deixando-se orientar exclusivamente por elas". Partindo então de uma filosofia primeira e rigorosa, a efetividade do mundo ao nosso redor está no fato de igualmente fazermos parte dele e ele de nós, de modo imediato e espontâneo em sua pura evidência.

Na autoavaliação e nos propósitos e ações referidos a nós próprios e aos nossos co-humanos, alcançamos igualmente autovalores e fins dirigidos a nós próprios, como as nossas validades duráveis habituais. Contudo, todo o conhecimento em geral, todas as validades axiológicas ["*Werfge/ tungen*"] e fins em geral, na medida em que são adquiridos na nossa atividade, são simultaneamente propriedades duráveis de nós próprios como eus-sujeitos, como pessoas, encontráveis na atitude reflexiva como constituintes do nosso próprio ser. (Husserl, 2012, p.88).

Todos esses apontamentos não acontecem fora das concepções fenomenológicas. Quando Husserl faz o estudo da essência na relação entre o individual e o social, no terceiro artigo da *Kaizo*, encontra "determinados traços de essência do homem em geral" (Husserl, 2014, p.27), que está nas relações sociais

que seguem a “autorrenovação” em direção ao “homem novo”. Isso só acontece porque temos a capacidade de fazer o “autoexame (*inspectio sui*)”, portanto quando estamos falando, no presente texto, sobre “autoconhecimento, autoavaliação e autodeterminação” estamos diante das conclusões de Husserl sobre a essência do ser ético que já pertence a nós como humanos conscientes. Esse movimento voltado para nossos pensamentos e ações deve acontecer “de um modo livremente ativo” de atuarmos “no mundo circundante” dessas experiências, que recaem na crítica de Husserl sobre nos abster de exercer nossa liberdade devido a desvalorização do sujeito no processo de conhecimento pelo afastamento do mundo-da-vida, no qual a crise nos absorve pela passividade tais habilidades.

Para Mohanty (2011, p.218-219, tradução nossa), as ciências naturais se desvincularam do mundo-da-vida pré-dado com “os seus métodos exatos” e instituíram, com esse deslocamento, a ideia de mundo determinável de tudo que lhe pertence. “Husserl pretende dar uma justificação da doxa como tendo a sua própria evidência que não é menos que a evidência da episteme”. Deste modo, as nossas experiências e os objetos os quais nos relacionamos também são visados pelas ciências para serem determinados, e assim sofrem a tentativa de matematização, a fim de afastar ao máximo o caminho da doxa.

Com sua teoria do mundo da vida, Husserl procura um chão no qual todos os juízos predicativos, com os quais operam as ciências especializadas, possam encontrar uma referência antepredicativa. O recurso ao mundo da experiência é recurso ao mundo da vida, ou seja, ao mundo no qual sempre já vivemos e que fornece o ponto de partida para todas as conquistas do conhecimento e para toda a determinação científica. (Zilles, 2007, p.220).

Segundo Tourinho (2012, p.856), Husserl fez sua definição acerca do mundo, sendo denominada como “Tese do mundo”, não um mundo idealizado, mas aquele diante de nós, de forma “imediata e direta” e que não há um outro caminho de perceber sua revelação se não for “através da experiência sensível”. Pois é pela nossa relação com ele que entendemos a nossa própria existência e a existência do outro, comungando de vivências e de “atitudes variadas”. De acordo com Aquino (1975, p.31), “a concepção husserliana de mundo implica uma reflexão sobre a ciência que se ocupa com o mundo na sua relação para com um eu transcendental”, ou seja, a ciência é grande obstáculo ao negar o entendimento dessa ligação sujeito e mundo, em virtude de que, “o mundo é o pólo experimentado-experimentável do

eu”. Como ressalta Zilles (2002, p.34), esta experiência não deve ser “reduzida ao mundo das ciências físico-objetivas”. Tanto as experiências e as ciências objetivas estão imbricadas ao mundo-da-vida.

Em contrapartida, Husserl não retira esse “eu” do papel importante da relação experiencial do sujeito e propõe uma subjetividade transcendental que não se prenda apenas a essa relação de única via individual, não seria mais o “eu quero”, “eu penso” distante do mundo, segundo Cavalieri (2013, p. 55), o verbo agora se refere “a primeira pessoa do plural, ‘nós queremos’”. “Essa forma verbal está em plena sintonia com o desenvolvimento da fenomenologia posterior e seus desdobramentos éticos” no contexto de renovação. Isso confirma então o que viemos mostrando sobre a proposta de renovação de Husserl em não se fixar somente aos sujeitos egológicos do conhecimento, mas sujeitos coletivos e éticos que se vinculam à noção de “intersubjetividade transcendental”. Ainda de acordo com Cavalieri (2013, p.188), a “experiência originária” que advém desta subjetividade transcendental é vinculada ao *Lebenswelt*, ou melhor, “o domínio da subjetividade transcendental é fundado sobre o mundo-da-vida”. Diante disso, para Cavalieri (2013, p.194), o mundo-da-vida que é esquecido devido às proporções positivistas e ao racionalismo moderno, deve ter como parte do processo o “eu transcendental no centro da reflexão”. Mas em função da ideia de renovação o eu que também carrega o nós (intersubjetivo) volta com a tarefa ativa e reflexiva.

O homem e a sua humanidade vivem, porém, no presente fluente e no tempo das modalidades temporais passado e futuro que, fluente juntamente com o próprio presente fluente, é um horizonte que se transforma e, em consonância com as motivações do presente, é passado desperto, antecipação desperta e, eventualmente, intuição pré-figurativa do futuro. (Husserl, 2012, p.422).

De acordo com essa ideia, acreditamos que o repensar do mundo-da-vida se deu com a renovação no sentido de pensar o ser humano em uma realidade que é histórica, cultural e social entre o passado, presente e futuro. Para Husserl (1952, p.66), “devemos tomar uma posição, esforçar-nos por acordar numa «concepção» razoável, embora não científica, do Mundo e da Vida”. E nessa perspectiva, os acontecimentos do mundo-da-vida passam a ser submetidos ao esforço da renovação que tem como ponto de partida o autoconhecimento, a autoformação e

regulação, que se configuram em empenhos racionais em busca de uma humanidade cultural autêntica.

Quando debatemos a questão cultural dentro do projeto de renovação de Husserl aludimos ao fato de ele estar consciente da pluralidade¹⁷ cultural pertencente ao mundo-da-vida e mesmo assim ele firma o foco no interior do sujeito para fundamentar as possibilidades de um mundo universal e comum para todos que assegura o conhecimento. “Todo o plural e todo o singular dele destacado pressupõe o horizonte do mundo” (Husserl, 2012, p.117), essa é uma particularidade que reside no mundo-da-vida, pois ele é aquele “experenciado por todos os outros, independente de quando e onde eles possam morar” (Føllesdal, 2010, p.42, tradução nossa), mesmo que sua forma de aparecer seja singular, para ele, “diferente não é distinto” pois vivemos no mesmo mundo-da-vida¹⁸, mas nossas experiências nele são únicas no campo das vivências.

Ao se direcionar para a subjetividade transcendental como redescoberta de um “voltar a si mesmo” reflexivo, a fenomenologia encontra um campo no qual tudo se dá sob um horizonte de relação intencional, em que “as coisas mesmas” se doam numa transcendência intuitiva. A subjetividade transcendental é a base receptiva do que a intuição lhe doa para sua constituição intencional, ou seja, o mundo natural e tudo o que ele implica, bem como o eu e os outros, estão dados numa transcendência que se constitui formando um campo fenomênico de vivências. (Moor, 2020, p.3).

Percebemos que, com a subjetividade transcendental, Husserl faz uma crítica ao método objetivista do modelo de verificação e conhecimento das ciências em geral. Com esses elementos constitutivos da fenomenologia husserliana, como intuição, intencionalidade e vivências, por exemplo, juntamente com os métodos de

¹⁷ Mas compreender a essência do *Lebenswelt* equivale a perceber como ele é suscetível de variar de acordo com as diferentes culturas e também como pode ser modificado pelas ciências às quais de alguma forma deu origem. O que é crucial para a perspectiva científica é, para Husserl, o surgimento da ideia norteadora de um mundo único e verdadeiro. Isto, além disso, diz Husserl na sua “Carta de praga” de 1934, proporcionou “uma ideia estendida ao infinito” (Hua. XXIII. 241). Mas isto deve ser lido tendo como pano de fundo um conceito tridimensional e mais vitalista de “*Lebenswelt*” como um mundo de experiência e da possibilidade. (Moran, 2020, p.212, tradução nossa). Frisamos que são as possibilidades inerentes ao conceito que nos permite voltar-se a ele dentro do contexto de crise.

¹⁸ Haverá, então, para Husserl, um ou muitos *Lebenswelten*? Como pode ser visto, segundo Husserl, compreender a essência do “mundo” significa, em parte, experimentá-lo como um mundo para todos. Estar no mundo equivale a existir num “sentido complexo” (*Sinnzusammenhang*) e unificado, diante de um horizonte aberto e infinito. Existe apenas um *Lebenswelt*, mas é multidimensional e temporalizado. A rotina, o “mundo das coisas” material (*Dingwelt*). Fornece uma espécie de base para os estratos sociais e culturais. Já na comunidade *Lebenswelt* manifestam-se certas especificidades e tipicidades das quais fazemos parte e que nos determinam de formas únicas. Participamos da integridade, como família, grupos, localidade e outras formas de gregarismo. (Moran, 2020, p.214, tradução nossa). Essa maneira de incorporar o conceito nos conduz aos princípios da renovação.

reduções, Husserl traz uma nova perspectiva para o sujeito, validando suas experiências e significações no campo do conhecimento, repensando a relação sujeito-objeto para além de quantificadores, desnaturaliza o modelo científico que limita o pensar filosófico. o filósofo expandiu o debate sobre o sentido de ser do sujeito no mundo, não mais como simples fato da existência e sim como comunidades culturais e históricas.

Notamos que o mundo-da-vida foi afastado de sua matriz originária pela matematização do humano pela ciência, “O positivismo, por assim dizer, decapita a filosofia” (Husserl, 2012, p.6). Isso certamente contribuiu para que as ciências positivas ganhassem ainda mais espaço para que uma crise¹⁹ se instalasse no sentido da humanidade, cujo diagnóstico feito por Husserl nos facilita perceber que esta mesma ciência levasse o racionalismo a conduzir os fundamentos da humanidade como base apenas nos próprios critérios científicos, e como menciona Cavalieri (2013, p.19), “A crise das ciências é apresentada como um índice da crise da própria racionalidade moderna”. Esse se torna um dos pontos centrais da crítica do filósofo e da nossa defesa, na qual o mal uso da razão desassociou o mundo-da-vida de seu fundamento.

A resposta à crise está concentrada no conceito de *Lebenswelt* ou mundo da vida, Husserl pretende mostrar que as ciências objetivas são apenas uma parte do mundo, ou seja, o conceito de mundo vai muito além do mundo apresentado pelas ciências objetivas e positivas, o mundo pensado fenomenologicamente é muito mais amplo e fundante. (Fontana, 2023, p.82).

No decorrer da nossa análise sobre crise e mundo da vida vimos que muitos autores enfatizam a noção de que o mundo criado pelas ciências foi supervalorizado, causando uma dicotomia entre mundo científico e mundo-da-vida, na qual a cientificidade se sobrepõe. Confirma-nos Husserl (2012, p.106), ao dizer que “Se fizermos o contraste com todo o cuidado necessário, temos, então, as duas coisas: o mundo da vida e o mundo científico-objetivo, numa mesma relação.” O saber do mundo científico objetivo “funda-se” na evidência do mundo da vida. Mesmo que por vezes possamos encontrar elementos de oposição necessários para firmar o mundo- da-vida na fenomenologia, consideramos haver uma elevação na

¹⁹ Remetemo-nos aos três caminhos que consideramos da crise do tópico anterior.

forma que Husserl o detalha para responder à crise, pois a oposição entre eles é uma divisão que a própria ciência criou e que igualmente divide opiniões.

De acordo com Ferraz (2004, p. 369), Husserl ao trazer o mundo da doxa e certamente das vivências, não se desfaz do mundo objetivo ou do “exato mundo da razão” quando busca se voltar para o mundo-da-vida como a própria “origem da natureza matematizada”. Isso pode ter levado à incompreensão de que, por um lado, Husserl abandona por completo a área científica ao atribuir relevância ao mundo das opiniões e da experiência subjetiva e do outro, a de que ele está favorecendo a ciência moderna quando também reconhece a filosofia como ciência rigorosa. Ainda conforme Ferraz (2004, p. 370), “o mundo-da-vida não é antilógico ou anticientífico; é, antes, a pátria de toda atividade racional”. Isto reforça que o fenomenólogo não traz o conceito de mundo-da-vida como oposto à ciência, mas eleva o mundo científico, no mesmo sentido de elevação da humanidade pela tarefa da renovação, ao fundá-la no mundo-da-vida com o papel motriz da filosofia.

Conforme Husserl (2012, p.92), “Toda a consideração objetiva do mundo é consideração a partir do “exterior” e apreende somente ‘exterioridades’ objetividades”. As ciências positivas buscam estudar os sujeitos de fora do mundo, entendê-los de fora de seu ambiente originário, levando a apreender somente objetividades externas, contudo a concepção do filósofo em relação à compreensão mais profunda disso não é pelo olhar exterior segregado, posto que o fenômeno passa pela exterioridade, mas não parte dela, que é justamente o que a ciência faz, mas parte das camadas anteriores a isso, das “raízes” que são escondidas por essas objetividades. Isso certamente se dá no mundo-da-vida, onde objetividades e subjetividades se correlacionam.

Já relatamos que Husserl não é contra às ciências, mas gostaria que estas pudessem reconhecer sua origem e não se desfazer delas, pois o mundo-da-vida enquanto origem é fundamental para uma compreensão científica em geral. Ainda que Husserl critique a ingenuidade científica por objetivar o mundo e a vida experiencial, para ele a ciência é e sempre foi conhecimento, porém, a crítica husserliana está no fato de que ela não se apropria da subjetividade do mundo-da-vida como norteadora desse conhecimento.

Husserl afirmou que, para compreender a responsabilidade pelo conhecimento, formalizado ou cotidiano, devemos reconhecer que todas as nossas reivindicações têm o seu ponto de partida no mundo-da-vida. Assim,

a ênfase de Husserl na responsabilidade está intimamente ligada à sua descoberta da importância do mundo-da-vida. Esta percepção tem implicações importantes para a reflexão filosófica sobre o papel do conhecimento formalizado na cultura contemporânea (Učnik; Williams, 2012, p.2, tradução nossa).

A vista disso, pensamos os artigos para a revista *Kaizo* como um projeto sociocultural de racionalidade em que Husserl escreve para a Europa, que se fez necessário para responder à crise, a elaboração dele culminou com o reposicionamento do conceito de mundo-da-vida, que por mais que tenha sido um projeto para o “ser ético” vimos que a verdadeira humanidade não está na norma, mas na escolha vocacionada em voltar-se ao mundo-da-vida em constante movimento das nossas vivências, uma vez em que nesse projeto de renovação cultural somos sujeitos-objetos de transformação, temos a liberdade e responsabilidade de reestruturar nossa cultura ao mesmo tempo em que somos modificados por ela. Ser vocacionado pela filosofia não limita outras vocações, pelo contrário, torna-nos autênticos em nossos esforços comunitários pela racionalidade e de acordo com a renovação nos é permitido fazê-lo na teoria e na prática.

Nem sempre as ciências careceram de prover sentido teórico e prático para a humanidade. Como retrata Mohanty, (2011, p.393), havia a “própria racionalidade filosófica livre”, mas elas se matematizaram e perderam de vista os aspectos da vida humanitária em seus estudos, visto que esse foi um dos motivos da “crise da ciência moderna”. Esses aspectos são essencialmente os da vida cotidiana e subjetiva que a cientificidade excluiu. Cavalieri (2013, p.182) colabora com esse enunciado ao falar da experiência quando diz que “é preciso investigar se esse campo de experiência, além de ser um campo de observação universal exigido pelo método científico, é também um campo da universalidade da subjetividade ou a ele corresponde”. De antemão já sabemos que sim, ela é inerente ao “ser” humano pois, como continua o autor, “responder essa questão significa uma abertura compreensiva do mundo-da-vida concreto e mundo-da-vida originário”.

Elementos como experiência e horizonte deu ao mundo-da-vida um patamar de excelência no meio filosófico, arriscamos dizer que fica quase impossível nos separar desses segmentos, com eles nos deparamos com uma realidade que é histórica, social e cultural em um horizonte de relações experienciais de imensos significados. Para Ferrarello (2016, p.89, tradução nossa), “Parece inegável, de fato,

que é pelo ato de autocompreensão e autorresponsabilidade que o sujeito transcendental intui (vê, reflete) o significado dos conteúdos”, está nos nossos modos de existir no mundo e com ele, pois para afirmarmos a existência do mundo, partimos do “eu” e para afirmar a existência do “eu”, partimos do “outro”. “Isto é ainda mais evidente nos artigos para a revista *Kaizo* ou no *Krisis*, onde Husserl aponta claramente para o tipo de responsabilidade ética” e para a “racionalidade que está no comando de qualquer atividade de atribuição de significado”. Husserl trouxe também uma perspectiva ontológica na relação simbiótica entre o eu e o outro; entre o mundo e a vida, uma vez que a essência se dirige à vida e a experiência ao mundo e dessa forma ele põe a essência na existência, na existência repleta de significados.

Por isso que quando Husserl fala da investigação do ser ético ela vai acontecer na existência concreta da coletividade, na qual se é possível falar sobre e averiguar a manifestação desse ser no cotidiano, nas relações, no desenvolvimento cultural e por isso escolhemos nesta dissertação não falar necessariamente sobre uma investigação aprofundada da crise da ética em termos de essência ou moralidade, mas problematizar o porquê de não estarmos fazendo dele (ser ético) nossa orientação em prol de uma humanidade melhor.

Assim, como quer que o mundo, enquanto horizonte universal, enquanto universo unitário dos objetos existentes,; seja consciente, nós, em cada caso o eu do homem, e todos nós, em relação mútua, no vivermos em relação mútua no mundo, pertencemos precisamente ao mundo que, exatamente neste "viver em relação mútua" é o nosso mundo, o mundo que para nós vale como ser segundo a consciência. (Husserl, 2012 p.87).

De acordo com Zilles (2007, p.220), a compreensão husserliana de mundo não é olhar “o que o cerca de fora”, mas buscar essa compreensão a partir da “perspectiva do sujeito”, visão esta que nos ajuda a entender que Husserl nunca abandona a relação entre sujeito e mundo. Além disso, “o mundo da vida (*Lebenswelt*) é dado ao sujeito como horizonte de experiência, centrada no seu eu”. Isto é, a subjetividade trilhada fenomenologicamente, em termos gerais, parte do sujeito em sua própria esfera de vida, porém partilhada entre outros. É o posicionar-se na história como intersubjetivo. Então por que tirar esse mundo que é doado ao sujeito? Mundo este que lhe pertence.

Decerto, isso traz uma discussão acerca do que as ciências suscitaram à humanidade como um todo, não somente no território europeu, por isso não lhe bastou apenas declarar o estado de crise, mas queria respondê-la partindo também de uma atitude renovada com relação ao estudo das nossas relações com o mundo. Visto que, o esquecimento e o esvaziamento de sentido se situam no diagnóstico da crise europeia, o restabelecimento desse sentido perdido é justamente retomado com a proposta de fundamentar o mundo-da-vida. Dito isso, vimos que o mundo-da-vida faz parte das fundamentações humanas e é capaz de encaminhar as experiências subjetivas a um caráter histórico e cultural racional, estas que irão valorar o sentido da própria humanidade, que estão sempre vibrando a partir do mundo-da-vida. Husserl percebe que as ciências não se utilizam deste cerne antepredicativo do mundo-da-vida e os predicados inferidos por elas não possuem responsabilidades com as questões que orientam a vida humana.

A historicidade é um dos pontos inaugurais de Husserl para o mundo-da-vida. A sua grande extensão não nos cabe aprofundar aqui pela via da filosofia, mas de compreender a contribuição de seu significado do a priori do mundo-da-vida. Carr (2010, p.86, tradução nossa) fala que “esse relato clássico da história, que coloca sua esperança de salvação da humanidade na razão, na filosofia e na ciência” [...] remonta [...] “a uma época em que essas ideias ainda podiam ser levadas a sério, quando o conhecimento deveria nos tornar sábios e dar sentido à vida”. Tentamos resgatar essa mesma seriedade para o texto no sentido que a história deixa de ser um simples fato para existência humana para fazer parte da essência do ser; que é o ser histórico do mundo da vida.

Estudando-nos nesta urgência, o nosso olhar retorna até a história na nossa humanidade de hoje. Só poderemos conquistar a autocompreensão e, assim, uma solidez interior mediante o esclarecimento do seu sentido de unidade, o qual lhe é inato desde a sua origem, com a tarefa reinstituída que, como força propulsora, move as tentativas filosóficas (Husserl, 2012, p. 10).

Segundo Dutta (2019, p.210, tradução nossa), para Husserl voltar-se ao “mundo da vida através da redução histórica significa a superação das reflexões historicamente determinadas de um pensador que experimenta o mundo em termos das categorias da ciência moderna”, esta redução não tem a ver com a teoria reducionista que de modo geral tenta explicar as coisas por uma única via ou pelas

mesmas explicações padronizadas, pelo contrário, Husserl tenta abordar a questão da historicidade por meio da fenomenologia, a fim de transcender as fixações dogmáticas que tomaram de conta também da interpretação histórica da vida, do homem e do mundo.

O percurso que seguimos com o aspecto histórico nos leva à uma visão complementar na filosofia husserliana, que de acordo com Guimarães (2012, p. 29), o conceito de mundo-da-vida no caminho de Edmund Husserl vem como uma chave para “discernimento da condição do homem como ser histórico”, principalmente no contexto da “crise da cultura europeia caracterizada pela vivência do espírito revolucionário em todas as suas dimensões”. Por conseguinte, é o que Husserl faz com o mundo-da-vida, coloca-o na dimensão do sujeito, assim como o eu transcendental e o leva para o centro das discussões como um caminho possível para responder à crise.

O modo como Husserl traz a historicidade para mundo-da-vida não é desconectado de nossas experiências vividas, pois ele não se guia pela facticidade histórica, não parte de fora; mas dela como inerente ao que somos, pelo movimento dinâmico próprio a ela, por assim dizer. Com isso, não são compreensões encerradas da trajetória humana e de seus acontecimentos, mas um voltar-se ao mundo primário aberto a infinitas significações.

O nosso mundo circundante é uma formação espiritual em nós e na nossa vida histórica. Para quem toma como seu tema o espírito enquanto espírito, não há aqui, por conseguinte, qualquer razão para exigir outra explicação para ele que não seja uma explicação puramente espiritual. (Husserl, 2012, p.119).

Husserl elucida que é imprescindível o valor de nossas vivências também como movimento ético. Pois como aborda Ferraz (2004, p. 370), “Esse sem dúvida é um dos principais motivos de voltarmos ao mundo-da-vida. “Trata-se de recuperar a dignidade da camada sensível, na qual mesmo a vida ética se desenrola”. O modo das ciências estipular a vida humana impede esse sensível e ilude que o caminho a ser seguido possua um sistema incorruptível, o que pode dar uma certa “segurança”, porém, parece estar mais próximo de uma indiferenciação dos valores éticos na medida em que vai se deixando levar por uma irracionalidade.

O mundo-da-vida também responde à crise pela via da ética fenomenológica, já embasada nos artigos para a revista *Kaizo*. “A tematização do *Lebenswelt* não é

puro capricho filosófico, de decisão aleatória, mas uma decisão metodológica em termos do pensar uma decisão ética de responsabilidade em relação à humanidade concreta”. (Cavaliere, 2004, 83-84). Pois para superá-la, Husserl, [...] “exigirá de nós uma postura fenomenológica que nos conduzirá às raízes últimas de todas as coisas, fundamento este com o *Lebenswelt* que nos impele a reconhecer e submeter a cultura e a humanidade a uma reforma racional na ciência e na filosofia. É no plano da fenomenologia transcendental que o filósofo propõe o *Lebenswelt* na medida em que o tema corre por cenários filosóficos, religiosos, humanitários que nos chama para a reflexão.

Voltar-se ao mundo-da-vida é uma resposta à abstração da ciência objetiva, pois ele é o campo da evidência e da autoevidência. Para Carr, (1970, p.334, tradução nossa), “A ciência opera com abstrações, o mundo da vida é a concreta plenitude da qual deriva esta abstração; a ciência constrói, o mundo da vida fornece os materiais dos quais surge a construção.” A renovação enquanto movimento de orientação individual e coletiva baseando-se em preceitos de responsabilidade, autoconsciência e liberdade, falando fenomenologicamente, está dentro de um projeto ainda maior, de retorno ao mundo-da-vida.

O mundo-da-vida é o "reino da autoevidência original ao qual o cientista deve retornar para verificar suas teorias”. Na crise, o mundo-da-vida ficou à mercê do naturalismo, que firmava o ser humano ao condicionamento fisiológico e biológico e fazia da objetivação científica modelagem do ser, para o qual tudo estava na determinação natural e com isso levava a uma abstração da forma de pensar dentro de um enquadramento quantificado sobre as causas e consequências; começo, meio e fins de um método formalizado. Cálculo este que matematizou a natureza, a enformou em uma espécie determinista do sentido humano que afastou o mundo-da-vida desse lugar de originalidade do sujeito.

As noções trabalhadas aqui desempenham papéis tão importantes que não se reduzem a meras abstrações, por esse motivo defendemos um mundo de horizonte de nossas experiências, válido e de sentido que influenciam nossas ações, nosso conhecimento e a maneira pela qual significamos nossa história. Para Neron (2002, p.10, tradução nossa), se imaginarmos “um mundo habitado apenas por uma única pessoa isolada, na verdade é uma abstração” das “relações sociais”, assim funcionaria o ego separado do mundo-da-vida, em outras palavras, as pessoas da

vida cotidiana se relacionam de forma não egoísta em termos de mundo-da-vida, são relações concretas em um mundo concreto da vida.

Podemos inferir que participa da compreensão de horizonte a intersubjetividade histórica. Fazendo aqui alusão às vivências e experiências do outro como forma de legitimar nossa concretude no mundo-da-vida, pois há comunalização com os fatos históricos na constância e a inesgotabilidade de sentidos que o mundo constituinte possibilita. Interessa-nos aqui compreender que experiência histórica dos sujeitos não são idealizações, nem abstrações²⁰, pois elas se concretizam na renovação como um voltar-se ao mundo-da-vida.

Husserl percebe que de um lado, as ciências fracassavam por se afastar de seu solo originário e esquecer suas matrizes, do outro o mundo-da-vida sendo matematizado e tendo sua autenticidade anulada, principalmente pelo cientificismo, sendo velado e inegavelmente esquecido. E as reflexões do filósofo recaem inquietamente sobre os prejuízos causados por esse diagnóstico, conforme Zilles (2002, p.32), “Husserl considera o mundo-da-vida como origem (*Ursprung*) e fundamento (*Boden*) das ciências objetivas”. Ou seja, o sentido estaria no mundo-da-vida subjetivo e a partir dele se buscaria a verdade objetiva, pois é a subjetividade do ser que primeiro racionaliza e objetiva, não é apenas o “ser do mundo” (Husserl, 2012, p. 55), mas o ser com o mundo.

Portanto, para Vásquez (2002, p.11, tradução nossa), “A racionalização do mundo da vida na modernidade significa, portanto, fortalecer relações múltiplas e complexas entre cultura, sociedade e pessoa” e isso nos leva a conferir que Husserl não inova a relação que temos com o mundo, seja este fatos, ideias, fantasias, pessoas, mas ele repensa a famosa relação “sujeito-objeto” do modelo científico que naturalizava o pensar filosófico com o intuito de investigar a *priori* dessa relação e propõe revisar a manifestação dessa racionalidade buscando o sujeito para sua responsabilidade com a vida, uma vez que ela faz parte do princípio da

²⁰ Para superar a imprecisão e a relatividade da experiência comum, a ciência realiza um conjunto de abstrações e interpretações sobre o mundo como ele se apresenta originalmente. Primeiro, ele se concentra no aspecto da forma do mundo [...], depois interpreta essas formas como formas geométricas puras para lidar com elas em termos geométricos. Mas esquece que este primeiro movimento é uma abstração de algo e seu segundo uma interpretação de algo [...]. Esquecido do papel abstrativo e idealizador do pensamento científico, a interpretação filosófica surge com uma pretensão ontológica: ser é ser mensurável [...]. (Carr, 1977, p. 205 *apud* Zelić, 2008, p.417, tradução nossa). Consideramos o movimento filosófico de Husserl com a renovação e o mundo-da-vida uma forma de tirar esses conceitos e seus sentidos do campo da abstração, uma vez que o método não é o mesmo das ciências positivas.

subjetividade²¹. Com a fenomenologia percebemos que ao repensar essa relação, Husserl, sabiamente a leva para o debate com a cultura quando ele olha para o destino da Europa após a primeira guerra mundial e percebe a crise, levando-o a elaborar a renovação.

Há uma noção sempre voltada para o que é a *priori* em Husserl, seja no viés do conhecimento quanto no viés prático. Na medida em que o filósofo faz suas investigações, essencialmente no continente europeu, percebe uma crise que se volta inicialmente para fundamentos da filosofia, que precisaria de um resgate da razão, uma renovação dos seus ideais, sobremaneira, quando ele estende essa percepção dos fundamentos para uma crise humanitária e para tentar resolver esse problema por ele diagnosticado, traz-se a fenomenologia como método e atitude que busca o a *priori* do conhecimento e ao chegar ao mundo-da-vida integrado à cultura, comunidade, sujeitos em relação, busca-se também um a *priori* voltado para experiência e a vivência.

O “a *priori* é tudo que é fundado na essência pura” (Husserl, 2008b, 231 *apud* Jacobs, 2021, p.107, tradução nossa) e centra-se na essência. No caso de *Krisis*, o a *priori* do *Lebenswelt* está no caráter histórico a fim “de poder conduzir no curso de uma reflexão radical a grande tarefa de uma pura doutrina da essência do mundo da vida” (Husserl, 2012, p.115). E é assim que a subjetividade transcendental se ocupa da construção de sentido de ser pré-dado e da validade de ser para aquele que o experencia. Husserl vai asseverar que uma renovação baseada nessa subjetividade vai levar ao verdadeiro sentido da humanidade.

Explicamos no capítulo anterior no que consistiu a ontologia, partindo do a *priori* do mundo-da-vida. Husserl não examina a fundo essa nuance, pois cabe a fenomenologia, mesmo que por esse viés, toda nossa contemplação. Mas isso não nos redime de esclarecer o filósofo não se distancia do originário e primordial no que concerne ao mundo-da-vida mesmo na concepção ontológica, que continua o mesmo objetivo; vencer a crise provocada pelo cientificismo.

²¹ A questão do sujeito é, em primeiro lugar, a questão do ser humano [...] O sujeito é essencialmente aquele que faz perguntas e que se questiona, seja no plano teórico ou no que chamamos prático. Chamarei subjetividade a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo.” (Castoriadis, 1999, p. 35). Ainda que brevemente nesse texto conceituamos subjetividade, mas não há presunção de detalhar sobre sua constituição e estrutura em Husserl.

A identidade última para uma ontologia do mundo da vida é o mundo como um universo de seres concretos. Esta noção de mundo contrasta com a concepção de mundo que as ciências positivas postulam, “o mundo espaço-temporal infinito matematicamente idealizado” (H 29: 155). Como uma ontologia do mundo da vida funciona como base a partir da qual se podem empreender outras ciências do ser, Husserl considera-a mais do que “uma” ontologia fundamental. (Steinbock, 2017, p.52, tradução nossa)

Ficou demarcado também no tópico anterior que Husserl encaminhou suas teorias sempre à mercê do status de ciência para os segmentos que fazem parte da existência da humanidade e da filosofia, por isso não estranhamos a necessidade de Husserl rebater críticas ofertando uma ciência para clarificar o mundo-da-vida, como foi o caso da ontologia, mas não foi sua maior preocupação ao falar do tema. Por mais que se descreva os seres universais da existência do mundo-da-vida, apenas na fenomenologia transcendental podemos compreender a constituição de sentido que o *Lebenswelt* adquire e, portanto, nessa base para as outras ciências do ser, Husserl responde à crise da ciência declarando o afastamento do mundo-da-vida como fundamento dela própria.

Tanto a consciência como o mundo são concebidos de forma mais ampla, mas a análise fenomenológica da sua relação é a mesma. Isto é claramente o que Husserl tem em mente. A partir da nova ontologia do mundo da vida devemos proceder através de uma redução fenomenológica à intencionalidade consciente na qual este mundo é constituído. Com sua base ampliada, tudo o que foi realizado anteriormente na fenomenologia pode ser integrado a esta nova teoria da consciência e do mundo, mantendo ao mesmo tempo o padrão de análise. (Carr, 2005, p.199, tradução nossa).

A ontologia na concepção husserliana, distinta da ideia de metafísica clássica, nos permite entender que o filósofo não está visando algo inacessível, pelo contrário, mas que também está no âmbito do mundo-da-vida, o qual não é inatingível. Esta ontologia é uma das chaves para o retorno das ciências, ou melhor, ao *priori* destas. Além disso, não está preocupada em definir um único ser no mundo-da-vida, não é nem de longe este o objetivo de Husserl. Deixamos de ser passivos frente aos acontecimentos do mundo quando assumimos nosso compromisso pelo desenvolvimento cultural da humanidade. Husserl está interessado em explicitar o significado de renovação como “uma responsabilidade cultural referida tanto à vida teleológica de cada pessoa bem como à evolução geral das comunidades e à sociedade ocidental em geral”. (Niño, 2012, p.159, tradução nossa). Ao assumirmos essa posição encaramos o fato de que Husserl não deixaria

seu projeto a par da metafísica clássica ou não daria o devido valor a fenomenologia como ciência rigorosa para fundar a experiência, pois como a humanidade poderia ver sentido em sua responsabilidade e atividade diante da crise de sentido? Husserl, por sua vez, regenera esse sentido com a recuperação do mundo da experiência como tendo valor em suas investigações, valor científico e significado cultural.

A pretensão ontológica do mundo-da-vida, não é tratá-lo como uma evidência absoluta no sentido científico quantitativo, pois era o que as ciências naturais gostariam de fazer, mas tratá-lo como possibilidade e evidência cultural e histórica. Não há como a ciência ser evidente em si, se ela constrói o mundo como algo absoluto e verdadeiro pautado nos atributos matemáticos e somente de tal modelo. Por isso, o mundo-da-vida que Husserl lança como relacionado ao pré-científico é uma crítica à ciência moderna, pela forma como “caminhou” o seu método científico. Desse modo, notamos que a filosofia foi atravessada de várias formas e a concepção sensível mundana perdendo sua vigência, fosse no estudo metafísico ou cientificista. E certamente a filosofia devesse se reposicionar para retomar o conceito de mundo que abrange a espontaneidade dos sujeitos, sair desta crise em que ela não consegue se legitimar, e recuperar o seu exercer filosófico, além disso, o sentido deste fazer.

Uma vez que esclarecendo impreterivelmente seu fundamento para toda uma humanidade, e que esta precisa exercer também uma autorreflexão, entendemos que o conceito de mundo não deve ser aplicado exclusivamente à esfera física, cuja ciência, essencialmente, precisa esforçar-se a não “contrapor-se” ao meio das vivências originárias de sentido, pois nelas há um caminho mais autêntico que possibilita o diálogo entre mundo-sujeito-vida que nunca se cessam.

O mundo-da-vida sempre esteve lá, é o mundo para todos, é o lugar filosófico seguro no qual estamos habilitados pelo agregamento da renovação a buscar nossa fonte originária de conhecimento, por isso consideramos que o sentido originário do mundo-da-vida está em crise e a essência ética também, a qual está no âmbito fundamental e *a priori* genuíno para ciência da humanidade, conforme os artigos da *Kaizo*, que está ali auxiliando a elevação da humanidade, nossa restauração cultural. E é justamente a filosofia capaz de reajustar o movimento reflexivo e a maneira que estarmos no mundo, as investigações fenomenológicas com seus métodos que interligam o ponto central da forma como conduzimos nossas relações. Voltar-se ao mundo-da-vida é também dar a tarefa infinita dessa reflexão ao “eu”,

que compartilha o mundo intersubjetivo no qual todos vivemos, como dito anteriormente, um mundo comum para todos, pois o ponto central da renovação é a reflexão e o pensamento racional.

A vida desperta é sempre um estar dirigido para isto ou para aquilo, dirigido para isto enquanto fim ou meio, enquanto relevante ou irrelevante, para o interessante ou o indiferente, o privado ou o público, para o que é quotidianamente indispensável ou para algo irrompendo como novo. Tudo isto repousa no horizonte do mundo, mas são precisos motivos particulares para que quem está agarrado a uma tal vida mundana se converta e, por aí, chegue de algum modo a fazer dessa vida um tema e a ganhar por ela um interesse persistente. (Husserl, 2008, p.27).

Chegamos a uma congruência entre os temas, o caminho que segue a pesquisa busca compreender a Renovação como um processo de reconstrução reflexiva contínua do conhecimento humano, sobre si (existencial) e sobre o outro (intersubjetivo) que direcione a vida em comunidade e possibilite a humanidade repensar seus valores, atitudes, relações, existência e também o sentido da vida através da fenomenologia transcendental baseada na consciência intencionalmente responsável pela existência racional individual inclusive na ontologia que Husserl aborda o mundo-da-vida. Ele retoma esse tema ao deixar seu último escrito, ressignificando a concepção de mundo-da-vida, nomeado assim, por acreditarmos que as mudanças que vemos nas concepções e visões de Husserl servem de abertura de novas compreensões acerca dos correlatos temáticos, na guinada que tudo isso provocou em seus leitores. Pois não há como negar a inestimável contribuição dos escritos de Husserl para diversos campos de estudo.

“A crise da formação cultural diagnosticada por Husserl exige um retorno ao ‘mundo-da-vida’”, afirma-nos (Cavalieri, 2013, p.53). Um voltar-se a ele, no sentido husserliano é tomar consciência do eu e do outro pertencentes ao mesmo mundo circundante. Para Cavalheiri (2018), o desejo pela renovação se mostra na atitude de voltarmos ao mundo-da-vida interessados por ele buscando uma vida melhor em termos de responsabilidade e alteridade. Essa mudança aspirada por Husserl não é apenas sobre mudar ações irrefletidas, mas de valorar nossas ações e reflexões, que para Portocarrero (2010), tal atitude torna-nos livres de preconceitos naturalistas e para Husserl os interesses teóricos modificaram nossa postura no mundo, a começar na Grécia, por isso a pretensão de uma volta ao ideal grego.

Husserl, ao se referir ao conceito de mundo-da-vida junto a noção de renovação como um movimento do refletir e do agir, relaciona-os aos seres conscientes deste mundo, pois “no mundo da vida, vivemos sempre conscientemente” (Husserl, 2012, p. 380-381). Isto é, as próprias motivações já possuem em si uma autenticidade racional, mas precisam se posicionar a serviço da humanidade, além disso, “vivemos, conscientes dele como horizonte dos nossos fins particulares, sejam momentâneos e mutáveis, sejam uma meta que duravelmente nos orienta”. Com esse sentido, a finalidade pessoal é buscar o coletivo para o trabalho em conjunto em prol de algo maior e melhor para todos, como bem vimos nas aspirações husserlianas. Posto isso, temos a plena consciência de que nossas atitudes e nossos desejos podem evocar transformações não apenas para si, mas para todos, uma vez que estas ações devem ser originadas a partir e no mundo-da-vida, sendo também uma forma de regularmos nossa conduta e nossa reflexão.

O maior perigo da Europa é o cansaço. Se lutarmos contra este perigo de todos os perigos como “bons europeus”, com aquela valentia que não se rende nem diante de uma luta infinita, então, do incêndio aniquilador da incredulidade, do fogo consumptivo do desespero a respeito da missão humana do Ocidente, das cinzas do cansaço enorme, ressuscitará a Fénix de uma nova interioridade de vida e de uma nova espiritualidade, como penhor de um grande e longínquo futuro para o Homem – porque só o espírito é imortal. (Husserl, 2008, p.51).

Esse interior é formado do elemento universal: o sensível. Portanto o projeto de renovação é universal, mesmo que tenha sido visado por Husserl para a civilização europeia, nossa capacidade de reflexão contínua nos possibilita a ampliar o conceito de Europa para a unidade de vida pertencente ao mundo-da-vida, o que é crucial para nosso debate na perspectiva fenomenológica. A normativa da renovação, confirma-nos (Gubser, 2011, p.45, tradução nossa), “também assumiu a forma de uma universalidade local, de um ‘qualquer pessoa nas minhas circunstâncias deveria fazer o que eu faço’”, pois partiam do mesmo ponto comum, levando a “análise que se aprofundaria progressivamente até chegar à noção de mundo da vida”, respondendo justamente o que demonstra nossa problematização.

Concordamos com o filósofo quando ele nos diz que o perigo está no cansaço e na naturalização do sentido de ser enquanto sujeitos inseridos nela que é tão tão plural, juntamente com a ciência positiva acabamos matematizando o

mundo-da-vida e perdendo nossa base de certezas e esperança sobre o nosso presente e o nosso destino. Somos seres em constante evolução e isso nos permite acreditar em nosso desenvolvimento humano, não aquele da fisiologia do mais forte, nem aquele mais adaptado, mas o que busca resgatar-se rumo à elevação filosófica das teorias que comandam nossa prática.

As valorações que fazemos sobre nossas experiências só acontecem em virtude do mundo-da-vida. Conforme Steinbock (2017, p.72, tradução nossa), “Consciência, Autoconsciência e Razão seriam as formas concretas” do espírito e portanto da renovação que só ocorre porque o mundo-da-vida é concreto, assim como o sujeito que dele faz parte. Quando falamos em voltar-se, [...] “é o correcto retorno à simplicidade: ingênua; da vida, mas numa reflexão que se eleve acima dela, revelação que abrirá as portas à nova dimensão já repetidamente anunciada” (Husserl, 2012, p.47). É considerada a ingenuidade no mundo-da-vida, uma vez que o mundo científico é parte integrante dele, porém, quando partimos do mundo-da-vida pegamos o impulso do verdadeiro sentido e significados em uma reflexão ainda maior.

Revelar-se-á progressivamente e, por fim, inteiramente, que o único caminho possível para ultrapassar a ingenuidade filosófica que reside na “cientificidade” da filosofia objetivista tradicional é o correcto retorno à simplicidade ingênua da vida, mas numa reflexão que se eleve acima dela, revelação que abrirá as portas à nova dimensão já repetidamente anunciada (Husserl, 2008, p. 75).

Quando aceitarmos a renovação, colocare-mo-la como tarefa infinita mudaremos nossas posturas; contudo, onde a humanidade seria levada com esse processo? De volta às coisas mesmas. Essa percepção diferenciada do filósofo nos permite compreender que “a coisa mesma” expressa-se na forma de mundo-da-vida e portanto a renovação seria o caminho para ressignificar a humanidade, principalmente pela filosofia. E para tanto, integramos a compreensão de que toda nossa mudança de atitude prescrita por Husserl está no princípio da renovação que provém do mundo-da-vida, pois não se trata de um objeto, mas um lugar filosófico conceitual com função provedora, predicativa de sentido para as ciências e para toda a humanidade.

Assim, coube à filosofia – à ciência universal – a tarefa de ajudar a humanidade, cegamente arrebatada, a alcançar a mais profunda autoconsciência, a consciência do seu verdadeiro e autêntico sentido de vida. A sua maior obrigação devia ser, acima de tudo, dar a este sentido a forma racional última, a de uma teoria esclarecida e compreendida em todas as suas partes, justificada até ao fim em todos os aspectos. (Husserl, 2018, p.208, tradução nossa).

Cadena (2021, p.137), aponta que “Na verdade, são apenas novas camadas fundadas nos mesmos pressupostos filosóficos” [...] da “matematização da natureza e posituação da vida. Por esta razão, proponho que a solução de Husserl em voltar-se ao mundo da vida segue sendo atual, e urgente”. Isso resume, grosso modo, a verdade subjetiva que as ciências positivas negavam, portanto a verdadeira humanidade não está na norma, mas no conhecimento que parte do mundo-da-vida.

A emergência do mundo-da-vida está na abertura que a renovação permite no horizonte que a cientificidade encobriu. “Retorna-se, então, desta consideração universal do mundo que, à sua maneira, é histórica e referida à pessoa, que se move sobre o solo do mundo pré-dado, até ao solo absoluto, o da subjetividade transcendental” (Husserl, 2012, p. 248). Como as nossas distintas vivências entre si, as relações entre as diversas comunidades, grupos e populações, não são apenas vistos como totalidades historicistas, mas possuindo sentidos construídos pela humanidade, quando nos voltamos ao mundo-da-vida essa característica nos beneficia com a subjetividade repensada no discurso científico. É com ela que estamos conectados em relação a um mundo singular e plural.

A perspectiva do mundo-da-vida pela renovação nos diz que nossa autorreflexão não pode ser feita desligada do mundo-da-vida, quando fazemos isso garantimos nossa mudança de atitude amplamente discutida aqui no texto. A possibilidade de renovação está no sujeito concreto, na vida ética, na renovação, pois não basta apenas voltá-lo a seu campo experiencial de sentido se ele não estiver minimamente vinculado ao processo de renovação individual e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foram feitas algumas considerações sobre o mundo-da-vida na perspectiva da renovação em Husserl, como um caminho de possibilidades que nos indica o movimento de “voltar às coisas mesmas”. O sentido de autoformação em prol da experiência humana se dá no campo originário das nossas relações, ou seja, voltar-se ao mundo-da-vida é usarmos da nossa capacidade de reflexão para alcançarmos o conhecimento chave para enfrentarmos toda e qualquer crise. Desta maneira, a problemática proposta para a dissertação, *“De que forma o pensamento de Husserl sobre a renovação possibilita voltar-se ao mundo-da-vida, visando a superação da crise por ele diagnosticada?”*, apresenta-se como uma abertura para os debates contemporâneos.

O trabalho nos conduz a considerar que por muitos anos as nossas realidades vivenciais construídas no mundo-da-vida foram reconhecidas apenas como um obstáculo para o conhecimento ou para o desenvolvimento dos métodos experimentais das ciências devido à subjetividade. A vivência subjetiva, por sua vez, pode ser remodelada. Mas a realidade de nossas experiências de mundo não possuem determinação. Por isso, a concepção de horizonte do mundo-da-vida é imprescindível para a fenomenologia que traz a subjetividade como modo de compreensão ampla dos significados dados pelos sujeitos, no mundo circundante que nós também somos constituídos e percebemos as coisas ao nosso redor como participantes entre nós e não como simples acontecimentos cientificamente comprovados.

O ponto de vista de Husserl a respeito da crise evidencia que a mesma está no esquecimento do mundo e na constituição de mundo elaborado pelas ciências positivistas. A cientificidade da ciência moderna, o psicologismo do positivismo, a falta de sentido da humanidade, o desvio da racionalidade na ética, são sinais de uma crise, na qual a humanidade está naturalmente imersa. A matematização do mundo-da-vida mascarou o autodesenvolvimento responsável pela crise na comunidade europeia. Outra observação importante é considerar o papel da filosofia como primordial na queda e na reconstrução humanitária dos discursos de Husserl e, por consequência, para a função indispensável do movimento de renovação no interior das realizações humanas.

Por isso, foi necessária uma investigação do sentido da vida humana para que o filósofo mostrasse que nós somos seres éticos e sociais, transcendendo o egoísmo do *cogito*. A maneira que a perspectiva da renovação apresenta para pensar a vida e o mundo nos apresenta uma necessidade ética, evidenciando nosso pertencimento comum ao mundo no qual vivemos e pensamos.

Este percurso de pesquisa também nos mostrou a imensa estima que Husserl tinha pela ciência como um caminho seguro e metódico para chegar à verdade. Compreendemos com isso o interesse em nos colocar regidos sempre por uma ciência, como por exemplo: “a ética como ciência”, “a filosofia como ciência”, o trabalho de “ciência estrutura”, “a fenomenologia como ciência rigorosa”. Neste sentido, a renovação começaria também pelo questionamento do *a priori* enquanto busca de uma ciência que estaria cada vez mais à disposição da humanidade. Devido a isso, a renovação, na perspectiva de nos voltarmos ao mundo-da-vida, nos põe diante da reflexão sobre exercer nossa racionalidade própria, conferindo à nossa cultura o que lhe é autêntico.

As trilhas conceituais husserlianas caracterizam uma visão acerca da cultura europeia e abraça toda nossa trajetória de esforço teórico para compreender que a reforma filosófica que Husserl elaborou nos coloca como diretamente responsáveis pela criação ou recuperação de uma cultura racional elevada pela filosofia, não apenas como uma norma à qual precisamos obedecer.

A perspectiva da renovação está para a civilização europeia, pautada na ideia de Europa como unidade de vida espiritual. A reflexão husserliana, embora se abra para a multiplicidade de ser, tem um determinado tipo de cultura pautada na ciência e na filosofia como base, de valorização do sujeito da experiência. Ao mesmo tempo, educar todas as ciências para um olhar como um ser ético; e, portanto, redirecionar o mundo para tal.

A renovação em um sentido supremo, após análise do terceiro e quarto artigos da *Kaizo*, permite afirmar que o ser humano tem potencial para renovar a ele mesmo e à cultura de forma responsável, retornando ao ideal em que a filosofia estava no centro de nossas vidas. A autorreflexão acerca das ações individuais e em comunidade orientam o autoconhecimento que exige um horizonte ético.

Outra ressignificação do mundo-da-vida que elencamos foi com a adesão histórica da humanidade. A autocompreensão que Husserl defende no terceiro e no quarto artigo da *Kaizo* adere ao sujeito autocentrado inserido em uma história

partilhada que faz parte da constituição do mundo-da-vida. A perspectiva do mundo-da-vida pela renovação não se limita à superação da crise, é também uma tomada de consciência da nossa responsabilidade com o presente e o futuro da humanidade. É pensar também as mudanças na educação cultural.

Consideramos que a renovação aponta para o mundo-da-vida, pois nele e com ele a renovação acontece. Quando suspendemos o mundo objetivo e nos voltamos para a tomada de consciência que acontece com a renovação no mundo-da-vida.

A relação entre história e renovação é importante pois a visão historicista trivializa a relação determinado-determinante, estabelecendo nexos de causalidade lineares pautados na ideia de um fluxo histórico. Para Husserl, esta perspectiva naturaliza ingenuamente os percursos como circunstanciais. Husserl busca assim articular, em especial no debate da renovação, uma perspectiva da subjetividade com sua pertença à intersubjetividade histórica e cultural, fundada no mundo-da-vida.

As análises realizadas nesta dissertação nos levam a pensar que a renovação não é uma necessidade individual ou uma negação da ciência, ela é, em suma, um movimento que nos convida radicalmente a “retornar às coisas mesmas”, em sentido ético-histórico e não apenas epistemológico ou metafísico, para nos reconstruir como humanidade frente a uma crise espiritual. A renovação seria, assim, um processo de mudança de atitude diante das imposições naturalistas, de pensamento em relação ao futuro incrédulo na razão e ao presente tão desprovido de sentido.

Husserl traz também a problemática dos sujeitos interculturais que só são entendidos como tais a partir do mundo-da-vida. As duas premissas que se destacam no conceito de renovação é a da reflexão sobre si e sobre o outro e o pensamento racional, as duas comportam a autorregulação, autoconhecimento, a crítica, que são resultados das nossas experiências conscientes em um horizonte de possibilidades. Em vista disso, a temática da renovação nos provoca a refletir os limites da diversidade cultural que permeia um projeto universal e de pensar a crise em todos esses âmbitos abordados aqui nos tempos atuais.

Podemos ainda afirmar que a renovação é humanitária e cultural na respectiva aspiração individual e coletiva em que a reforma racional se fará presente. O chamado de Husserl com a renovação exerce a habilidade de abrir

questões sobre conceitos e teorias defendidas por ele. E nos leva ao conhecimento sobre a humanidade e o sentido de ser dissipado pela invasão das ciências no mundo-da-vida.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi, Revisão da tradução e tradução dos novos textos por Ivone Castilho Benedetti. Martins Fonte, São Paulo, 2007.

AINBINDER, B. "Renovación y autonomía. Justificación epistémica y responsabilidad ética en la filosofía de Edmund Husserl." **Ideas y Valores**, 70, 177, p.113-129, 2021.

ALLEN, J. "Introduction to Husserl's 'Renewal: Its Problem and Method.'" Husserl: Shorter Works. ed. Peter McCormick and Frederick Elliston. Notre Dame: University of Notre Dame Press, pp. 324-325, 1981.

ALVES, P. M. S. Introdução à tradução portuguesa. In: Husserl E. **Europa: crise e renovação**. Trad. P. M. S. Alves e C. A. Morujão. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2014.

ALVES, P. M. S. ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA NAS IDEEN -I DE HUSSERL E MAIS ALÉM. **Revista Ética e Filosofia Política** , Número XVI , Volume II, 2013.

AQUINO, M, F. A VISÃO DO MUNDO EM HUSSERL E HEIDEGGER. **SÍNTESE**, v. 2 n. 3, 1975.

ARROYO, C. HUMEAN AND KANTIAN INFLUENCES ON HUSSERL'S LATER ETHICS. **PHILOSOPHY TODAY**, SPEP SUPPLEMENT, 2006.

AZEVEDO, Erico de Lima. "A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental" de Edmund Husserl: uma apresentação. 126 fls. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BELLO, A. A. **Fenomenologia e ciências humanas : psicologia, história e religião**. Angela Ales Bello: organização e tradução Miguel Mahfoud e Marina Massimi.-- Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BELLO, A. A. **The divine in Husserl and other explorations**. Dordrecht, Holanda: Springer. Analecta Husserliana, XCVIII, 2009.

BENEDETTI, E. J. B. . A CRISE E SUA SUPERAÇÃO: NOTAS A PARTIR DO PENSAMENTO DE HUSSERL. **Revista Enciclopédia de Filosofia** , v. 5, p. 178-192, 2016.

BERTO, A.B.F. A matematização da natureza e o desenraizamento do homem. **Perspectivas Online**, v.1, n.3, pp.18-26, 2007.

BIEMEL, Walter. Apresentação acerca do texto. in: **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. (Husserliana VI). Editado por Walter Biemel. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

BRASILEIRO BORGES, Tomaz. *Época de Crise na Filosofia de Ortega y Gasset*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2017.

CADENA, N. B. Nova camada de encobrimento do mundo da vida. **FRAGMENTOS DE CULTURA**, v. 31, p. 136-153, 2021.

CARR, D. Husserl and Foucault on the historical apriori: teleological and anti-teleological views of history. **Continental Philosophy Review** 49 (1):127-137, 2016.

CARR, D. Husserl's World and Ours. **Journal of the History of Philosophy**, Volume 25, Number 1, pp. 151-167, 1987.

CARR, D. **Interpreting Husserl: Critical and Comparative Studies**. In: *Phaenomenologica*, 106, Dordrecht, Lancaster: Martinus Nijhoff, 1987.

CARR, D. Husserl's Crisis and the problem of history. In: **EDMUND HUSSERL: Critical Assessments of Leading Philosophers**, volume V. *Horizons: Life-world, Ethics, History, and Metaphysics*, ed. by Rudolf Bernet, Donn Welton and Gina Zavota, London & New York: Routledge, 2005.

CARR, David. Husserl's Problematic Concept of the Life-World. **American Philosophical Quarterly**, Vol. 7, No. 4, pp. 331-339, 1970.

CASTORIADIS, C. **Para si e subjetividade**. In A. Pena-Vega & E. P. do Nascimento (Orgs.), *O pensar complexo. Edgar Morin e a crise da modernidade* (pp. 35-46). Rio de Janeiro: Garamon, 1999.

CAVALHEIRI, A. **Entre o mesmo e outro: A ambiguidade do conceito de renovação**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Maria(UFSM). Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2018.

CAVALIERI, E. Lebenswelt Husserliano e a Problemática Religiosa do Cotidiano. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 5 - Junho, 2004.

CAVALIERI, E. **Via a-teia para Deus e a ética teleológica a partir de Edmund Husserl** / Edebrande Cavalieri. - Vitória: EDUFES, 2013.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CÉSAR, C. M.; SANTOS, W. A. A noção de crise em Husserl e a discussão acerca de sua superação. **Revista Estudos Filosóficos**, no 10, 2013.

CUNNINGHAM, C. **Genealogy of nihilism**. Edited by John Milbank, Catherine Pickstock and Graham Ward. Routledge, London and New York, 2002.

DRUMMOND, J. J. **Historical Dictionary of Husserl's Philosophy**. Scarecrow Press, V 81, 2007.

DUTTA, S. The Notion of Life-World in Edmund Husserl's Transcendental Phenomenology. **Research Guru: Online Journal of Multidisciplinary Subjects (Peer Reviewed)**, Volume-13, Issue-2, pp.205-211, 2019.

DUTTA, S. The notion of life-world in Husserl's crisis: an overview. **Philosophical Papers: Journal of the Department of Philosophy**, Vol. XVIII, pp- 258-270, 2022.

ERTHAL, C. A. **A solidariedade afetiva como fundamento ético: husserl e a renovação no mundo da vida**. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre, 2017.

FABRI, M. A Atualidade da Ética Husserliana. **Veritas (Porto Alegre)**, v. 51, p. 69-78, 2006.

FABRI, M. Ética Pura e Situações Motivacionais: O sujeito moral em Husserl. **Dissertatio (UFPel)**, v. 35, p. 31-45, 2012.

FERRARELLO, S. **Husserl's Ethics and Practical Intentionality**. By Susi Ferrarello, 1aed, New York: Bloomsbury Academic, 2016.

FERRAZ, M. S. A. Lições do mundo-da-vida: o último Husserl e a crítica ao objetivismo. **scientiæ studia**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 355-72, 2004.

FØLLESDAL, D. The Lebenswelt in Husserl. In: **Science and the Life-World: Essays on Husserl's 'Crisis of European Sciences'**, Stanford University Press, pp.27-45, 2010.

FONTANA, V. F. HUSSERL: ÉTICA E RESPONSABILIDADE DO FILÓSOFO. **AUFKLÄRUNG**, João Pessoa, v.8, n.3, Set.-Dez, p.63--76, 2021.

FONTANA, V. F. Husserl e o reflexo da crise da Filosofia na crise da humanidade. **ARGUMENTOS** - Revista de Filosofia/UFC. Fortaleza, ano 15, no 29, 2023.

GIRARDI, L. **Crisis and Problematicity: Europe from the Perspectives of Edmund Husserl and Jan Patočka**. Doctoral thesis, University of Limerick, 2019.

GOTO, T. A. Fenomenologia, Mundo-da-Vida e Crise das Ciências: a necessidade de uma Geografia Fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, p. 33-48, 2013.

GOTO, T. A. **A (re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia. Campinas: PUC-Campinas, 2007.

GROLLO, S, G. Rethinking Husserl's lifeworld: The many faces of the world in Heidegger's early Freiburg lecture courses. **Continental Philosophy Review**, pp.487–502, 2022.

GUBSER, M. An Image of a Higher World: Ethical Renewal in Franz Brentano and Edmund Husserl. **Santalka: Filosofija**, Komunikacija, 17 (3):39-49, 2011.

GUIMARÃES, A. C. O Conceito de Mundo da Vida. **Cadernos da EMARF**, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.1-150, abr./set, 2012.

HEINÄMAA, S. Husserl's Ethics of Renewal: A Personalistic Approach. In M. Tuominen, S. Heinämaa, & V. Mäkinen (Eds.), *New Perspectives on Aristotelianism and Its Critics*. Brill. Brill's studies in intellectual history, pp. 196-212, 2015.

HUSSERL E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1990.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. (Husserliana VI). Editado por Walter Biemel. Trad. Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre, 2ª edição, EDIPUCRS, 2002. (Coleção Filosofia)

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

HUSSERL, E. **A Filosofia como Ciência de Rigor**. Coimbra: Atlântida.1965.

HUSSERL, E. **A ingenuidade da ciência**. Trad. Marcella.M.M.S. Scientiae Studia, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-67, 2009.

HUSSERL, E. **Europa: crise e renovação**. Trad. P. M. S. Alves e C. A. Morujão. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, E. LA IDEA DE UNA CULTURA FILOSÓFICA. SU PRIMERA GERMINACIÓN EN LA FILOSOFÍA GRIEGA. **Investigaciones Fenomenológicas**, n. 15, 207-218, 2018.

JACOBS, H. **The Husserlian Mind**. Edited By Hanne Jacobs, New York: Routledge Philosophical Minds, 1ª edição, 2021.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Editor Jorge Zahar, Digitalizado por TupyKurumin, Rio de Janeiro, 2001.

JOSGRILBERG, R. S. Um mundo como horizonte para todos os mundos. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 9, n. 2, p. 181-196, jul.-dez, 2020. Edição Especial.

KLAGGES, B. S. "Elementos para una ética científica en los artículos publicados por Edmund Husserl en la revista The Kaizo". **Rev. Colomb. Filos. Cienc.** 17.35 (2017): 181-193.

LETENSKI, I. **EDMUND HUSSERL E A CRISE DAS CIÊNCIAS EUROPEIAS**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências

Humanas Letras e Artes, Programa de pós-graduação em Filosofia - Mestrado, Curitiba, 2010.

MARANDOLA JR., Eduardo. 'O erro de Heidegger': do estado-nação ao lugar como habitar poético. **GEOTEXTOS**, v. 16, p. 199-225, 2020.

MENDES, A. M.M. Subsídios para uma Teoria das crises políticas. In: Livro de Actas do 4o Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, Aveiro, SOPCOM, pp. 765-774. Comunicação apresentada ao 1o Congresso Ibercom, Málaga, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, p.7-29, 1973.

MESQUITA, L. M. **A crise dos fundamentos e a renovação da humanidade por meio da fenomenologia transcendental**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Curso de Graduação em Filosofia, 2017.

MIETTINEN, T. Husserl and Europe. In D Meacham & N D Warren (eds), *The Routledge Handbook of Philosophy and Europe*. **Routledge handbooks in philosophy**, Routledge, Abingdon, pp. 72-83, 2021.

MIETTINEN, T. Phenomenology of Culture and Cultural Norms. in S Heinämaa, I Hirvonen & M Hartimo (eds), *Contemporary Phenomenologies of Normativity*. **Routledge**, New York, NY, 2022.

MIETTINEN, T. **The Idea of Europe in Husserl's Phenomenology: A Study in Generativity and Historicity** (Director: Sara Heinämaa) Department of Philosophy University of Helsinki, Helsinki, Finland, 2013.

MISSAGGIA, J. O. A NOÇÃO HUSSERLIANA DE MUNDO DA VIDA (LEBENSWELT): EM DEFESA DE SUA UNIDADE E COERÊNCIA. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, Jan./Mar, 2018.

MISSAGGIA, J. O. **Redução, intencionalidade, mundo: a fenomenologia husserliana como superação da oposição entre realismo e idealismo**. Tese(Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Porto Alegre, 2015.

MOHANTY, J. N. **Edmund Husserl's Freiburg Years: 1916-1938**. Yale University Press, 2011.

MOOR. R. C. Subjetividade transcendental e deus: fundamentos da fenomenologia de Husserl. **Griot: Revista de Filosofia**, vol. 20, núm. 3, pp. 112-124, 2020.

MORAN, D; COHEN, J. **The Husserl dictionary**. Londres: Bloomsbury. 2012.

MORAN, D. "Aun el papúa es un hombre y no una bestia": Husserl sobre el universalismo y la relatividad de las culturas. **Stoa**, Vol. 11, no. 22, pp. 183–226, 2020.

MORAN, D. Die verborgene Einheit intentionaler Innerlichkeit, **Alter**, 21, p. 117-134, 2013.

MORUJÃO, Alexandre F. **Estudos Filosóficos**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2002 (Coleção: Estudos Gerais – Série Universitária).

MOURA, C. A. R. Prefácio In: **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução de Márcio Suzuki. 4a ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

NELSON, E. S. **Chinese and Buddhist Philosophy in Early Twentieth - Century German Thought**. New York: Bloomsbury Academic, 2017.

NENON, T. Umwelt em Husserl e Heidegger. in: Ingo Ferrin and Michael Bowler (eds.), *The Hermeneutical Heidegger*, **Northwestern University Press**, Evanston: Illinois, pp. 72-93, 2016.

NIÑO, P. G. A. Notas sobre la ética de Husserl a Habermas. **Civilizar** 12 (22), pp. 157-166, 2012.

NOVAES, A. A lógica atormentada. In: NOVAES, Adauto (org.). **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1a edição, 1996.

PORTOCARRERO, M. L. Viagens do olhar europeu sob a herança do filosofar: do movimento da theoria ao olhar vazio de Narciso. **Revista Filosófica de Coimbra**. ISSN 0872-0851. Vol. 19, no 37, p. 7-24, 2010.

PÖTTKER, J. M. **Razão e imaginação: dois caminhos necessários para a construção do saber matemático**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado da UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2007.

SACRINI, Marcus. O espírito objetivo segundo Husserl. **Revista Phainomenon**, v. 27, p. 23-52, 2018.

SALANSKIS, J. **Husserl**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

SCHWEITZER, A. **Filosofia da civilização: Queda e reconstrução da civilização - Civilização e ética**. Tradutor: Pete Rissatti, Editora Unesp, 2013.

SERVAN, J. **The Horizon of Humanity and the Transcendental Analysis of the Lifeworld**. A-T Tymieniecka (ed.), *Analecta Husserliana CIII*, 2009.

SMITH, D. W. **Husserl**. Routledge Philosophers Series. New York: Routledge, 2007.

STEINBOCK, A. J. **Limit-Phenomena and Phenomenology in Husserl**. Rowman & Littlefield International, 2017.

STEINBOCK, A. J. The Project of Ethical Renewal and Critique: Edmund Husserl's Early Phenomenology of Culture. University of New Hampshire, **The Southern Journal of Philosophy**, Vol. XXXII, 1994.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12 n. 3, p. 852-866, 2012.

TOURINHO, C. D. C. Crítica Ao Naturalismo E Teleologia: O “Positivismo Filosófico” Da Fenomenologia De Husserl. **COGNITIO-ESTUDOS**: Revista Eletrônica de Filosofia, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 16, no. 1, 2019.

TOURINHO, C. D. C. Dois discursos sobre a natureza: dos contrassensos naturalistas à “geologia fenomenológica” de Husserl. **PHILÓSOPHOS**, Goiânia, V. 26, N. 2, p. 1- 24, JUL./DEZ. 2021.

TROTTA, W. Reflexão acerca dos elementos constitutivos da ética husserliana. **CADERNOS DE FENOMENOLOGIA E DIREITO**, v. 7, p. 37-66, 2014.

TYMIENIECKA, A. “Introduction”. in Anna-Teresa Tymieniecka (ed.), *Phenomenology World-Wide. Foundations, Expanding Dynamics, Life-Engagements. A Guide for Research and Study*, Analecta Husserliana LXXX (Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 1–8, 2002).

UČNÍK, L; WILLIAMS, A. Judgement, Responsibility and the Life-World. **Murdoch University**, 2012.

VÁSQUEZ, G. H. **La ética fenomenológica como responsabilidad para la renovación cultural**. Introducción In HUSSERL, Edmund. *Renovación del hombre y de la cultura*. Cinco ensayos. Barcelona: Anthropos editorial, 2002.

VILLELA-PETIT, M. **The transcendental and the singular**: Husserl and the existential thinkers between the two world wars. A-T Tymieniecka (ed.), *Analecta Husserliana CIII*, 31-43, 2009.

VRIES, H. Conversion And Renewal: Epitomising Phenomenology’s Anti-Naturalist. **The Heythrop Journal**, New York University, PP. 188–204, 2023.

YU, C. Husserl On Ethical Renewal And Philosophical Rationality: Intercultural Reflection. **Investigaciones Fenomenológicas**, n. 9, pp.145-156, 2012.

YU, C. Husserl on Lifeworld and Experiential World. Vol. 6 No. 12, **Società Mutamento Política**, p.13-27. 2015.

ZAHAVI, D. **A fenomenologia de Husserl**. 1ª Edição Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. (Coleção filosofia primeira)

ZELIĆ, T. On the Phenomenology of the Life-World. In: **Synthesis philosophica 46**, pp. 413–426, 2008.

ZILLES, U. A fenomenologia husserliana como método radical. In: HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.13 n.2, p. 216-221, 2007.